



**Ligia Thomaz Vieira Leite**

**De Paulo Barreto a João do Rio:  
um intelectual carioca na República Velha**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós- Graduação em Ciências Sociais da  
PUC-Rio como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Ciências  
Sociais

Orientadora: Profa. Maria Alice Rezende de Carvalho

Rio de Janeiro  
Setembro 2023



**Ligia Thomaz Vieira Leite**

**De Paulo Barreto a João do Rio:  
um intelectual carioca na República Velha**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Maria Alice Rezende de Carvalho** - Orientadora  
Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof. Valter Sinder**  
Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Profa. Julia Galli O'Donnell**  
Departamento de Antropologia – UFRJ

**Prof. Marcelo Tadeu Baumann Burgos (Suplente)**  
Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Ligia Thomaz Vieira Leite**

Graduada em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com graduação interrompida em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Cidade – CENTRAL/PUC-Rio

#### Ficha Catalográfica

Leite, Ligia Thomaz Vieira

De Paulo Barreto a João do Rio : um intelectual carioca na República Velha / Ligia Thomaz Vieira Leite ; orientadora: Maria Alice Rezende de Carvalho. – 2023.

140 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2023.

Inclui bibliografia

1. Ciências Sociais – Teses. 2. João do Rio. 3. Sociologia da cultura. 4. República Velha. 5. Rio de Janeiro. 6. Intelectuais. I. Carvalho, Maria Alice Rezende de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Ciências Sociais. III. Título.

CDD: 300

Ao meu avô, Roberto.



## Agradecimentos

Qualquer trabalho que eu entregue ao longo da minha – espero que longa – vida acadêmica não pode deixar de lado o agradecimento às duas instituições que me formaram como pesquisadora e como adulta, de modo que começo por elas. Agradeço à Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para sempre minha *alma mater*, onde desenvolvi minha paixão pelas entrelinhas e pelo mundo de significados e desenvolvimentos possíveis que ali podem se esconder. Sou grata também à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em cujos corredores fui apresentada à potência da interdisciplinaridade e aos estimulantes desafios da pesquisa. A pessoa que sou hoje, e que transparece em tantos pontos do trabalho aqui desenvolvido, é fruto dessas duas universidades de excelência às quais serei sempre grata.

Esse trabalho também não poderia ter sido realizado sem a confiança e todo o apoio da minha orientadora, Maria Alice Rezende de Carvalho, quem pacientemente me conduziu pelas incursões em um novo campo do conhecimento, validando minhas confusões e apresentando inúmeros caminhos possíveis. À Maria Alice também agradeço por compartilhar o brilho nos olhos e por toda a paixão com que me apresentou a sociologia; estes que tornaram quase impossível o desvio para outros caminhos. Agradeço também por todo o apoio na construção deste trabalho. Nada disso seria possível, se não fosse por você.

Ao Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, agradeço por ter se tornado, nos dois últimos anos – e nos que os precederam – um pouco família. Agradeço especialmente às queridíssimas Aline Selder, Ana Roxo e Mônica Gomes, que tanto me apoiaram nessa trajetória, fosse com informações necessárias, impressões ilegais, um carinho inesperado ou apenas um bom papo na saída da aula. Agradeço também ao corpo docente que, em aula ou fora dela, sempre acolheu minhas dúvidas e deu asas às minhas ideias mais diversas. Nomeadamente, sou grata aos professores Ana Paula Carvalho, Luiz Werneck Vianna, Marcelo Burgos e Valter Sinder, que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica e cujos ensinamentos jamais esquecerei. Agradeço, ainda, à professora Júlia O'Donnell, da UFRJ, pelas valiosas sugestões bibliográficas e de conteúdo oferecidas a este trabalho, além da disponibilidade e entusiasmo com que sempre me atendeu.

Não posso deixar de agradecer, ainda, às amigas e amigos que me acompanharam nesse trajeto árduo que é o parto de uma dissertação de mestrado. Pela atenção às minhas dúvidas, pela lembrança de prazos, pelo apoio mútuo no período da pandemia – e ao longo de todo o curso – e pelas cervejas depois da aula no presencial, agradeço especificamente aos amigos que fiz na turma do mestrado. Pelas primeiras impressões sobre este trabalho, por me ouvirem falar de João do Rio por horas a fio em tons de fofoca, pelos *home offices* compartilhados, pelos “*freelas*” indicados e por sempre salvar minha autoconfiança, quando eu achava que não ia conseguir, agradeço aos amigos da faculdade e da vida. Quem tem um amigo tem tudo e eu sou muito privilegiada por ter vocês comigo.

Esta seção não poderia terminar de outra forma que não com o agradecimento à minha pequena grande família. Entre tantos motivos que tenho para agradecer a vocês, o apoio – e o incentivo – ao decidir trilhar um caminho tão diverso daquele que havia planejado ao entrar na faculdade não pode deixar de ter um lugar de destaque. Agradeço, ainda, em específico, à minha avó, por me lembrar da leveza da vida e pelas risadas, sempre presentes. Ao meu pai, por acreditar em mim até quando eu mesma duvido e por sempre me apoiar, em cada passo do processo. Por último, à minha mãe, minha socióloga favorita. Ninguém ouviu ou leu esse trabalho tantas vezes quanto ela; ninguém me acompanhou por tantas crises e alegrias quanto ela; ninguém me emprestou tantos livros – que talvez eu nunca devolva. Agradeço, ainda, à minha mãe por me apresentar ao mundo das ciências sociais e trilhar juntinho comigo os caminhos do mestrado, dividindo angústias, decepções, surpresas, alegrias e até a orientadora. Daqui a pouco é você e eu morro de orgulho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Leite, Ligia Thomaz Vieira; Carvalho, Maria Alice Rezende de, (Orientadora). **De Paulo Barreto a João do Rio: um intelectual carioca na República Velha**. Rio de Janeiro, 2023. 141 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O trabalho desenvolvido se debruça sobre a habilidade singular de Paulo Barreto na compreensão das forças em disputa no processo de formação do campo intelectual carioca da Primeira República e sobre como esta o possibilitou construir para si mesmo a representação – e a forma textual – a partir da qual se inseriria nessa contenda. Uma vez inserido, atuaria na mediação entre a cultura elitizada dos salões e a cultura popular das ruas. Para cumprir seus objetivos, a pesquisa parte da compreensão da existência da disputa entre uma elite que se queria cosmopolita e europeizada e diversos grupos heterogêneos e fragmentados que resistiam ao avanço destas através de mecanismos outros que não a política institucional. A partir deste entendimento, a investigação se debruça sobre a vida e a obra de Paulo Barreto, homem gordo, nascido na fronteira entre os dois universos em disputa, de família interracial e que era compreendido como homossexual por seus contemporâneos. O trabalho identifica os estigmas a que estava sujeito o autor e a representação por ele conduzida na busca de mitigar os efeitos destes, esta que deu origem ao seu alter-ego público pelo qual ficou conhecido, o João do Rio. Neste personagem, mirando em seu projeto de ascensão social e financeira, o autor incorporou em sua representação símbolos diversos que o identificavam com as imagens representadas pelas elites locais, o que, ao lado de sua habilidade de articulação de seu capital social e das oportunidades que surgiam a partir dos avanços tecnológicos que chegavam à cidade, possibilitou a concretização de boa parte de seu projeto – não sem sofrer intensa resistência dos círculos intelectuais e das elites políticas locais.

## Palavras-chave

João do Rio; sociologia da cultura; República Velha; Rio de Janeiro; intelectuais.

## **Abstract**

Leite, Ligia Thomaz Vieira; Carvalho, Maria Alice Rezende de, (Advisor). From Paulo Barreto to João do Rio: a “carioca” intellectual in the Old Republic. Rio de Janeiro, 2023. 141 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The work here developed focuses on Paulo Barreto's unique ability to understand the forces in dispute in the process of formation of the intellectual field in Rio de Janeiro during the First Republic. It also analyses how this enabled him to build for himself the representation – and the genre – which would allow him to be included in this controversy. Once inserted in the field, his work would serve as a mediator between the elitist culture of the salons and the popular culture of the streets. To fulfill its objectives, the research starts by understanding the existence of a quarrel between an elite that wanted to be cosmopolitan and Europeanized and several heterogeneous and fragmented groups that resisted the advance of these elites through mechanisms other than institutional politics. Based on this understanding, the investigation focuses on the life and work of Paulo Barreto, a fat man, born on the border between the two universes in dispute, from an interracial family and who was understood as a homosexual by his contemporaries. The work identifies the stigmas to which the author was subjected, and the representation conducted by him in attempt to mitigate its effects. The representation is impersonated by his public alter-ego, by which he became known, João do Rio. In his project of social and financial ascension, the author incorporated in his character symbols that identified him with the images impersonated by the local elites, which, alongside his ability to articulate his social capital and the opportunities that arose from technological advances, enabled the realization of a good part of his project – not without him suffering intense resistance from intellectual circles and local political elites.

## **Keywords**

João do Rio; sociology of culture; Old Republic; Rio de Janeiro; intellectuals.

## Sumário

1	Introdução	11
1.1	Cidade, literatura e jornal como pressupostos	15
2	Jovem jornalista anônimo	24
2.1	Nascido nos arredores da Cidade Nova	26
2.2	Capital social familiar	31
2.3	Em formação	34
2.4	Entrando na imprensa	37
2.5	Nasce um imortal	43
3	Intelectual carioca	49
3.1	Campo em formação	49
3.2	Personagem: João do Rio	56
3.3	Trajetória vertiginosa	69
4	Cronista do apesar	91
4.1	Um novo imortal	92
4.2	Diretor da Gazeta de Notícias	98
4.3	Longe do anonimato	107
4.4	Embaixador não-oficial	117
5	Considerações finais	128
6	Referências	132
7	Anexo 1: mapa da vida e obra de João do Rio	140

## Lista de figuras

<b>Figura 1</b> – Local onde nasceu Paulo Barreto, na freguesia de Sacramento.	27
<b>Figura 2</b> – Trajeto Rua Buenos Aires, 284 (antiga Rua do Hospício) a Rua do Ouvidor	30
<b>Figura 3</b> – Cultos e templos referenciados por João do Rio em As Religiões do Rio	72
<b>Figura 4</b> – A primeira coluna de "Cinematographo"	85
<b>Figura 5</b> – Caricatura de João do Rio e Olavo Bilac publicada na primeira edição do mensário O Gato.	100
<b>Figura 6</b> – Caricatura de João do Rio intitulada "O último livro", publicada na revista O Gato.	100
<b>Figura 7</b> – Primeira página do jornal O País, de 14 de agosto de 1915, que figura, destacado, o texto "Opiniões de um jornalista impossível", de João do Rio.	109

# 1

## Introdução:

A história do Rio de Janeiro foi marcada por diversos personagens que incorporaram e produziram muito da formação social da cidade. Entre monarcas, chefes de Estado e grandes empreendedores, também fizeram seu nome muitas pessoas "comuns" que, no dia a dia, mesmo exercendo profissões que não lhes garantiam tanto prestígio entre as elites, instituíram sua marca na história da Corte e do Distrito Federal, com frequência, na do país. Entre essas personalidades está João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio, homem negro, gordo e compreendido como homossexual<sup>1</sup> que conquistou a fama e a ascensão social através do jornalismo em um momento em que a atividade era pouco valorizada pelos círculos intelectuais e que a leitura ainda era habilidade pouco difundida no país. Hoje, mais de 100 anos após sua morte, não faltam pesquisas que, por diversas frentes, se debruçam sobre aquela personalidade marcante na história da cidade, entre as quais se inscreve esta dissertação. A pesquisa pretende compreender como vida e obra de João do Rio se relacionam com o período de consolidação da nascente República em sua capital, visando destrinchar o processo cultural que permitiu a sua alçada ao lugar de intelectual renomado e as mudanças por ele incorporadas no texto literário veiculado numa imprensa em vias de modernização. Para atingir este objetivo, o trabalho se debruçará sobre a trajetória do autor, sobre a construção da imagem de João do Rio enquanto seu alter-ego e sobre a relação entre estas e as mudanças ocorridas na cidade no período, assim como com o campo intelectual em constituição ao longo de sua vida.

Na virada do século XIX para o XX, o eixo mais importante da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro era ocupado por grupos de diversas origens, hábitos e costumes, que habitavam as áreas centrais da capital. Quando da morte de João do Rio, porém, os projetos segregadores da nascente República – que em muito reproduziam o anelo urbanístico de programas constituídos durante o Império – já se encontravam em estágio avançado, afastando do centro as classes mais pobres, que passaram a ocupar subúrbios e morros, ao mesmo tempo em que as classes mais

---

<sup>1</sup> O trabalho se debruçará sobre as polêmicas envolvendo a sexualidade de Paulo Barreto no capítulo 2.

abastadas migravam para o sul e para as praias da região oceânica. Em menos de meio século, o traçado urbano se transforma radicalmente e o "progresso" segregador visado pelos republicanos se inscreve no próprio cotidiano dos cidadãos.

Se, antes, a morfologia da cidade era socialmente mista, propiciando encontros entre diferentes, com as reformas urbanas, tais locais se tornaram cada vez mais escassos e inscreveram na geografia da cidade as hierarquias sociais. Esta metamorfose, porém, não se dá de modo linear e diversos pontos de resistência se formam no traçado urbano, assim como na música, na literatura e nos hábitos de alguns cidadãos. Entre os destaques, está o papel dos jornalistas na conformação do imaginário sobre a cidade. Eles atuam em dois sentidos, tanto contribuindo para a construção do imaginário segregador que serviria de fundamento para as reformas, como, ao contrário, inserindo novos personagens e histórias que auxiliam na desestabilização das hierarquias que fundamentam os processos de marginalização de certos grupos. São, pois, agentes da dialética entre os mundos da "ordem" e da "desordem", citados por Antonio Candido (2004), cuja divisão se desenha de forma cada vez mais nítida.

São várias as condições que garantem o lugar de destaque nos jornais à consolidação dos imaginários na *belle époque* carioca, que vão desde as intensas mudanças pelas quais passou sua forma no período, até a profissionalização e prestígio conquistados por seus profissionais. Um ponto, porém, tem ainda maior relevância para os fins a que se dedica esta pesquisa: a veiculação de textos literários relacionados às atualidades nas páginas dos periódicos. Esse tipo de texto que, como o veículo em que está inserido, sofre intensas transformações ao longo dos anos, introduz no jornal uma nova linguagem, mais associada aos usos cotidianos, assim como novos personagens, frequentemente aqueles sem destaque nas demais páginas do veículo. Principalmente, essa nova forma textual insere na dinâmica social carioca uma nova figura, caracterizada por sua possibilidade de circular pela cidade e interagir com os cidadãos de diferentes extratos sociais: o cronista.

Sem inscrição plena no campo dos intelectuais ou no dos jornalistas, o cronista passa a assumir um lugar próprio na ordem da cidade, quase como um ponto de encontro entre a cidade letrada dos homens ilustres de uma República nascente e a cidade real do povo que se esforçava por ignorar, tanto quanto possível, os desígnios daquela República letrada da qual eram mantidos tão distanciados



(Carvalho, J. M., 2019). Esses autores produziam um tipo de texto limítrofe entre a alta literatura dos salões e a redação dos jornais dedicados à narração da vida cotidiana. Não poderia ser outro, portanto, seu posto prioritário, que não a rua, espaço em que hierarquias e conceitos pré-estabelecidos podiam ser com alguma facilidade desestabilizados.

Entre os tantos destes autores que se dedicaram à escrita literária nas páginas dos jornais à época, é difícil citar um que tenha recebido tamanho reconhecimento como João do Rio. Homem negro, gordo e tido como homossexual, João do Rio nasceu de família humilde, moradora dos arredores da estigmatizada freguesia de Santana (que incorporava, desde o atual Campo de Santana até o morro de São Diogo, limitada ao sul pelo morro do Senado e ao norte pelas praias que, hoje aterradas, formam os bairros da Gamboa e Santo Cristo), então localizada nas margens da parte mais urbanizada da cidade. Começou a carreira como jornalista e com o tempo desenvolveu um estilo de escrita próprio que, abusando da ironia, escancarava as dicotomias presentes na sociedade carioca, ao tempo em que apontava os pontos de encontro entre os diferentes grupos. Sua trajetória no interior dos circuitos intelectuais cariocas e sua produção jornalística neste período só são possíveis graças às brechas nos projetos segregadores que assolam a cidade do Rio de Janeiro desde antes de ele nascer, e para cujo alargamento contribuiu, apesar da marcha implacável do Poder Público no sentido contrário. É possível afirmar, assim, que Paulo Barreto e seus textos são ao mesmo tempo *produzidos por e produtores de* espaços de resistência em uma cidade que se pretende, por meio dos projetos de suas elites governantes, cada vez mais excludente. Esta, a hipótese fundamental deste trabalho.

Visando melhor reconstruir a trama de significados da vida de Paulo Barreto, esta pesquisa se debruçará principalmente, sobre sua trajetória de vida, levando em conta os acontecimentos e escolhas que lhe foram determinantes. O trabalho também enfrenta, como ponto determinante no ingresso e circulação do autor nos espaços das elites, a construção de João do Rio como personagem público produzido por Barreto, cuja própria identidade reflete as dicotomias do avanço da modernidade na cidade do Rio de Janeiro. O processo é conduzido a partir dos acontecimentos da vida do autor, assumindo preferencialmente uma ordem cronológica dos fatos a serem esmiuçados.

O projeto que deu origem a essa pesquisa teve suas raízes em investigações anteriores, que se debruçaram sobre diferentes cronistas cariocas e as representações por eles desenvolvidas em seus textos de comportamentos e pessoas criminalizados na cidade do Rio de Janeiro. No curso dos trabalhos citados, foi identificada uma especificidade característica de João do Rio quanto ao lugar por ele ocupado no interior do campo intelectual, sua origem e os estigmas que sobre ele pesavam ao longo de sua carreira. Também ficou destacada, durante o processo, a característica da cidade do Rio, especialmente na virada do século XIX para o XX, de ser um espaço de sociabilidade mista, em que, no espaço público, é favorecida permeabilidade entre as culturas de grupos muito diferentes. Destes pressupostos surgiu a hipótese deste trabalho, que toma a trajetória de João do Rio como fruto das condições específicas do tempo em que nasceu, e que permitiram que ele construísse uma forma textual própria e participasse da construção de uma cultura de permeabilidades vigente na então capital da República.

A dissertação conta com três capítulos, além de uma introdução e uma reflexão a título conclusivo. O primeiro capítulo se debruça sobre a origem do autor, fundamental para compreender de onde ele parte no sentido de sua localização no interior da sociedade carioca. Em um mundo em que as hierarquias se fazem tão presentes como o Rio de Janeiro Imperial em que nasce o cronista, a compreensão da origem social de um autor é ponto fundamental para compreender sua trajetória no interior do campo intelectual. O capítulo se debruçará sobre sua origem familiar, o local onde nasceu, as relações estabelecidas pela família e sua movimentação no interior da cidade durante seus primeiros anos de vida.

O segundo capítulo tem como foco o momento inicial de construção de João do Rio enquanto personagem público de Paulo Barreto. Para isso, primeiramente será apresentado um panorama das elites cariocas no momento do ingresso de Paulo Barreto na imprensa e de sua localização no traçado social da cidade do Rio de Janeiro. Serão identificados os espaços ocupados por literatos e jornalistas nesse cenário para, em seguida, partir para a proposta de construção da imagem de João do Rio, em sua relação com estes dois grupos. Reside, neste capítulo, um dos desenvolvimentos mais importantes para a consolidação da hipótese que guia esta pesquisa. Em seguida, o capítulo ainda abordará a trajetória específica de João do Rio até alcançar o ponto mais central do campo intelectual, conquista marcada por sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. O objetivo é evidenciar como a

leitura de sociedade do autor por trás do pseudônimo foi essencial nas negociações e articulações que teve de empreender para conquistar seu lugar no interior das elites cariocas.

No capítulo a seguir, o foco se direcionará para o momento de consolidação do projeto de ascensão social empreendido por Paulo Barreto. Uma vez eleito membro da Academia Brasileira de Letras, o capítulo se dedicará à análise das críticas, sátiras e ironizações direcionadas à sua pessoa, sempre mantendo profunda relação destas com a representação empreendida pelo cronista, buscando identificar os estigmas que recaem sobre ele e sua relação com a formação social da cidade. O ponto é fundamental para a compreensão da instabilidade do lugar ocupado por João do Rio no interior do campo intelectual, e da resistência apresentadas pelas elites políticas ao seu ingresso em seu meio – o que representaria a consolidação máxima do projeto de ascensão social e financeira empreendido pelo autor.

O trabalho aqui desenvolvido é tributário de toda uma tradição de estudos sobre a vida e obra de João do Rio e sobre a vida no Rio de Janeiro durante a Primeira República, cujo material foi essencial para a construção da pesquisa apresentada. Objetiva, porém, a reflexão promovida nas páginas que seguem, lançar novo olhar para este abundante material, promovendo novos questionamentos, que incorporam temas da contemporaneidade em sua mirada. A proposta é identificar os atores que perpassam a trajetória do autor, assim como mapear o contexto em que esta se desenvolve, sublinhando a agência de Paulo Barreto neste cenário.

A esperança que surge deste trabalho é que, em um momento em que os estudos contemporâneos das metrópoles anseiam por identificar as brechas por onde se possa escapar das formas autoritárias de dominação, a pesquisa possa trazer luz ao processo que, mesmo tensionado pela emergência de dinâmicas social e politicamente segregadoras de diversos grupos sociais, permitiu a formação de frestas por onde puderam passar pessoas e ideias divergentes daquelas impostas pelo avanço da "civilização".

## 1.1

### **Cidade, literatura e jornal como pressupostos**

Antes de discorrer sobre a vida e a obra de João do Rio, porém, alguns pressupostos fundamentais que regeram a construção deste trabalho devem ser esclarecidos. São três os pilares que regem a reflexão conduzida nos próximos

capítulos desta pesquisa: a remodelação que sofria a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, o desenvolvimento da literatura nacional em sua relação com a consolidação de movimentos da política nacional e o desenvolvimento tecnológico e como ele afetou o jornal e os tipos de texto ali veiculados. Estes três pontos se entrelaçam em diversos momentos na compreensão da vida e do trabalho de João do Rio, como símbolo de uma cultura de frestas e resistências que se constituía na cidade do Rio de Janeiro.

Não é novidade nos estudos sociológicos a compreensão dos efeitos do social sobre a produção artística e dos efeitos desta sobre o meio social em que é consumida ou apresentada. Ainda no século XIX, Jean-Marie Guyau (2009 [1889]) analisava alguns dos diferentes aspectos do caráter social da arte. Revisitando pesquisadores que lhe são anteriores, trabalha o caráter social da transmissão das emoções, compartilhadas através das obras de arte e o gênio como potência de sociabilidade e criação de um novo meio social. Reconhece já o autor oitocentista a potência de um duplo movimento que faz com que, ao mesmo tempo, sofra a arte a influência do meio em que é criada e, uma vez produzida, passe a também influenciar este meio. O autor é enfático, porém, em ressaltar a "infinita complexidade" (Guyau, 2009, p. 136) das relações entre o artista – o gênio, em específico – e o meio, situando o produtor da obra como um intermediário fundamental entre ela e a sociedade.

No século seguinte, dois pesquisadores aprofundaram-se nesta reflexão, especialmente detendo-se na localização do indivíduo como ponto intermédio entre o produto de sua ação (no caso aqui em questão, a produção artística) e a sociedade em que está inserido: Marshall Sahlins (2007) e Norbert Elias (1995). O texto de Sahlins se debruça sobre a relação entre a ação individual e a ordem cultural. O autor, importando para a reflexão sobre cultura a separação linguística de *langue* e *parole*, situa o indivíduo (artista) como responsável por, a partir de sua visão e interesses, traduzir a cultura-como-constituída para algo tangível por meio de suas ações. Estas, porém, podem ter maior ou menor impacto na estrutura cultural que materializam, a depender de alguns critérios, entre os quais situa a posição social do autor – esta, de fundamental importância na análise da biografia de Paulo Barreto.

O trabalho de Elias (1995), por outro lado, segue um caminho diferente, embora atinja uma reflexão parecida. Em *Mozart: sociologia de um gênio*, Elias

(1995) analisa sociologicamente a vida do compositor alemão, buscando compreender sua posição na estrutura social constituída, como suas decisões e escolhas afetaram sua trajetória de vida e como estes dois fatores influenciaram na música por ele produzida. Tendo servido de principal inspiração para este trabalho, a pesquisa minuciosa de Norbert Elias (1995) identifica os movimentos do compositor e as reações geradas por estes nos demais indivíduos que com ele conviveram, demonstrando os impactos sociais de suas ações individuais. O livro estabelece, ainda, um paralelo entre a vida de Mozart com a de Beethoven, fazendo notar como o passo lento em que a sociedade incorporava as mudanças foi ponto chave, não só para consolidar o estilo de música produzido pelo primeiro, mas também para a definição de sua trajetória pessoal. O trabalho aqui desenvolvido, portanto, pretende seguir um caminho similar ao do sociólogo alemão, na tentativa de produzir uma contribuição para a sociologia deste intelectual já tão estudado: João do Rio.

O teórico Raymond Williams (2014) contribui, por sua vez, para a compreensão das relações entre escrita e sociedade. Entende o autor que é através daquela que as pessoas entendem, refletem e alteram suas relações, havendo algumas condições fundamentais que devem ser consideradas quando se estudando qualquer processo de escrita. São elas: (i) as condições de composição; (ii) o tipo de público visado pelo autor; (iii) as origens de quem escreve. Esses três pontos serão fundamentais na análise a ser procedida de João do Rio, sua vida e sua obra.

Mais adiante em seu livro, Williams (2014) trabalha sobre um cenário específico: analisando a prosa inglesa no período entre 1780 e 1950. O texto muito interessa à pesquisa desenvolvida no curso desta dissertação, por estabelecer relações entre as mudanças sofridas pela paisagem física e social da Grã-Bretanha no período e as transformações ocorridas na paisagem do escritor em si. Nessa empreitada, o autor mira os processos de urbanização e alfabetização da população do país e a complexa forma pela qual estes afetaram a prosa enquanto forma de comunicação.

Ressalta o autor que, no contexto inglês, no período trabalhado, é notável o aumento no número de leitores, mas que não identifica este como o fato mais transformador, situando os novos tipos de escrita na vanguarda das mudanças experienciadas nesta seara cultural. Destacando o alto preço dos livros e a situação financeira da maior parte da população, explica que "para muitas pessoas os livros

eram um luxo ocasional" (Williams, 2014, p. 95), sendo seu público leitor amplamente definido pela classe social. O mesmo não poderia ser dito, porém, dos jornais, sendo estes os condutores a partir dos quais a prosa era distribuída de forma mais abrangente, o que teve implicações relevantes nos tons e estilos de prosa desenvolvidos (Williams, 2014, p. 96). É nesse contexto que Williams destaca o surgimento de autores que não mais pertenciam às classes mais altas, com destaque para os oriundos das classes médias e famílias profissionais – em um processo similar ao que, como será visto adiante, ocorreu no Brasil.

Este ponto de reflexão é fundamental por ser possível estabelecer paralelos entre a situação da Inglaterra no período descrito por Williams e o Rio de Janeiro em que viveu João do Rio, por motivos que serão melhor expostos a seguir. Estes motivos, porém, se relacionam com um aumento nos índices de alfabetização da então capital federal que, embora tenha se dado de forma lenta, tem um impacto expressivo na circulação dos jornais; com a constatação do recorte de classe entre o público consumidor de prosa em livros; e, finalmente, com o reconhecimento do jornal como veículo de divulgação mais abrangente da escrita em prosa. Todos estes a serem melhor debatidos nas próximas seções.

A reflexão de Antonio Candido (2019) segue no mesmo sentido, estabelecendo a necessidade de que a sociologia da literatura cultive uma interpretação dialética entre o meio e a obra. O crítico compreende que o próprio recurso ao arsenal comum da civilização na composição dos temas e formas da obra inclui, necessariamente, os elementos do processo comunicativo, "que é integrador e bitransitivo por excelência" (Candido, 2019, p. 32). Candido explica, ainda, que a compreensão do movimento dialético entre arte e sociedade é facilitada a partir do entendimento de que "(...) a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público" (Candido, 2019, p. 34). Como Sahlins (2007) e Williams (2014), o pesquisador brasileiro também destaca a posição social do artista como ponto fundamental na ecologia de uma obra, sublinhando a ligação indissolúvel entre as condições sociais e a iniciativa individual.

Candido (2019) aborda também a proposta da função social da obra literária, explicando que esta independe da vontade consciente dos autores e ou do público. O autor faz notar que esta função social decorre "(...) da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão,

coroadas pela comunicação de certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra" (Candido, 2019, p. 56). Assim, marca o lugar da sociologia na compreensão dos processos de criação, apreciação e circulação das obras, tendo uma visão da literatura como fenômeno coletivo em sua origem e inerente à própria vida social.

Candido (2019) ainda vai além em sua reflexão, propondo um olhar sociológico direcionado ao escritor e o papel que este ocupa no interior de uma sociedade. O crítico afirma que este papel é identificável pela posição ocupada pelo escritor no interior de seu grupo profissional e pelas expectativas de seus leitores ou auditores a que corresponda – dois pontos essenciais a se atentar no estudo da vida de Paulo Barreto. Mas, afirma, o panorama é dinâmico e se complica pela ação que a obra exerce sobre o público e sobre o autor, dinâmica que será abordada um pouco mais à frente nesta seção.

Retomando a reflexão sobre o papel do autor na produção escrita, é interessante visitar uma das obras de Valter Sinder (2002). Embora o antropólogo se dedique majoritariamente a elaborar o papel do autor na etnografia, as reflexões sobre discurso narrativo e poder propostas em seu texto são de fundamental valia para a pesquisa que aqui se pretende desenvolver. Sinder propõe que a entrada do autor (enquanto função) no texto significa "dar o poder a alguém de falar por outro, de falar sobre o outro, em suma, de falar em nome do outro, mas nunca falar com ele" (Sinder, 2002, p. 112). A reflexão sobre essa relação necessária entre escrita e poder é fundamental para o aprofundamento da contemplação sobre as relações entre as elites e o campo intelectual, assim como sobre a formação do campo literário em curso no Rio de Janeiro no período em que viveu João do Rio, pontos que dialogam com alguns outros a serem apresentados nas seções posteriores deste trabalho.

Tendo compreendido as importantes relações entre literatura e ordem social e política, é fundamental situar a quem lê no contexto do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, período de vida e atuação de Paulo Barreto. O primeiro ponto a se compreender é a constituição da cidade como um centro urbano em que diferentes classes e grupos sociais circulam com uma certa desenvoltura, ocupando espaços físicos muito próximos<sup>2</sup>. Este ponto, conjugado à frustração da expectativa

---

<sup>2</sup> Sobre a ocupação do território físico da cidade, ver ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4 ed.. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

de ampliação da participação política quando da chegada da República, é descrito de forma didática por diversos autores nacionais.

Para compreender essa circulação de diferentes grupos, importa destacar, como fizeram José Murilo de Carvalho (2019, p. 15-17), Nicolau Sevcenko (1999, p. 45) e Julia O'Donnell (2008), a importância dos fluxos migratórios de ex-escravizados, colonos europeus – especialmente portugueses – e fazendeiros para o Rio de Janeiro às vésperas da República. Estes fluxos intensificam o crescimento urbano e, não estando de todo espalhadas bases da segregação espacial urbana, fazem conviver nas ruas pessoas de diferentes origens e costumes entre as quais, com o advento da República, será semeado um sentimento de renovação e igualdade, que fomenta uma expectativa de ampliação da participação no governo para as classes populares (Carvalho, J. M., 2019; Sevcenko, 1999).

Com a chegada da República, porém, José Murilo de Carvalho (2019) explica que passa a vigorar uma concepção de liberalismo que tinha o direito político como, antes de tudo, um dever, concedido pela sociedade àqueles que julgasse merecedores. Diversos grupos, desse modo, foram excluídos da sociedade política. Essas classes, socialmente heterogêneas, politicamente mobilizadas e divididas em seus conflitos internos, entre elas, já que não podiam sustentar um governo republicano que manifestava os interesses do Brasil agrário. Dessa forma, embora tenha havido uma importante transição de modelo político, o poder se manteve nas mãos de pessoas dos mesmos grupos sociais, frustrando as expectativas populares de democratização.

Compreendendo, contudo, o poder dessas classes que haviam sido excluídas dos meios tradicionais de participação política, foi realizado um movimento de neutralização da influência da capital na política nacional – que tem como reflexo a política dos governadores – e de domesticação desses grupos populares na tentativa de destruí-los ou, ao menos, expulsá-los do centro de poder do cartão-postal da República (Carvalho, J. M., 2019). É criado, assim, um mundo subterrâneo da cultura popular que continua a viver, ainda que alijado do mundo da política institucional, circulando pelas ruas da cidade, ocupando o espaço público.

Em texto sobre a Rua do Ouvidor, Maria Alice Rezende de Carvalho (2019) se aprofunda sobre o caráter heterogêneo do espaço público carioca no início do século XX. Antes de debruçar-se sobre a rua que é tema de seu ensaio, a socióloga retoma a história colonial da cidade do Rio de Janeiro e o esforço improvisado de



enobrecimento da área que, embora, empenhado em controlar os cantos da cidade, não foi bem sucedido em estabelecer uma "hierarquização espacial e social preconizada pela urbanística barroca" (Carvalho, M. A. R., 2019, p. 29). Apesar destes esforços, na cidade "[c]ontinuou vigendo o ajuntamento (...), onde diferentes ofícios se concentravam em ruas específicas, reunindo ricos e pobres de um mesmo ramo de atividade" (Carvalho, M. A. R., 2019, p. 29). Mesmo tendo passado por reformas, essas marcas urbanísticas seguiram tendo influência na cidade, constituindo, assim, um espaço público plebeu, de ordem urbana afeita à instabilidade, à mudança permanente, "mas que, exatamente por isso, deve persuadir a multidão do seu pertencimento comunitário" (Carvalho, M. A. R., 2019, p. 30).

Talvez um pouco por essa diversidade de grupos que circulavam pela cidade, um segundo pressuposto fundamental é o da publicização do espaço urbano. Com frustração da expectativa de ampliação da participação política nos primeiros momentos da República (Carvalho, J. M., 2019) e a ausência de um controle como o exercido em outras partes do país pelos domínios senhorial e fabril (Carvalho, M. A. R., 2004), os grupos sociais que não pertenciam às classes dirigentes, criavam outros mecanismos de participação política, externos às instituições governamentais. Essa participação assumia uma natureza antes religiosa e social, de forma muito fragmentada (Carvalho, J. M., 2019), e era deliberadamente mantida às margens do mundo da política institucional, uma vez que identificada com uma ideia de desordem<sup>3</sup>. Essa plebe, portanto, era responsável por organizar o mundo cultural da cidade, ocupando com sua produção o espaço urbano (Carvalho, M. A. R., 1994).

Alijada dos meios republicanos tradicionais de participação política, os letrados das camadas médias cariocas vão buscar outras formas de fazer valer seus interesses no âmbito do Estado. Nesse cenário, o funcionalismo público vai ganhar força como um dos meios possíveis de fazer valer seus interesses políticos. Essa participação política se constitui, não através da organização de interesses, mas a partir do contato direto com a máquina governamental (Carvalho, J. M., 2019) e

---

<sup>3</sup> Esta identificação entre povo e desordem advém de um período ainda anterior à proclamação da República, estando muito relacionada a um projeto dos governos Saquaremas durante o Segundo Reinado de ordenação da capital a partir da hierarquização de seus povos. Para uma leitura mais aprofundada, cf. Mattos, 2017.

com as Forças Armadas (Sevcenko, 1999). É por meio dessa atuação no Estado, ao lado de outros profissionais liberais que serviam aos homens do Estado, que se constitui na cidade do Rio de Janeiro uma relativamente ampla camada média, em contato, tanto com as classes dirigentes, quanto com as classes dominadas. Sendo desta camada média que surge boa parte daqueles que virão a integrar o campo intelectual em formação no Rio<sup>4</sup>, inclusive o próprio Paulo Barreto, futuro João do Rio.

Um terceiro pressuposto fundamental é o reconhecimento da força das transformações tecnológicas e do impacto que tiveram na sociabilidade urbana. Muito associadas aos ideais de civilização, de modernidade e ao positivismo republicano, as mudanças sócio-técnicas se espalhavam pelo Rio de Janeiro, onde eram incorporadas pelas elites, juntamente com as referências culturais europeias, como símbolos do avanço da civilização. Nos meios de comunicação, essas mudanças geram uma verdadeira revolução, inicialmente com as mudanças experienciadas pela imprensa, mas depois, principalmente, com a difusão do rádio e, posteriormente, do cinema, que levam a uma aceleração nas formas de as pessoas se comunicarem. Nicolau Sevcenko (1999) apresenta um panorama destas transformações, demonstrando o modo como o processo de aburguesamento da vida na capital federal levou a uma aceleração sem precedentes da vida urbana que ali se desenvolvia e ao empreendimento, pelo poder central, das transformações no desenho da cidade para adequar-se a essa nova dinâmica acelerada. Julia O'Donnell (2008) explica, ainda, que essas transformações urbanas visavam não apenas acompanhar o desenvolvimento tecnológico, mas também difundir a ideologia que o sustentava, um projeto ao mesmo tempo urbanístico e civilizatório – a cidade tornava-se, assim, o espaço de exemplaridade do ideário republicano, crescendo, entre as classes dominantes, o prestígio do espaço público.

Nesse contexto, o jornal vai assumir grande destaque na propagação, não apenas de informações, mas de todo um estilo de vida associado às ideias de modernidade e civilização. É Benedict Anderson (2008) quem explica que os jornais têm como marca de seu conteúdo a simultaneidade e a propagação da consciência de que, à medida que o tempo avança, outras coisas seguirão acontecendo em outros lugares, mesmo que não figurando nas páginas do jornal.

---

<sup>4</sup> Mais informações sobre a formação do campo intelectual a partir dessa camada média urbana podem ser encontradas em Sergio Miceli (2001, p. 13-68).

Destaca também a relação do jornal com o mercado, situando-o como um "livro vendido em escala colossal, mas de popularidade efêmera" (Anderson, 2008, p. 67), graças, conforme explica Raymond Williams (2014), ao fato de ser aquele mais barato que este. Localiza Anderson (2008, p. 68), portanto, o periódico como símbolo daquilo a que vai classificar como a comunidade imaginada da nação, pois, vendo as cópias idênticas sendo lidas em diferentes espaços de encontro – como o barbeiro ou o metrô – o indivíduo pode reassegurar-se das raízes visíveis daquela comunidade de que é parte. No contexto brasileiro, portanto, para a consolidação do estilo de vida moderno e cosmopolita imposto pelas elites republicanas, os jornais passaram a constituir-se como ferramentas interessantes na difusão destas características.

Era nos jornais que se viam retratadas as intensas mudanças por que passava a cidade, o que era feito não apenas em seu conteúdo, mas também em sua forma. Com os avanços tecnológicos que agora chegavam ao Rio de Janeiro, foram aumentadas as tiragens e a velocidade de impressão, além de terem sido incorporadas inovações na forma de publicação das matérias, com o surgimento das manchetes e a inclusão de imagens nas publicações. Em uma cidade em que quase 50% da população era iletrada, estes recursos permitiam que os textos alcançassem novos públicos e que os periódicos, pouco a pouco, comessem a se consolidar como uma via para o complemento de renda e, pouco tempo depois, a profissionalização de jovens intelectuais nacionais. Eram, ainda, um meio de obter reconhecimento entre diferentes camadas sociais da cidade e, por contar com a colaboração de inúmeros intelectuais das mais diversas áreas, um bom meio de ampliar seu capital social.

É nesse contexto que surge, na intelectualidade brasileira, João do Rio, figura pela qual se apresenta o cronista Paulo Barreto, cuja integralidade da subjetividade pessoal não visa este trabalho alcançar, mas, tão somente, identificar em sua trajetória escolhas e acontecimentos determinantes para o lugar que veio a ocupar nos círculos intelectuais cariocas e as barreiras que impediram seu avanço para um local mais central nesse contexto.

## 2

### Jovem jornalista anônimo

Paulo Barreto não nasce João do Rio. Antes de qualquer um dos muitos pseudônimos que usou durante sua vida, inclusive aquele pelo qual ficou mais conhecido, o cronista nasce João Paulo Alberto Coelho Barreto<sup>5</sup>, em 5 de agosto de 1881, no sobrado do número 284 da Rua do Hospício (atual Buenos Aires<sup>6</sup>), nas proximidades do Campo de Santana. Sua origem humilde em muito se relaciona com o surgimento das camadas médias urbanas no Rio de Janeiro oitocentista e é fator determinante na trajetória de vida desenhada pelo cronista.

O jovem era filho de um professor de matemática descendente de uma família branca e rica em decadência do Rio Grande do Sul, Dr. Alfredo Coelho Barreto, e de D. Florência, mulher negra quase dez anos mais nova que o marido e nascida de uma relação fora do casamento do médico branco Joaquim Cristóvão dos Santos com Gabriela Amália Caldeira, de pele negra como a filha (Rodrigues, J., 2010; Magalhães Júnior, 1978). A família paterna era aparentada distante das famílias Mena Barreto e Barreto Leite e a materna, através de Joaquim Cristóvão dos Santos, de José do Patrocínio, também por laços distantes (Rodrigues, J., 2010; Magalhães Júnior, 1978).

Resumem-se na tabela a seguir, alguns dos pontos de mais fundamental importância na vida do autor, alguns dos quais serão trabalhados no correr deste capítulo.

---

<sup>5</sup> Embora parte dos textos a seu respeito cite o nome João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, como é o caso da biografia disponível na página da Academia Brasileira de Letras, a maior parte de seus biógrafos e dos estudiosos de sua obra acreditam ser mais adequado o nome "João Paulo Alberto Coelho Barreto", aquele com que assinava seus contratos (MARTINS, 2005; MAGALHÃES JÚNIOR, 1978).

<sup>6</sup> Para uma visão completa dos locais frequentados por Paulo Barreto durante sua vida e dos locais por ele citados em seus textos, consultar o mapa disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=1NBHqxivHZ-Ve973rMH6tPQGCu9Q3PwWA&usp=sharing>, de elaboração própria.

Tabela 1 – João do Rio na sociedade carioca

Autor	Ano e cidade de nascimento e morte	Profissão do pai	Estigma/ Handicaps/ Trunfos	Posição na fratria	Capital social e político	Educação formal	Cônjuge	Ano de estreia em livro / gênero
Paulo Barreto (João do Rio)	1881, Rio de Janeiro / 1921, Rio de Janeiro	Professor	Gordo, "amulatado" [negro de pele clara], supostamente homossexual, nascido nas cercanias da Cidade Nova; saúde frágil	1º filho; irmão mais novo morreu aos 12 anos.	Tronco familiar paterno ilustre (parente dos Mena Barreto e do deputado João Paulo dos Santos Barreto); avô materno chefe de clínica da Santa Casa de Misericórdia; afilhado de Teixeira Mendes.	Frequentou o Colégio São Bento durante alguns anos, mas era majoritariamente autodidata ou ensinado pelo pai; sem Ensino Superior	n/a	1904/ crônicas

Ano de estreia na imprensa/ jornal	Produção intelectual	Ano de ingresso na ABL	Carreira funcional e política	Parentes e padrinhos políticos e literários	Desafetos políticos e literários	Religião
1899/ A Tribuna	Crônicas, contos, teatro, conferências, ficção, um livro infantil	1910	Tenta a carreira diplomática em 1903 e, possivelmente, em 1919. Ambas sem sucesso. Tem o jornalismo como principal fonte de renda	José do Patrocínio tem uma dívida política com seu avô materno; é indicado por Nilo Peçanha para o cargo na Gazeta de Notícias	Humberto de Campos; Lima Barreto; Monteiro Lobato; Antônio Torres; Zeca Patrocínio	Recebe o sacramento da "apresentação" na Igreja Positivista

**Fonte:** Elaboração própria com base em Miceli, 2022 e em dados presentes em Magalhães Júnior, 1978; Rodrigues, J., 2010; Ribeiro, 2013.

Nesse cenário, cinco são os pontos fundamentais a serem aqui destacados: (i) as especificidades que revolvem à volta da vizinhança em que nasceu João do Rio, (ii) o capital social acumulado pela família; (iii) sua formação intelectual; (iv) os caminhos profissionais possíveis para um jovem ocupante de seu lugar social; (v) seu ingresso na imprensa. O capítulo trabalhará a origem do autor até o momento em que se consolida o pseudônimo João do Rio, com o qual vai o autor ingressar no campo intelectual em formação do Rio de Janeiro. As seções deste capítulo se debruçarão com maior atenção sobre estes pontos a seguir.

## 2.1

### Nascido nos arredores da Cidade Nova

Desde seu ingresso na carreira jornalística até os últimos momentos de sua vida, Paulo Barreto teve sua trajetória marcada por seu local de nascença. Seja pelos espaços por ele percorridos quando de seu ingresso na imprensa<sup>7</sup> ou pela associação frequente que faziam seus desafetos entre o cronista e o Largo do Rocio<sup>8</sup>, atual Praça Tiradentes, as marcas do lugar em que nasceu são múltiplas em sua vida e obra. Contribuindo para a reflexão nesse sentido, é Pierre Bourdieu quem explica a importância do local de nascença, assim como do de residência, na incorporação, por parte dos indivíduos, do capital social, cultural e linguístico dos grupos de ocupantes legítimos daquele espaço (Bourdieu, 2012). No caso específico do local de nascença de Paulo Barreto, porém, o problema que inicialmente se apresenta ao analista é a compreensão de quais eram os grupos que legitimamente ocupavam o espaço e é sobre este ponto que nos debruçaremos a seguir.

Em seu clássico "A evolução urbana do Rio de Janeiro", Maurício Abreu (2013) explica as intensas transformações urbanas a que esteve sujeita a cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, estas fundamentais para a compreensão da dificuldade que aqui nos é apresentada. Segundo o autor, o Rio de Janeiro ingressa no século XIX como uma cidade ainda colonial portuguesa, sem maior organização ou intencionalidade, em que diferentes grupos sociais partilhavam o mesmo espaço, diferenciando-se mais pela aparência de suas residências do que pela localização (Abreu, 2013, p. 35), um centro urbano ainda socialmente misto. No correr do tempo, porém, antes da virada para os anos 1900, "são lançados no espaço os elementos que a possibilitam [a resolução das contradições da cidade], dentre eles a separação, gradual a princípio, e acelerada depois, dos usos e classes sociais que se amontoavam no antigo espaço colonial" (Abreu, 2013, p. 36), graças, principalmente, ao desenvolvimento dos transportes coletivos.

---

<sup>7</sup> O tópico será abordado em detalhe no segundo capítulo desta dissertação, no momento dedicado aos primeiros trabalhos publicados pelo escritor.

<sup>8</sup> Ao longo dos primeiros anos da República, o Largo do Rocio tornou-se reduto de prostituição e da boemia carioca, sendo, portanto extremamente estigmatizado. A associação de Paulo Barreto ao local não se dá apenas pela proximidade com o seu local de nascença e com uma das casas em que morou na juventude, localizada na Rua do Lavradio, 100, mas também pelos estigmas relacionados à sexualidade do autor, a serem melhor discutidos no terceiro capítulo deste trabalho.

Paulo Barreto nasce, em 1881, em uma zona fronteiriça da freguesia de Sacramento, quase na divisa com a freguesia de Santana, conforme ponto indicado na **Figura 1**, ambas entre aquelas que já eram povoadas no início do século.

**Figura 1** – Local onde nasceu Paulo Barreto, na freguesia de Sacramento.



**Fonte:** Elaboração própria sobre mapa de DA SILVA, 2022, adaptado com base em CARTOGRAMA, 1896.

Em seu trabalho sobre o Rio de Janeiro, Abreu (2013) destaca terem sido as freguesias de Santana e Santa Rita responsáveis por abrigar as populações pobres no período anterior a 1870, abrigando pessoas sem poder de mobilidade, trabalhadores livres e escravizados<sup>9</sup> de ganho. A partir dos projetos de aterro da região do Mangue, em 1850, a população da região se adensa cada vez mais, com pessoas buscando moradia nos arredores do centro da cidade. Já na década de 1870, Santana e Sacramento são listadas como as freguesias mais populosas da cidade,

<sup>9</sup> No curso deste trabalho, a escolha pela utilização dos termos escravizados e escravizadas é política – embora também acadêmica – e segue a reflexão proposta por Grada Kilomba (2019, p. 20) visando utilizar a escolha lexical como forma de reconhecimento do processo político de desumanização em curso quando vigente a escravidão no Brasil.



contando aquela com um grande número de cortiços (Abreu, 2013, p. 43). Ao mesmo tempo, com a entrada do capital internacional na cidade e a difusão dos meios de transporte, as classes mais abastadas direcionam-se para as freguesias do sul, mais distantes do caos do centro de negócios, em especial nas da Glória, Catete e Botafogo. É também nesse período que as freguesias do centro são sujeitas a intensos processos de modernização que contrastam com o fato de elas se manterem como local de residência das populações mais pobres, sem poder de mobilidade (Abreu, 2013, p. 42). Nesse período, São Cristóvão ainda era uma área de grande prestígio, rivalizando com Botafogo como local preferencial de residência das classes mais abastadas, mas, com o desenvolvimento dos transportes e a influência do capital estrangeiro, a rivalidade logo acabou, tornando-se Botafogo o bairro mais buscado por estas.

Em 1881, quando nasce Paulo Barreto, o processo que levou as elites a buscarem terrenos à beira-mar ainda não estava tão avançado e as freguesias localizadas no caminho entre o centro de negócios e a residência oficial da família imperial eram as mais beneficiadas por muitas das modernizações que então chegavam ao Rio de Janeiro. É, porém, ainda antes da Proclamação da República que as elites passam a preferir habitar a porção mais ao sul da área central e São Cristóvão começa a perder sua importância, fazendo consigo decair a valorização das freguesias no caminho entre o bairro e o centro da cidade, entre as quais, as de Santana e Sacramento, que perdem sua centralidade geográfica (Carvalho, B., 2019). Com a chegada da República, o processo de desvalorização da área se intensifica e ela passa a ser cada vez mais associada à sua ocupação pelas classes mais baixas, tornando-se também local para onde iam os recém-chegados à capital (Carvalho, B., 2019). Um local cada vez mais lido como marginal, apesar de sua centralidade geográfica. E é justamente *na fronteira* desse espaço marginal que nasce Paulo Barreto.

Outro ponto relevante a ser citado no tocante às freguesias de Sacramento e Santana é a convergência de diferentes grupos sociais no local. Tendo se tornado ponto de pouso para as pessoas recém-chegadas à cidade – graças à sua proximidade do centro, da área portuária e ao fato de oferecerem os territórios moradias baratas – pessoas de grupos sociais muito diversos passaram a ocupar os espaços adjacentes à região do mangue, que a partir de 1850 vinha sendo aterrada, aumentando os domínios da freguesia de Santana. Entre estes grupos, destacam-se os judeus, os



imigrantes do leste europeu e os ex-escravizados, agora libertos. Constitui-se, assim, nestes locais, um espaço socialmente misto, de muita fricção entre estes grupos, de modo que o estigma da marginalidade, que já pairava sobre o território ao longo do século XIX (Carvalho, B., 2013, p. 54), difundiu-se cada vez mais. Estigma esse que durante toda a vida recaiu sobre Paulo Barreto, mesmo não tendo ele nascido na citada freguesia, apenas em sua proximidade.

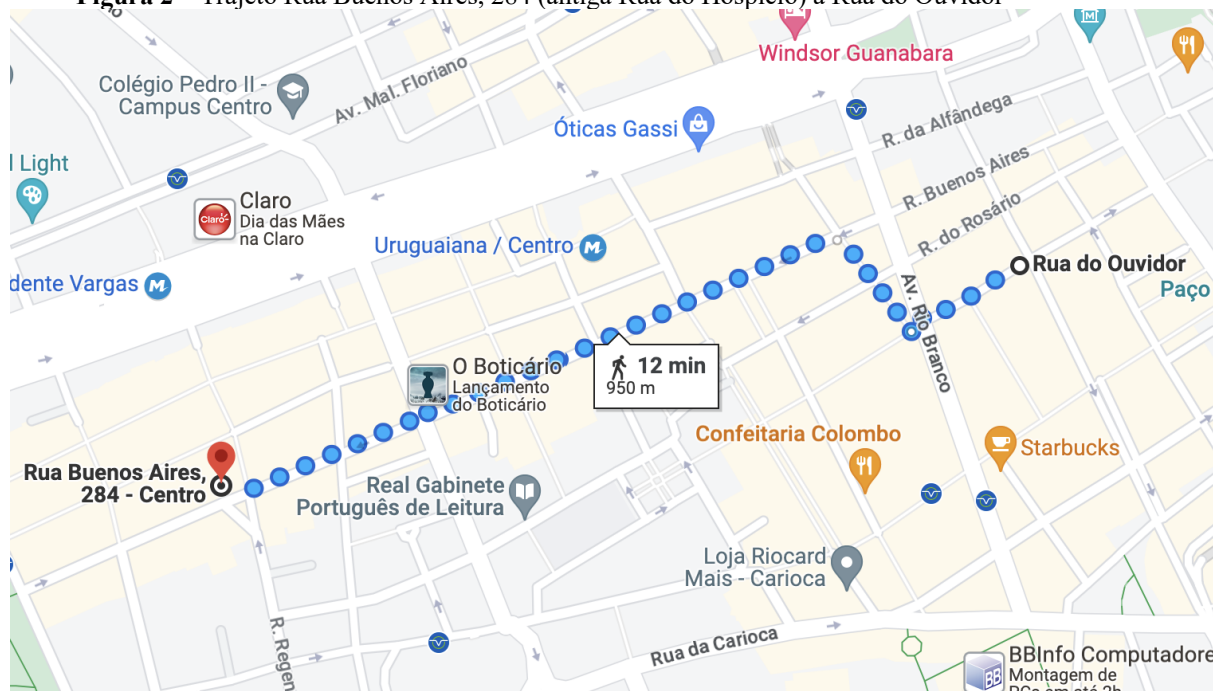
Mais que o estigma, a convivência nesse espaço socialmente misto, teve ainda mais um impacto na vida do cronista. Tendo convivido com grupos diversos, pôde ser exposto aos *habitus* e adquirir o capital social que, mais tarde, possibilitaram sua circulação por certos espaços que foram objeto de diversos de seus textos – especialmente das crônicas de sua primeira fase, que exploravam aquela que Maria Alice Rezende Carvalho (1994) chama de *cidade submersa*, do Rio de Janeiro.

Não apenas os estigmas são fruto de seu nascimento nas margens da freguesia de Sacramento. Se o local era próximo da marcada Cidade Nova, constituída na região aterrada do mangue, com seus grupos amplamente marginalizados, era também próximo do centro político e de negócios da capital brasileira. Situada por Maria Alice Rezende de Carvalho (2019) como símbolo da urbanidade carioca na virada do século XIX para o XX e por Bruno Carvalho (2019) como rua que marcava o oposto da Cidade Nova, a rua do Ouvidor localizava-se a poucos minutos de caminhada do local em que nasceu Paulo Barreto, como se demonstra na **Figura 2**<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Embora se compreenda as intensas mudanças por que passou a geografia carioca de 1881 até a contemporaneidade, refletida no mapa, esta dissertação compreende também que o trajeto em específico entre os dois pontos marcados na carta não sofreu grandes alterações no período em questão. Ainda, a figura não visa ilustrar o tempo exato tomado na caminhada entre as duas localidades, mas apenas demonstrar a proximidade física entre os pontos.

**Figura 2** – Trajeto Rua Buenos Aires, 284 (antiga Rua do Hospício) a Rua do Ouvidor



Fonte: Elaboração própria através do Google Maps.

É Pierre Bourdieu (2012, p. 164) quem explica o impacto que tem a proximidade física no contexto social:

(...) a proximidade no espaço físico permite que a proximidade no espaço social produza todos os seus efeitos facilitando ou **favorecendo a acumulação de capital social** e, mais precisamente, permitindo aproveitar continuamente encontros ao mesmo tempo casuais e previsíveis que garante a frequência a lugares bem frequentados (Bourdieu, 2010, p. 164, grifos nossos).

O sociólogo prossegue para explicar que a proximidade física não basta para garantir a acumulação do capital social por parte de quem ocupa aquele espaço (Bourdieu, 2012, p. 165). Considerando, porém, que aqui lemos apenas com foco no local de nascimento do autor, o que se busca notar é sua exposição, ainda na primeira infância, também aos *habitus* e costumes dos grupos socialmente dominantes, a partir destes "encontros casuais e previsíveis" aos quais está sujeito nas cercanias do local em que nasce, além da acumulação de capital social propiciada por eles. Nesse sentido, o que se destaca aqui é a qualidade ambivalente, limítrofe, do espaço de nascença do autor, fato que permite sua exposição, tanto aos grupos estigmatizados que ocupavam principalmente a freguesia de Santana, como aos grupos dominantes que circulavam pelo centro de negócios das freguesias da Candelária e São José. Ambivalência e marginalidade que marcam sua escrita – na

forma e no conteúdo – e o lugar que mais tarde vai ocupar no interior do campo intelectual – ainda em formação – e, mais tarde, das elites cariocas, assim como vai nitidamente influenciar algumas de suas escolhas e posições ao longo de toda a vida, principalmente aquela da representação pela qual ficou mais conhecido: a da figura de João do Rio.

## 2.2

### Capital social familiar

Se o local de nascimento do autor é determinante para a definição de alguns dos estigmas a que estará sujeito ao longo da vida e de parte dos *habitus* aos quais estará exposto nos primeiros momentos de sua existência<sup>11</sup>, sua família e a relação por ela estabelecida com outras pessoas é fundamental para a acumulação de capital social por parte do cronista. Filho de um homem branco, Alfredo Coelho Barreto, e uma mulher negra quase dez anos mais nova – esta, filha de uma relação extraconjugal da negra liberta Gabriela Amália Caldeira com o médico branco Joaquim Cristóvão dos Santos – Paulo Barreto nasceu negro de pele clara, fato que lhe rendeu a identificação, então usual, de "amulatado"<sup>12</sup>.

Não é apenas na cor da pele do autor que a união das famílias de Dona Florência e Dr. Alberto é determinante na vida de Paulo Barreto. É Sérgio Miceli (2001) quem, analisando intelectuais brasileiros da Primeira República, atenta para a importância das relações familiares na determinação da trajetória dos intelectuais do período. Analisando a vida e obra de uma gama de intelectuais, o autor identifica que o capital social acumulado pelas famílias de "parentes pobres" das oligarquias é fundamental na inserção destes letrados no mundo do trabalho em um momento em que o mercado de postos disponíveis estava em franca expansão. E a família de

---

<sup>11</sup> Seu local de nascimento e os locais habitados pelo autor – a família, não tendo casa própria, se mudava muito durante sua infância – na juventude também são chaves importantes no acúmulo de capital no início de sua vida. Por não ter sido esse acúmulo tão documentado, uma vez que se baseia em encontros casuais e fortuitos, não será trabalhado nesta dissertação.

<sup>12</sup> É a portuguesa Grada Kilomba (2019) quem, no prefácio à edição brasileira de "Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano" explica a raiz etimológica da palavra mulato/mulata, como nome pelo qual é designado o animal originado do cruzamento entre um cavalo e uma mula, considerado impuro e inferior. Por este motivo, o termo aqui citado entre aspas não será utilizado, no curso desta dissertação, para definir o Paulo Barreto, aparecendo apenas quando em citação direta. Preferimos, aqui, utilizar o termo "negro de pele clara", compreendendo a categoria da negritude como um termo guarda-chuva adotado pelo movimento negro brasileiro que engloba as pessoas que se autodefinem como pretas ou pardas. O próprio Paulo Barreto, porém, não se identificava enquanto pessoa negra (mais sobre este fato em Rodrigues, J. 2010, p. 151), o que era usual para pessoas de pele mais clara na época em que viveu.

Paulo Barreto não é exceção a essa regra, tanto em seu lado materno, quanto no paterno.

Tanto a família do pai, quanto a da mãe, mantinham relações-chave e muito relevantes para sua entrada no campo intelectual carioca então em formação. Alfredo Coelho Barreto era descendente de uma família ilustre do Rio Grande do Sul, que, tinha barão, visconde e até ministro entre seus membros – entre os quais as famílias Barreto Leite e Mena Barreto, que alcançaram grande expressão na política nacional, e o ex-Ministro da Guerra (1846-1848), João Paulo dos Santos Barreto. O matemático, embora não tenha terminado os estudos por questões relativas às finanças de sua família<sup>13</sup>, frequentou um curso de ensino superior na Escola Politécnica<sup>14</sup>, no Largo de São Francisco, onde ligou-se aos positivistas. É devido a essa ligação que Paulo Barreto recebe, ainda com dois anos de idade, o "sacramento da apresentação" na Igreja Positivista Brasileira, então chefiada por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, este último consagrado, ao lado da esposa, como padrinho do jovem Paulo (Magalhães Júnior, 1978, p. 11).

Não devem ser ignorados, tampouco, os laços estabelecidos pela família de Dona Florência na reconstituição da trajetória do filho. Florência Cristóvão dos Santos era filha de um relacionamento não oficial de Joaquim Cristóvão dos Santos, médico e de família relativamente prestigiosa, com a gaúcha liberta Gabriela Amália Caldeira, cuja profissão, se existiu, não pôde ser apurada por nenhum dos biógrafos de Paulo Barreto lidos no curso deste trabalho. O casal teve quatro filhas, Thimocleia, Florência, Adelina e Eponina, das quais apenas as duas primeiras foram oficialmente reconhecidas, em 1864. Foi ainda durante o relacionamento de Joaquim Cristóvão e Gabriela Amália que este foi nomeado diretor do Serviço Sanitário do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, onde ofereceu o primeiro emprego ao ainda adolescente José do Patrocínio, no laboratório farmacêutico.

---

<sup>13</sup> Se tomarmos, conforme João Carlos Rodrigues (2010), o conto "Coração", de 1910, de João do Rio, como uma narrativa em alguma medida autobiográfica, podemos inferir que a falência dos Coelho Barreto, ainda no primeiro ano de estudos do jovem Alfredo, se deveu à prematura morte de seu pai às vésperas de "uma certa combinação na Bolsa" (do Rio *apud*. Rodrigues, J., 2010, p. 22).

<sup>14</sup> É de João Carlos Rodrigues (2010, p. 21) a informação de haver frequentado o pai de Paulo Barreto a Escola Politécnica. Entretanto, enquanto o primeiro biógrafo afirma ter o matemático estudado medicina e mecânica, Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 13) aponta ter o pai do autor estudado engenharia, o que faria mais sentido, tendo em conta as matérias ensinadas na Politécnica. A informação de que o curso era engenharia é confirmada por Andréa Borges Leão (2012, p. 70).

Quando do nascimento de Paulo Barreto, o Rio de Janeiro fervia com a campanha abolicionista, que tinha como um de seus principais nomes, José do Patrocínio. Com o lento movimento político dos conservadores, os abolicionistas aliaram-se aos republicanos, sendo muitas destas alianças forjadas pelos casamentos. Uma destas uniões teve impacto direto no ingresso de Paulo Barreto na imprensa: o de José do Patrocínio com Maria Henriqueta de Senna, conhecida como Bibi, filha do coronel Emiliano de Senna, um dos fundadores do Clube Republicano (Rodrigues, J., 2010, p. 23). Poucos anos depois, o irmão de Bibi, Ernesto Senna, cônsul, militar e jornalista, casa-se com Eponina dos Santos, irmã de Florência, estabelecendo vínculos próximos entre as famílias Barreto e Patrocínio. A família de Senna contava, ainda, com mais uma jovem, Rosalia, que, casada com um membro da tradicional família pernambucana Cavalcanti de Albuquerque, teve também um filho, Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo, o conhecido pintor modernista Di Cavalcanti, que veio a ser sobrinho da tia Eponina de Paulo Barreto.

Não é apenas de origem familiar, porém, o capital social acumulado pela família de Paulo Barreto. Professor da Escola Normal e do Ginásio Nacional (atual colégio Pedro II), Alfredo Coelho Barreto deu aula para nomes importantes da intelectualidade brasileira, como o engenheiro, jornalista e escritor Vivaldo Coaracy e o escritor João Batista de Melo e Souza, que, em suas memórias, citaram com carinho o nome do antigo professor. Graziella Beting (2014, p. 257), retomando o argumento de Jeffrey Needell, destaca a relevância do cargo de mestre do Colégio Pedro II no cenário do Brasil Imperial, explicando que a lista de professores incluía alguns dos maiores nomes das letras, da história e das ciências do país. Há, ainda, segundo João Carlos Rodrigues (2010, p. 24), diversos indícios do envolvimento da família de Paulo Barreto na campanha abolicionista – sendo descrita a avó do autor como uma personalidade perdulária que "gastava até o que não tinha para alforriar escravos alheios" (Rodrigues, J., 2010, p. 24), o que aproximou-os também de diversos nomes engajados na mesma luta. Citando trechos de crônicas memorialistas do autor, João Carlos Rodrigues cita, ainda, as relações da família "com casas onde Bilac ia" (*apud.* Rodrigues, J., 2010, p. 29), estendendo ainda mais um pouco a rede de relações da família Coelho Barreto.

O que se torna possível observar, mapeando essas relações estabelecidas pelos parentes de Paulo Barreto no Rio de Janeiro da época, é o fato de o grupo

familiar representar um novo tipo de família que ganha possibilidade de ascensão social no Brasil Republicano. Trata-se de uma nova camada média urbana, não diretamente ligada ao governo, nem tampouco presa aos trabalhos braçais associados aos escravizados. Uma camada letrada que tem como principal fonte de renda o exercício de profissões liberais *na cidade* e que estabelece relações, seja por parentesco ou por outros meios, tanto com os estratos mais altos da sociedade (deputados, ministros e viscondes), quanto com os mais baixos (escravizados e ex-escravizados). Some-se a isto, no caso específico da família de Paulo Barreto, a característica de ser um grupo familiar interracial, o que, à época, tem relação direta com as transformações políticas que ocorriam no cenário nacional, especialmente a abolição da escravidão. Foi criado, assim, o jovem Paulo, bem no centro do "turbilhão de mudanças que tanto mareava seus predecessores" (O'Donnell, 2008, p. 34).

Essa nova fórmula familiar possível, cujo surgimento está diretamente relacionado às mudanças vividas pela sociedade brasileira nos anos próximos do nascimento de Paulo Barreto, embora tenha a possibilidade de adquirir certo prestígio, tem sua posição na sociedade diretamente vinculada às possibilidades de acúmulo de capital. E esse ponto será determinante na estruturação da carreira de Paulo Barreto, já que, não tendo uma fonte de renda garantida, nem tampouco assegurado o acesso às posições dominantes no âmbito das frações dirigentes<sup>15</sup>, encontra na vida intelectual que então se reorganizava e autonomizava uma alternativa profissional. Este ponto, porém, será mais aprofundadamente debatido à frente.

### 2.3 Em formação

Se tentamos, neste capítulo, traçar um panorama da socialização de Paulo Barreto para assim compreender os esquemas de percepção através dos quais mira a sociedade carioca e a plasma em seu texto, sua formação acadêmica não pode ser renegada. Muito atacado, no fim de sua vida, por seus adversários, pela precariedade de sua educação formal, o cronista teve, na realidade, uma formação

---

<sup>15</sup> Este ponto relaciona-se também com algumas de suas características pessoais que serão mais aprofundadamente debatidas nas páginas seguintes deste trabalho.

adequada, não apenas em português, como também em matemática. Sua trajetória, sobre a qual informam seus biógrafos não haver muitos documentos disponíveis, embora não tenha incluído uma instituição de ensino superior, como foi o caso de alguns de seus pares nos jornais em que trabalhou, inclui a passagem por um colégio "aristocrata" do Rio de Janeiro (Rodrigues, J., 2010, p. 27).

Um ponto a se destacar, antes de enveredar pela trajetória específica de Paulo Barreto, é, mais uma vez, o período em que se dá sua formação. Paulo Barreto formou-se academicamente justamente no período de transição entre o Império e a República e, embora, ao que tudo indica tenha iniciado seus estudos ainda no período imperial, teve boa parte de sua formação já nos primeiros anos do regime republicano. É José Murilo de Carvalho (2019) quem explica sobre a chegada da República e o movimento de retirada da obrigação do governo de oferecer instrução primária, que se relacionava aos objetivos – a serem mais bem debatidos no próximo capítulo – de não ampliação da participação popular na República. Segundo Julia O'Donnell (2008, p. 75), na última década do século XIX, as taxas de analfabetismo no Brasil eram enormes – aproximadamente de 80% no país e 48,7% no Distrito Federal. Desse modo, é possível afirmar que o simples fato de Paulo Barreto ser alfabetizado o localizava no interior de uma classe letrada não muito numerosa, aquela apta a exercer seus direitos políticos.

As principais mudanças implementadas no sistema educacional brasileiro no momento de instauração da República partiram da reforma conduzida por Benjamin Constant (Bomeny, *s.d.*). Republicano convicto, o político defendia o ensino leigo e livre em todos os graus, que privilegiasse o ensino científico, em contraposição à "orientação literária", que, em sua concepção prevalecia então no país, impedindo seus avanços. Aprovada em 1890 – note-se aqui o fato de ser justamente quando Paulo Barreto estava em idade escolar –, a reforma instituía um novo currículo ao ensino primário, gratuito, que se localizava como uma ponte para o ensino superior (Bomeny, *s.d.*). Nesse período, explica Helena Bomeny (*s.d.*), as escolas públicas eram frequentadas pelos jovens das camadas médias urbanas, frequentando os filhos das famílias ricas as escolas particulares ou sendo educados por preceptores.

Sobre a trajetória educacional específica de Paulo Barreto e como as transições experienciadas no cenário político nacional impactaram sua formação, porém, são poucas as informações disponíveis. As biografias identificam ter tido o autor uma sólida formação em matemática, matéria ensinada pelo pai. Identificam,

ainda, uma forte influência das tendências positivistas paternas em seus primeiros textos veiculados na imprensa, o que nos oferece mais uma pista dessa formação acadêmica que tem o pai como importante tutor<sup>16</sup>. A influência dos ideais positivistas em sua educação também pode ser tida como fonte da fortíssima influência francesa notada nos escritos de Barreto até o fim de sua vida, uma vez que eram franceses os principais expoentes do positivismo. Ainda, a força do pai na formação do autor também é identificada por Gilberto Amado (*apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 17), amigo próximo do autor em seus últimos anos de vida, na paixão pelos livros.

Além da tutoria paterna, o nome de Paulo Barreto também consta nos livros de matrícula do Colégio São Bento – considerado um colégio "aristocrata" pelo próprio Paulo Barreto, em seus primeiros textos de ficção –, nos anos de 1894 e 1895. Segundo João Carlos Rodrigues (2011, p. 26), contudo, a frequência do autor se limitava às aulas de português. Em um de seus textos, publicado em 1915, afirma ter sido nos anos em que estivera matriculado no colégio sua primeira experiência na imprensa, escrevendo para o jornal de estudantes.

João Carlos Rodrigues (2011, p. 28) também destaca a informação, presente em dois necrológios publicados quando de seu falecimento – embora de veracidade impossível de se verificar, pela indisponibilidade da documentação comprobatória –, de ter possuído o autor o título de "bacharel em letras". O título era garantido aos jovens aprovados nos exames do Ginásio Nacional e certificava a conclusão do ensino secundário e a aptidão para a candidatura ao ensino superior (Bomeny, *s.d.*). O autor ainda foi autodidata no aprendizado de francês, geografia, história e literatura<sup>17</sup>. Mostram-se, portanto, infundadas as críticas recebidas pelo autor quanto à informalidade de sua educação. Especialmente tendo em conta a realidade carioca da época.

O que se marca, porém, na trajetória acadêmica de Paulo Barreto e é, em alguma medida, determinante para seu envolvimento com a imprensa é a ausência de um diploma de ensino superior. Marca de uma elite política imperial, que em

---

<sup>16</sup> Sobre a aproximação do autor com os ideais positivistas, Julia O'Donnell (2008, p. 32) explica que este é mais um dos pontos a marcar a afinidade do autor em sua formação com o Brasil republicano.

<sup>17</sup> Impossível não fazer referência, aqui, a outro homem negro de pele clara e autodidata que marcou o cenário intelectual carioca da transição entre os séculos XIX e XX, Joaquim Maria Machado de Assis, possivelmente o maior nome da literatura nacional, que tanto tinha em comum com Paulo Barreto, embora suas trajetórias tenham tomado rumos tão diferentes.



grande medida se confundia com a elite intelectual do Império, o curso universitário era, não apenas um título, mas também um meio de acumulação de capital social no interior destas elites – como já visto quando tratando da trajetória do Dr. Alberto Coelho Barreto. No momento de transição em que se encontrava o Rio de Janeiro no período de atividade de Paulo Barreto, cambiavam-se também as características dessa elite e, embora a ausência de uma educação superior ainda fosse impeditivo ao acesso a certas carreiras políticas mais prestigiosas – especialmente quando aliada a outros *handicaps* e estigmas aos quais estava o autor sujeito<sup>18</sup> –, não impedia o ingresso em outras carreiras associadas à intelectualidade e, menos ainda, o acesso à imprensa.

## 2.4

### Entrando na imprensa

Como já apontado na última seção, Paulo Barreto iniciou-se nos jornais quando ainda matriculado no Colégio São Bento. Segundo publicação sua de 1915, seu ingresso na imprensa deu-se "por despeito" (*apud.* Rodrigues, J., 2010, p. 26), ainda aos 12 anos, no jornal de estudantes do colégio. Não foi essa, contudo, a experiência determinante para seu ingresso real no campo jornalístico carioca. Seu verdadeiro *debut* na cena da imprensa do Rio se dá pouco antes de completar 18 anos, em junho de 1899, no jornal *A Tribuna*, com uma crítica da peça "A casa de bonecas", de Henrik Johan Ibsen.

Difícil tentar explicar o envolvimento de Barreto com a imprensa sem recair em psicologismos ou determinismos rasos. O recurso aos conceitos de *projeto* e *campo de possibilidades*, conforme estabelecidos por Gilberto Velho (1994), pode ajudar a ter mais clareza nessa empreitada. Estudando as sociedades moderno-contemporâneas, Velho (1994, p. 38) identificou que elas são caracterizadas "por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados", caracterização esta que, embora estivesse ainda em um momento incipiente, já começava a ser observada no Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX. Nesse contexto, o projeto seria "a conduta organizada para atingir finalidades específicas" (Velho, 1994, p. 40), mas o conceito só está completo quando integrado à noção de campo de possibilidades "como dimensão sociocultural, espaço para

---

<sup>18</sup> Estes serão tratados em maior detalhe ao longo desta dissertação.

formulação e implementação de projetos" (Velho, 1994, p. 40). O antropólogo ainda vai além, explicando a importância dos projetos na construção das trajetórias individuais:

As trajetórias ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza ou da dinâmica do *campo de possibilidades* (Velho, 1994, p. 47).

Tomando por base estes conceitos, é possível observar mais detalhadamente a vida de Paulo Barreto e listar alguns pontos cuja influência é inegável no processo que levou à opção do autor por iniciar-se no meio. São eles: (i) a ausência de capital financeiro da família; (ii) a inviabilidade de seguimento de carreira militar; (iii) as mudanças sofridas pela imprensa quando de seu ingresso no campo jornalístico. Todos estes pontos serão a seguir debatidos com maior cuidado.

A ausência de capital financeiro da família já foi exaustivamente trabalhada nas seções anteriores deste capítulo. Embora prestigioso, o cargo de professor do Ginásio Nacional não garantia a Alfredo Coelho Barreto tão gordo ordenado. As famílias paterna e materna, ao mesmo tempo, a primeira, falida, e a segunda, ilegítima, também não podiam ser consideradas fontes de renda confiáveis. O jovem Paulo teve, portanto, que logo adentrar no mercado de trabalho, sendo possível afirmar que, ao fazê-lo, tinha como *projeto* a contribuição para a garantia do bem-estar material da família<sup>19</sup>. É possível inferir, ainda, que a simples contribuição financeira não era seu objetivo último, visando o jovem também a ascensão *social*, necessariamente associada, para os parentes pobres das oligarquias, à ascensão *financeira*. Desse modo, era ponto chave para seu ingresso no mercado de trabalho a busca por um emprego que o aproximasse das elites cariocas da época e o associasse ao modo de vida "civilizado" com o qual Barreto cresceu em contato.

Uma das possibilidades que se mostrava, nesse cenário, era a da carreira militar. Sonho de Alfredo Coelho Barreto para a vida dos filhos<sup>20</sup> (Rodrigues, J., 2011, p. 28), ainda nos primeiros anos da República, a carreira militar oferecia remuneração adequada, prestígio e possibilidade de ascensão social e, tendo em

<sup>19</sup> A questão financeira ganha ainda maior evidência quando da morte do Dr. Coelho Barreto, quando torna-se o autor, principal provedor de sua família. O ponto, porém, será detalhado mais à frente neste trabalho.

<sup>20</sup> Paulo Barreto tem um irmão mais novo, Bernardo Gutemberg, que, contudo, não atinge a maioridade, falecendo em 1898, aos 12 anos de idade.

conta a proximidade do exército com os positivistas, o jovem Paulo poderia ter seu caminho facilitado caso houvesse enveredado por este caminho. Não foram encontrados, no curso desta pesquisa, registros das razões que tenham levado Paulo Barreto a não perseguir esta carreira, entretanto, João Carlos Rodrigues (2011, p. 28) cita que o fato pode ter tido relação com sua saúde precária. Há que se destacar, ainda, a aproximação que faz Sérgio Miceli (2001) entre a virilidade masculina e a carreira militar, contraposta pela feminilidade associada às carreiras intelectual, em menor medida, e eclesiástica, no pólo oposto. Ora, se, como relembra Gilberto Amado, citado por Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 17), o autor recebeu da mãe em seu temperamento "todos os dengues, molezas, quindins, trejeitos e adamanes que o tornavam repugnante aos austeros", é possível inferir que talvez não tenha Paulo Barreto se identificado com os círculos militares da Primeira República ou mesmo que tenha por eles sido rejeitado. Optou, portanto, por um outro caminho profissional que melhor acolhesse suas características mais associadas aos estereótipos da feminilidade.

Com isso em mente, passamos ao último ponto, que talvez tenha sido o mais determinante na delimitação do campo de possibilidades em que Paulo Barreto pôde desenvolver seus projetos pessoais. Embora já fosse alternativa de inserção de jovens cariocas no escasso mercado das profissões livres na cidade há alguns anos<sup>21</sup>, até pouco antes do ingresso de Paulo Barreto na imprensa, o jornalismo ainda não era considerado uma opção de *carreira* viável aos jovens, como ele, "parentes pobres" das oligarquias. E é sobre as transformações que levaram à mudança desse cenário que se debruçam os próximos parágrafos.

É Flora Süssekind (1987) quem oferece um panorama das mudanças que possibilitaram que o jornal se tornasse uma alternativa viável de profissionalização. Citando Nelson Werneck Sodré, a autora explica que é na virada do século XIX para o XX que os jornais passam a empregar métodos fotoquímicos de reprodução, o que leva a um crescimento das tiragens e do número de páginas, a uma agilização da distribuição e ao barateamento das edições, fazendo surgir a possibilidade de um melhor acabamento gráfico para as folhas (Süssekind, 1987, p. 73). Entende a

---

<sup>21</sup> Importa lembrar, aqui, que também Machado de Assis, que com Paulo Barreto partilhou tantos pontos em sua trajetória de vida, iniciou sua carreira na imprensa, ainda jovem, aos 15 anos, embora tenha, anos depois, conseguido um cargo no Estado, tornando-se este sua principal fonte de renda.

crítica que é nesse contexto que o jornal se transforma em uma empresa industrial que visa a um público de massa e atrai para seus quadros literatos em busca de profissionalização, tornando-se, assim, atividade central na vida intelectual da época. Destaca, ainda, que esse processo ganha relevância especificamente no Rio de Janeiro, por ser a cidade capital do país, contar com um dos maiores portos das Américas – aproximando-se, portanto, das inovações europeias – e, ponto fundamental, pelo fato de contar a capital com o maior percentual de população alfabetizada do país.

Em seu trabalho sobre a vida de Irineu Marinho, Maria Alice Rezende de Carvalho (2012) segue um caminho similar explicando que, embora seja costumário associar o papel de destaque que ganham os jornais na modernidade à urbanização acelerada, ao crescimento e à pauperização da população citadina, à concentração de homens pobres e pouco escolarizados em transportes coletivos morosos e ao interesse dessa população por notícias sensacionalistas (Carvalho, M.A.R, 2012, p. 39), outros fatores devem também ser considerados. Entre estes, cita a transformação dos jornais em "negócios", capazes de atrair investimentos e, tornados negócios, a necessidade de uma maior competitividade entre diferentes periódicos, que leva à incorporação de novas tecnologias e ao investimento no recrutamento de bons funcionários para a redação de suas páginas levando à, ponto de maior relevância para o tema desta pesquisa, profissionalização destes jovens recrutas (Carvalho, M.A.R., 2012, p. 40).

Sérgio Miceli (2001, p. 23) adiciona mais um ponto de relevância à reflexão apontando que a ocupação destes postos de trabalho que estavam sendo criados pelos "parentes pobres" das oligarquias, como é o caso da família paterna de Paulo Barreto, está ligada à transformação e à consolidação do modo de dominação destas mesmas oligarquias. Este fator, embora se relacione com o amplo capital social acumulado especificamente pela família Barreto, se deve também, no limite, a fatores externos à lógica de funcionamento desse capital, que encaixam esses filhos de parentes pobres em cargos que estavam sendo abertos e cujo acesso era dificultado a agentes das demais classes (Miceli, 2001, p. 23).

Quando ingressa na imprensa carioca, Paulo Barreto tem alguns exemplos a seguir. Sobrinho de Ernesto Senna, autor do *Jornal do Commercio*, e contraparente de José do Patrocínio, proprietário do *A Cidade do Rio*, é possível especular que ele talvez já observasse, em alguma medida, o movimento em direção a essa

profissionalização dos jovens recrutas na imprensa. Em publicação realizada quando da morte de Olavo Bilac, seu texto denota algum nível de compreensão deste fato ao, rememorando sua iniciação no jornal, afirmar que "Patrocínio queria os moços a seu lado, queria estreá-los em seu jornal" (do Rio, 1918 *apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 19).

Sua estreia, porém, não se deu no jornal de Patrocínio, embora logo tenha migrado para este. Seu primeiro trabalho foi publicado em junho de 1899, no jornal *A Tribuna*: uma crítica à peça *A casa de bonecas*, de Henrik Ibsen. O autor ainda não completara 18 anos. Não demorou, contudo, para que, novamente articulando o capital social da família, se associasse ao jornal de José do Patrocínio e, quinze dias após a publicação de seu primeiro texto n'*A Tribuna*, comesasse uma colaboração regular em *A Cidade do Rio*<sup>22</sup>. Conta o autor, no mesmo artigo citado no parágrafo anterior, publicado quando da morte de Bilac, que já pelo seu primeiro texto foi muito bem remunerado, já que o jornal, à época, "nadava em dinheiro" (do Rio, 1918 *apud*. Magalhães Júnior, 1978). Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 20), contudo, discorda do diagnóstico do autor, apontando que "na época indicada, longe de nadar em dinheiro, a *Cidade do Rio* deixara de merecer as graças do governo federal". Associa, portanto, o biógrafo, a alta remuneração garantida ao jovem Paulo à relação que José do Patrocínio tinha com seu avô materno, Joaquim Cristóvão do Santos, responsável, como já visto, por garantir-lhe seu primeiro emprego no Rio de Janeiro. Ainda, atribui um peso ao parentesco de Paulo Barreto com Ernesto Sena, tio do primeiro e cunhado<sup>23</sup> do segundo (Magalhães Júnior, 1978, p. 21). Tarefa impossível, porém, é a de recompor a integralidade dos motivos que levaram Patrocínio a incorporar Paulo Barreto aos quadros da *Cidade do Rio*, cabendo a esta pesquisa apenas citar os fatos, destacando possíveis pontos de interesse.

Nos primeiros escritos publicados por Paulo Barreto na imprensa, seus dois principais biógrafos identificam uma forte influência positivista e uma vastidão de

---

<sup>22</sup> Irônico notar que o nome do jornal em que Paulo Barreto faz sua primeira colaboração com a imprensa faz referência justamente àquele que, anos mais tarde, tornou-se principal mote de seus escritos e compôs o pseudônimo pelo qual atingiu notoriedade: a cidade do Rio.

<sup>23</sup> Embora Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 21) cite Ernesto Sena como tio de Bibi, João Carlos Rodrigues (2010, p. 23) referencia-o como seu irmão. A confirmação da informação de João Carlos Rodrigues veio a partir da leitura da dissertação de mestrado de Luiza Almeida Baptista de Souza (2021, p. 11 e p. 94) que, debruçada sobre a vida de José do Patrocínio, cita Sena como seu cunhado, tendo como referência fundamental justamente uma outra biografia escrita por Magalhães Júnior.

citações de autores estrangeiros consagrados, entre os quais, Auguste Comte, Oscar Wilde, Lorde Byron, Gustave Flaubert e muitos outros. Criticava amplamente os simbolistas que se opunham ao parnasianismo, aos quais denominava nefelibatas, grupo que Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 21) identifica ter sido escolhido possivelmente por ser o mais hostil à então recente Academia Brasileira de Letras, da qual Bilac e Patrocínio eram membros fundadores. Entre os autores analisados por Barreto, o mais destacadamente criticado foi Félix Pacheco, sobre cujo trabalho o cronista se debruçou ao longo de quatro artigos, proferindo duras e agressivas críticas. O simbolista inicialmente respondeu, mas não demorou a esquecer o caso e, ainda em vida, tornou-se amigo do jovem que antes tanto o criticara (Magalhães Júnior, 1978, p. 22-23).

Esta primeira fase da produção de Paulo Barreto é pouco conhecida entre aqueles que não se dedicam ao estudo aprofundado de sua obra, embora tenha sido fundamental para sua formação enquanto jornalista e escritor. Foi durante seu período na *Cidade do Rio* que adotou seu primeiro pseudônimo – Claude –, que ligou-se a figuras relevantes no meio jornalístico, como Vivaldo Coaracy e Patrocínio Filho – este último, com quem tem, mais a frente, importante desavença – e que começou a fazer seu nome na cena da imprensa carioca. É Magalhães Júnior (1978, p. 25) quem afirma, nesse sentido, que "Claude depressa se tornou o mais dinâmico dos cronistas da pequena folha de José do Patrocínio", destacando a distinção dispensada pelo abolicionista ao jovem jornalista, que chega a publicar, em edição especial do periódico, seu retrato ao lado de notáveis como Bilac e outros grandes nomes do jornalismo (Magalhães Júnior, 1978, p. 28).

É também durante seu período no *Cidade do Rio* que, segundo Magalhães Júnior (1978, p. 25), traçando planos para o futuro ao lado de Vivaldo Coaracy e Patrocínio Filho, surge a ideia da publicação de um dos maiores sucessos literários do autor. Os três debatiam projetos de criação de grandes inquéritos jornalísticos a serem publicados no jornal e, posteriormente, em livro, no âmbito dos quais cada um se encarregaria de um tema, sendo as "religiões" o de Paulo – proposta muito similar àquela desenvolvida por ele, alguns anos depois, em "As Religiões no Rio". A amizade, porém, não dura muito e Patrocínio Filho, é tomado de ciúmes da relação entre seu pai e Paulo Barreto e passa a investir contra ele, ponto que Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 28) lista como um dos motivos que apressaram a saída de Paulo do jornal, em 1900.

Com a influência crescente de Patrocínio Filho no *Cidade do Rio* e a relação entre os dois piorando, a saída de Paulo Barreto não parece ter sido surpreendente. Seus escritos, porém, já haviam tornado seu pseudônimo Claude em alguma medida conhecido na cidade, já que, segundo Brito Broca, citado por Antonio Edmilson Martins Rodrigues (2000, p. 22), os artigos produziram "certo rumor na época pela truculência e o desassombro com que neles eram hostilizadas muitas figuras de relevo". Circulou, portanto, após a saída do periódico, por alguns matutinos, como *O Paiz*, *O Dia* e *O Correio Mercantil*, antes de finalmente chegar à *Gazeta de Notícias*, jornal com o qual contribuiu por mais de dez anos e onde conquistou sua fama. Nesse período, antes de entrar na *Gazeta*, estudiosos de sua obra identificam sua produção ainda com o tom agressivo usado nos textos da *Cidade do Rio* e com a forte influência francesa. Também foi nesse período que o autor explorou outras formas de assinar seus textos, entre os quais o nome que usava cotidianamente, Paulo Barreto, outro possível arranjo de seu nome e sobrenome, João Coelho, e apenas as iniciais, P. B.. Os textos, porém, constituem hoje a parte menos conhecida de sua obra e de menor relevância para aqueles que se dedicam a estudá-la.

## 2.5

### Nasce um imortal

À *Gazeta de Notícias*, João Paulo Coelho Barreto chegou como revisor por indicação de Nilo Peçanha<sup>24</sup>, em 1903, após a falência do *Correio Mercantil*. Embora passasse, à época, por um momento de transição, a *Gazeta* era um dos principais jornais da imprensa carioca e, sob o comando de Manuel Jorge de Oliveira Rocha, o Rochinha, foi um dos primeiros a incorporar os avanços tecnológicos à sua produção (Süssekind, 1987, p. 73) e suas páginas, incluindo manchetes, subtítulos, reportagens, entrevistas e caricaturas ao texto. O jornal era considerado o favorito da elite cultural e seus colaboradores, os mais bem pagos da imprensa brasileira (Rodrigues, J., 2010, p. 42-43). Chegando em um momento de transição, Paulo Barreto teve que muito trabalhar para usufruir dos ordenados pelos quais o periódico era conhecido e, além de escrever crônicas, foi também

---

<sup>24</sup> Sobre a relação entre o cronista e o político, nesse momento de suas vidas, não foram encontradas maiores informações que possam auxiliar na reconstituição dos motivos que levaram à indicação.

encarregado da crítica teatral, da tradução de alguns livros e de alguns trabalhos na revista *Os Anais*.

Seus primeiros meses na *Gazeta* são, em geral, não muito detalhados pelos biógrafos, que, após citar seu descontentamento com a carreira jornalística e sua tentativa falha de ingresso na diplomacia, saltam logo para tratar da publicação das crônicas reunidas em seu, hoje clássico, *As religiões no Rio*. O período, contudo, é essencial na formação do autor e, principalmente, da figura pela qual ele, em poucos anos, se tornará conhecido na cidade do Rio de Janeiro.

É nesse período, de seus primeiros anos de atuação na *Gazeta*, que passa a frequentar os restaurantes e cafés da boemia carioca. Os dois locais mais citados, tidos como ponto de encontro de jornalistas e literatos, são, de início, o Café do Rio e, em seguida, após ser expulso deste, o Café Paris. Antonio Edmilson Martins Rodrigues (2000, p. 34) inclui os dois cafés como partes essenciais da formação do autor, onde teve seu primeiro contato – como jornalista – com o campo intelectual que se formava no Rio de Janeiro, que incluía homens das letras, das artes e da política.

Luís Edmundo, citado por Martins Rodrigues (2000, p. 35) destaca que já nesse período a figura de Paulo Barreto sobressaía, fosse pela atitude alegre, expansiva e sociável, ou pelas roupas pelas quais já era notado, embora ainda não pelo estilo característico que lhe marcou anos depois. Se frequentava os mesmos locais das elites, porém, não tinha dinheiro para vivê-los como parte dela, sendo destacado por Martins Rodrigues, tanto o fato de sua expulsão do Café do Rio se relacionar com o fato de não consumir no local (Rodrigues, A., 2000, p. 34) e o fato de serem suas roupas modestas (Rodrigues, A., 2000, p. 35). O momento é, contudo, fundamental por ser aquele em que o aspirante a literato começa a conviver com as elites cariocas de forma mais habitual e incorporar, pouco a pouco, os *habitus* dessas elites.

Data deste período o primeiro artigo de João do Rio<sup>25</sup> na *Gazeta de Notícias*, um perfil do então prefeito da cidade, Francisco Pereira Passos, publicado em 03 de maio de 1903 (Beting, 2019, p. 37-40), em uma seção intitulada "A vida do Rio". A reportagem já segue um procedimento pelo qual ficou conhecido João do Rio anos mais tarde: a entrevista a um informante, no caso, um amigo pessoal do

---

<sup>25</sup> A origem do pseudônimo será mais detidamente estudada na seção 2.2, intitulada "Personagem: João do Rio".



prefeito. Aparecem, neste mesmo mês, dois outros trabalhos assinados com o pseudônimo na coluna "A vida do Rio", porém, não é possível dizer que é a partir dessas três publicações que João do Rio adquire notoriedade na cidade, de modo que o projeto do jovem de alcançar a ascensão financeira e social, embora avance, não pode ser considerado em nenhuma medida consolidado. Escrevia, ao longo de 1903, a coluna "A Cidade", em que tratava das transformações então em curso na cidade do Rio de Janeiro, assinando como X.. Na coluna, conforme analisa Julia O'Donnell (2017, p. 14), construíram-se as bases do olhar pelo qual, mais tarde, João do Rio ficou famoso: o olhar atento para a cidade e para a experiência urbana de seu tempo. No período, porém, Barreto pensou em desistir do jornalismo – e da enorme quantidade de trabalho que o acompanhava –, buscando espaço na diplomacia.

Aqui, mais uma vez o conceito de *campo de possibilidades*, conforme utilizado por Velho (1994) é útil para compreender a busca de Paulo Barreto por um espaço nos quadros do Estado. Desde o Império, os pequenos cargos no Estado já eram empregos tradicionalmente ocupados por literatos que os tinham como sua principal fonte de renda em um momento em que a imprensa e a literatura não ofereciam verdadeiras opções de profissionalização. José Murilo de Carvalho (2019) mostra, inclusive, o tamanho alcançado pelo Estado no Rio de Janeiro, quando em comparação com outras grandes metrópoles do mundo à época, compondo a força pública, aqui, 4,2% da população economicamente ativa, porcentagem somente superada por Lisboa, com 6,3%. O autor demonstra ainda, que a associação ao Estado se tornou, a partir do advento da República, uma das formas de as camadas médias urbanas redefinirem sua participação política, formando aquilo a que chama de uma "*estadania*". Parecia lógico, portanto, a Paulo Barreto, a busca por um cargo nos quadros do Estado, que lhe permitiria o acúmulo de capital financeiro que tanto almejava, deixando também algum tempo livre para seguir com seus projetos de escrita.

Ocupava então o posto de Ministro das Relações Exteriores, o Barão de Rio Branco, que operava uma verdadeira revolução nos quadros diplomáticos do Estado, ampliando e rejuvenescendo-os ao convidar para integrá-lo "rapazes que lhe pareciam inteligentes, cultos e bem apessoados" (Magalhães Júnior, 1978, p. 30). Estes jovens eram dispensados de concurso, sendo sabatinados pelo próprio Ministro, em conversas informais, sendo a exigência essencial o domínio da língua

francesa. Afirmar-se que, nessas entrevistas, o Ministro queria, sobretudo, saber se os jovens eram conquistadores ou se tinham namoradas.

Quando Paulo Barreto buscou Rio Branco visando embrenhar-se na carreira diplomática, em fins de 1903, o Ministro estava organizando uma missão à Colômbia sob a chefia de Enéas Martins. O jovem autor já possuía algumas das características que o haviam atraído em outros candidatos, além de dominar o francês. Não possuía, porém, um dos atributos específicos pelos quais o Barão costumava escolher os homens para compor o corpo diplomático brasileiro: a "boa estampa", o porte que, a seu ver, desse uma impressão "mais lisonjeira" do país no estrangeiro (Magalhães Júnior, 1978, p. 30-31). Faltavam-lhe a magreza e as namoradas e, principalmente, a pele branca. Ao ouvir o pedido do jovem por um emprego como secretário de legação, o Ministro foi amável, mas afirmou já estarem as vagas preenchidas.

Foi Maria Aparecida Silva Bento (2002; 2022) quem, estudando as manifestações do racismo na sociedade brasileira, ofereceu um nome ao fenômeno que, em sociedades desfiguradas pela herança da escravização, impede o acesso de pessoas negras<sup>26</sup> a determinados cargos ou posições: pacto narcísico da branquitude. A autora identifica que, no mundo do trabalho, as discriminações raciais encontram um lugar privilegiado para manifestar-se. Trabalhando com dados da contemporaneidade, demonstra a forte presença do legado da escravização na garantia de benefícios – tanto concretos, quanto simbólicos – para as pessoas brancas, reafirmando, desse modo, estruturas de poder que se constituem desde os tempos pré-abolição. Ainda, a autora explica que constitui-se a figura de um *outro*, racializado, que é sujeitado a diversos processos de exclusão e cujo valor é permanentemente negado, embora com base em argumentos variados. Surge, ao mesmo tempo, um medo desse outro e de que sua ascensão leve à perda dos privilégios que são garantidos às pessoas brancas a partir de sua subjugação, de modo que lhes é reiteradamente negado o acesso a certos espaços e posições de poder. Nesse sentido, embora fosse um caminho usual para os jovens aspirantes a literatos da época, a carreira diplomática não estava incluída no campo de possibilidades que se abria ao jovem Paulo Barreto, limitando o âmbito no interior do qual poderia trabalhar em seu projeto pessoal de ascensão social e financeira.

---

<sup>26</sup> Aqui englobam-se pessoas identificadas como pretas ou pardas, segundo a classificação do IBGE.

Com as portas do Ministério das Relações Exteriores fechadas para ele, Paulo Barreto voltou para a *Gazeta de Notícias*, determinado a seguir seu caminho no jornalismo e trabalhar muito para conquistar seu projeto pessoal. Seguiu com a coluna "A Cidade" até março de 1904, publicando também outros textos, os quais assinava com diferentes pseudônimos. Trabalhou, ao longo do período, não apenas as bases do olhar pelo qual seria amplamente reconhecido em vida (O'Donnell, 2017), mas a forma textual própria que auxiliaria a desenvolver, em sua forma moderna, e consolidar no Rio de Janeiro, sempre orientado pela necessidade de contribuir para o aumento das vendas dos periódicos com os quais contribuía (Carvalho, B., 2019, p. 137).

Entre os pseudônimos utilizados neste período de laboratório estava aquele pelo qual tornou-se conhecido: João do Rio. O nome de João do Rio surge novamente nos jornais em 26 de novembro de 1903, assinando a coluna "O Brasil lê" na primeira página do periódico, sobre cuja repercussão não foram encontrados registros, mas que é fundamental por marcar a inclusão do novo pseudônimo no projeto pessoal de Paulo Barreto. Nasce, aqui, aquele que logo se tornaria um imortal da Academia Brasileira de Letras, João do Rio. Não mais o jovem "amulatado" de roupas modestas que circulava sem poder pagar pelos círculos das classes letradas cariocas, mas um membro dessa elite intelectual, um "cavalheiro *smart*" (Rodrigues, A., 2000, p. 35), um dândi que circulava por diferentes lugares dessa cidade que, aos olhos de toda a gente, modernizava-se e tornava-se cada vez mais cosmopolita. João do Rio era, justamente, a síntese dessa cidade que o Rio trabalhava para tornar-se e personificava em si o projeto pessoal de Paulo Barreto. Sobre esse personagem e sua trajetória quando de seu surgimento no campo intelectual nos debruçaremos com maior detalhe no próximo capítulo.

Este capítulo, portanto, compreendeu a formação de Paulo Barreto enquanto jornalista e intelectual, demonstrando como foram determinantes para seu ingresso na imprensa e para a construção da imagem de João do Rio acontecimentos e escolhas que impactaram na trajetória do autor. Nascido de uma família que é a epítome do sentimento republicano, em um lugar da cidade caracterizado por sua sociabilidade mista, Paulo Barreto cresceu em contato, tanto com o mundo das elites, quanto com o mundo negado por elas. Busca na imprensa um caminho para concretizar um projeto pessoal de ascensão social e financeira, uma vez que tem

para si bloqueados outros caminhos tradicionalmente reservados para os, como ele, parentes pobres das elites agrárias. Mobiliza com maestria seu capital social – próprio e familiar – para reconverter sua posição no interior da sociedade e tem como momento determinante em sua carreira a negativa de ingresso na carreira diplomática, quando decide assumir a imprensa como parte de seu projeto e se aplicar ao desenvolvimento de suas habilidades para tal.

### 3

#### **Intelectual carioca:**

O primeiro capítulo deste trabalho identificou o caminho percorrido por Paulo Barreto até o momento da escolha da imprensa como a via no interior da qual se dedicaria à concretização de seu projeto pessoal de ascensão financeira e social, iluminando como oportunidades e escolhas foram determinantes para esta eleição. Nesta segunda seção, o foco se vira para o momento de consolidação deste projeto, a partir da construção de João do Rio enquanto seu alter-ego intelectual. Terá, portanto, o capítulo, como marco inicial a primeira aparição de João do Rio na Gazeta de Notícias, tendo como marco final a posse de Paulo Barreto na Academia Brasileira de Letras, considerando-se este como o momento em que atinge o centro do campo intelectual carioca.

Para melhor construir as reflexões aqui propostas, o presente capítulo se estrutura em três seções. A primeira subdivisão se dedica a promover um panorama da situação do Rio de Janeiro, especialmente buscando mapear a constituição do campo intelectual, ainda em curso na primeira década do século XX, primeiros anos de atuação de João do Rio. A seção também se debruçará sobre as relações desta elite intelectual com as elites políticas republicanas. O ponto foi separado do restante da reflexão, objetivando consolidar as bases sobre as quais se darão as reflexões promovidas nos subcapítulos seguintes. A segunda seção oferecerá um breve perfil de João do Rio enquanto alter-ego intelectual de Paulo Barreto, identificando as características da representação desenvolvida a partir deste personagem. Por fim, o foco se direciona para a trajetória específica desenvolvida pelo personagem e seu criador no interior do campo intelectual carioca, identificando oportunidades e escolhas determinantes na construção da via trilhada.

#### **3.1**

##### **Campo em formação**

Para compreender a trajetória de João do Rio no campo intelectual carioca, é necessária uma perspectiva mais ampla, buscando, antes, um panorama do campo intelectual carioca na Primeira República. Este panorama só é possível, porém, a partir de uma visão das elites políticas do Rio de Janeiro finissecular. Visando melhor elaborar este panorama, o trabalho parte de alguns pressupostos

fundamentais sobre a cidade e seu desenho urbano. Neste contexto, será identificada a composição dos setores letrados da população e, no interior destes, as elites políticas e intelectuais. Por fim, será identificado o lugar dos jornais no cotidiano dessas elites. O objetivo da seção é oferecer a quem lê esta pesquisa um mapa que, nas seções seguintes, facilite a compreensão dos movimentos-chave na trajetória de Paulo Barreto no interior deste campo.

Já foram citados, na introdução deste trabalho, os três pressupostos fundamentais – (i) convivências de grupos diferentes em espaços muito próximos; (ii) publicização do espaço urbano e; (iii) desenvolvimento tecnológico – para a leitura do contexto do Rio de Janeiro republicano. Seu impacto sobre a formação do campo intelectual, em curso ao longo da trajetória profissional de Paulo Barreto, porém, será mais detalhadamente destrinchado nos parágrafos a seguir. O caminho da reflexão parte da identificação da composição das elites republicanas, para debruçar-se sobre as relações entre estas e os intelectuais e entre estes dois grupos e o povo. A tentativa é de identificar o lugar social oferecido aos intelectuais na dinâmica de forças republicana, assim como pontos de convergência e divergência entre os três grupos.

Qualquer trabalho que pretenda se debruçar sobre as elites políticas republicanas deve primeiro retroceder ao tempo do Império, quando as elites intelectuais estavam, em grande medida, subordinadas ao Estado (Candido, 2019) e seus interesses – ao menos os materiais – eram associadas majoritariamente aos interesses dos grupos dirigentes, especialmente no período até os anos de 1870 (Carvalho, J. M., 2014, p. 100). Esse cenário apenas começa a mudar no final do século XIX. Quando a República é proclamada, em um processo que, ao contrário do ocorrido nas cidades europeias, parte dos desígnios das próprias elites políticas do Império, não há um processo relevante de reformulação social e mantém-se no poder representantes dos mesmos grupos políticos, com poucas exceções, não sendo, tampouco, redefinido o espaço de atuação dos intelectuais. Opera-se, como descreve Maria Alice Rezende de Carvalho (1994, p. 35) uma espécie de "seleção política da classe senhorial", que mina as forças das velhas elites escravocratas fluminenses – já identificadas com uma ideia de passado – e dos setores republicanos mais radicais.

Assim, não acompanhada por um processo de reformulação da estrutura social, a República apenas reafirmou a distância entre as – não tão – novas elites

políticas e o povo, que já vinha crescendo na capital desde o período dos saquaremas no poder<sup>27</sup>. Essa distância é aumentada a partir da adoção de um certo cosmopolitismo por parte das elites nacionais, que vem associada a um processo de desvalorização das manifestações da cultura popular e de exclusão dos grupos populares da área central – a partir, principalmente, das reformas urbanísticas –, juntamente com a condenação dos hábitos e costumes ligados à antiga dinâmica da cidade imperial (Sevcenko, 1999). O resultado mais concreto desse processo, segundo Nicolau Sevcenko (1999), é a construção de um espaço público central – a partir das reformas urbanísticas empreendidas no período – inteiramente planejado para o desfrute quase exclusivo das classes dominantes (Sevcenko, 1999), o que confirma no espaço as distâncias evidenciadas na estrutura social. Nesse novo cenário urbano, as elites abandonam os salões e varandas para ocupar os espaços públicos, com suas praças, palácios, jardins e avenidas (Sevcenko, 1999, p. 37), passando a circular também pela cidade, embora por apenas parte dela. A antropóloga Julia O'Donnell (2008, p. 49-50) complementa, explicando que "[f]ormavam-se, então, dois Rios no plano civilizatório idealizado pelo Estado: um dos empregados informais que abarrotavam as moradias populares, cada vez mais excluídos da região central, e outro dos sobrados, dos bacharéis, que faziam do centro a sua cidade" (O'Donnell, 2008, p. 49-50).

Foi nesse contexto que, como já visto nos capítulos anteriores deste trabalho, importantes transformações no âmbito da técnica começaram a ser difundidas com cada vez maior intensidade na cidade do Rio de Janeiro, fazendo surgir novos postos de trabalho associados às novas tecnologias que se espalhavam. No campo intelectual, estas inovações trouxeram importantes mudanças, dando lugar, como já visto, a um processo embrionário de profissionalização do escritor (Süssekind, 1987, p. 13). No novo cenário que se desenhava, os intelectuais, já não mais encampados sob a proteção do Estado, que ocupava seus postos com frutos das negociações com os membros das antigas elites oligárquicas que estavam gradualmente perdendo sua influência política, passavam a tematizar a cidade moderna como uma direção a ser seguida.

Não contidos, nem tampouco abrigados pela força estatal, os intelectuais temiam ser afetados pela ação disciplinadora que vinha removendo do centro da

---

<sup>27</sup> Sobre o período de domínio saquarema e sua empreitada de hierarquização das populações da capital – e nacionais –, o trabalho de Ilmar Rohloff de Mattos (2017) é leitura essencial.

cidade tudo que fosse lido como associado ao mundo da desordem popular e figuravam as ruas do Rio "como uma ambiência organizadora e educativa dos homens, afeita a uma 'legalidade' e a um padrão de socialização alternativos à realidade institucional" (Carvalho, M. A. R., 1994, p. 33). Isso porque, embora não estivessem contidos na estrutura republicana, o processo de profissionalização dos escritores ainda estava muito incipiente e os intelectuais tampouco podiam garantir-se ocupando posições completamente autônomas em relação ao poder público. Nesse contexto, explica Sérgio Miceli (2001, p. 17):

(...) o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação.

A incorporação da modernidade e da "civilização" à escrita por parte dos intelectuais cariocas não se dá, porém, apenas na inclusão desta como tema para as publicações, alterando também a forma dos textos. Flora Süssekind (1987) ressalta como um marco do período que vai de 1890 a 1920 o diálogo – ou a tensão – estabelecido entre a literatura com "o novo horizonte técnico que então se configurava no país, com um processo embrionário de profissionalização do escritor e com uma revisão da ideia de literatura, redefinida como técnica" (Süssekind, 1987, p. 13). Entre as consequências desse contexto estão as alterações formais que aceleram o texto, secam a linguagem, incluem cortes de cena e constroem um novo olhar sobre a sociedade que é reproduzido no texto literário.

Essa *nova* cidade, apresentada nos trechos reformados da urbe e nos escritos de seus intelectuais, porém, não tinha determinados pelo mercado, nem a identidade de seus intelectuais, nem, tampouco, o lugar dos *novos* agentes sociais que nela apareciam. Surge, assim, "um tipo de intelectual cujo lugar social e posto de observação prioritário foi, originalmente, a *rua* e não as *instituições*" (Carvalho, M. A. R., 1994, p. 31), entre os quais se inclui Paulo Barreto. Para estes intelectuais, o jornal se apresentou como uma alternativa de relevância para uma profissionalização possível de seus talentos, uma vez que era a imprensa considerada o "modo dominante de produção e difusão da literatura no período" (Süssekind, 1987, p. 72). Citando Sérgio Miceli, Süssekind (1987) explica a mudança por que passa o sentimento dos intelectuais em direção ao trabalho na



imprensa, evoluindo de um contexto romântico em que era considerada atividade tolerada, passando por um, da geração de 1870, em que era atividade complementar e tornando-se, enfim, a atividade central do grupo dos "anatolianos". Essa mudança, é claro, também tem relação direta com as transformações políticas pelas quais passava o país, em busca da fundação de uma tradição republicana.

Maria Alice Rezende de Carvalho (2012) faz notar, nesse cenário, que além das mudanças citadas, houve também uma modificação de padrões estéticos e recursos comunicativos, que passam a incorporar temas populares à imprensa, surgindo novas seções e sendo modificada a linguagem utilizada por muitos dos jornais (Carvalho, M. A. R., 2012). Se nossa literatura de raízes românticas identificava até então "superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical" (Candido, 1992, p. 16), os textos veiculados nos jornais tinham como objetivo a circulação e, portanto, desenvolveram uma característica oralidade, que com a ação de recitadores, expandia os discursos para atingirem analfabetos, iletrados e pessoas pouco afeitas à leitura (Candido, 2019). Essas mudanças são fundamentais para que os periódicos passem a construir um público que vá além das classes dirigentes, assim, em um Rio de Janeiro que tem a maior parte da população excluída do processo político, os jornais passam a ser uma das únicas ferramentas disponíveis ao povo para participar do debate público, o que garante maior prestígio aos homens – e às poucas mulheres – das letras engajados na atividade jornalística que, cada vez mais, se distancia do fazer literário.

Sobre essa interseção entre o mundo literário e o mundo da imprensa trata também Julia O'Donnell (2008). A antropóloga demonstra a sobreposição dos campos jornalístico e literário no Rio de Janeiro da virada do século, explicando que, com o desenvolvimento tecnológico, assiste-se a um barateamento das edições, de modo que passam a ser publicados livros que, igualmente aos jornais, buscavam atingir um público mais amplo<sup>28</sup>. O'Donnell (2008, p. 75) não deixa de ressaltar, porém, que essa amplitude é limitada, já que a capital, ainda que possuísse os maiores índices de alfabetização do país, contava apenas com 400 mil pessoas – 50% de sua população – alfabetizada<sup>29</sup>. A autora cita como satisfatória para a época

---

<sup>28</sup> Flora Süssekind (1987) reflete no mesmo sentido, ao tratar da evolução da publicidade no Brasil da virada do século, explicando que, no período em questão, também no livro torna-se uma mercadoria a ser anunciada, o que impacta diretamente em sua forma.

<sup>29</sup> Sobre o aumento nas taxas de alfabetização da capital, ver a pesquisa de Ilmar Rohloff de Mattos (2017) sobre o governo Saquarema durante o Segundo Reinado e seu projeto de centralização do

uma tiragem de 1100 exemplares, fazendo notar que o envolvimento dos literatos nos jornais se relacionava com a impossibilidade de o mercado editorial, nessas condições, suprir os autores de fama e dinheiro. Assim, destaca a antropóloga a formação de um campo intelectual na cidade do Rio de Janeiro marcado pela fusão entre jornalismo e literatura (O'Donnell, 2008). Essa sobreposição do campo intelectual, com o campo jornalístico, que, por sua vez, cada vez mais ocupa as ruas, leva à formação de uma rede de relações entre intelectuais e povo – que em pouco tempo será desfeita pela atuação repressora do Estado, conforme apontado por Luiz Werneck Vianna na conferência *Os "simples" e as classes cultas na MPB* (2004, p. 71-72).

Nesse cenário, porém, não é possível ignorar o desapontamento de uma tensão entre os campos literário e jornalístico, gerando uma necessidade de os escritores mais estabelecidos diferenciarem-se dos jornalistas quando ocupando as páginas dos periódicos. Em geral este objetivo era perseguido por contraste frente à simplificação e objetividade características da linguagem jornalística, inserindo uma super-ornamentação nos trabalhos ali publicados, como que marcando o lugar diferenciado do escritor no interior do espaço jornalístico (Süssekind, 1987). Assim, deixava-se de lado a discussão sobre as formas literárias então privilegiadas e sobre a padronização demandada pela imprensa. Flora Süssekind (1987) associa o processo a um de "etiquetagem" do espaço dos literatos – membros da elite intelectual – como diverso daquele da imprensa, fazendo-o através de uma oposição entre o artesanal e a técnica, de modo a justificar sua manutenção nos quadros dos jornais (Süssekind, 1987). E é justamente dessa tensão entre o literário e o jornalístico que João do Rio vai trabalhar seu estilo e fazer surgir a crônica em seu formato moderno: um tipo de texto sucinto, dinâmico e de temas e linguagem associados à oralidade, mas que não deixa de marcar sua literariedade característica através de mecanismos dos mais diversos.

Todos esses processos aqui brevemente descritos se dão de forma concomitante, influenciando mutuamente um ao outro. Desse modo, enquanto a República ainda se debatia para impor o novo modo de vida urbano para as camadas mais baixas da urbe, as mudanças sofridas pela imprensa modificaram a linguagem utilizada pelos jornais, o que se reflete na linguagem dos textos ali veiculados e em

---

poder e instituição de uma sólida hierarquização através de projetos educacionais que partiam da capital.

uma redução no tamanho das passagens literárias, assim como na modificação de seus objetivos, que agora passam a estar mais voltados para a atração de leitores. Esse cenário, junto com o novo contexto empresarial que se constituía nas redações de jornal, permite a entrada de integrantes das camadas médias urbanas nestes espaços, para ocupar funções antes reservadas a artistas mais renomados e pessoas ligadas à política institucional. Esses novos autores têm uma circulação mais desenvolvida pela cidade e encontram na rua os temas para seus textos, fato que faz modificar-se a própria arquitetura de alguns espaços da urbe (Carvalho, M. A. R., 2012, p. 50). Esse movimento é bem-sucedido em angariar leitores, levando a um crescimento da notoriedade desses autores entre as camadas letradas da população. Justamente por conta do movimento de profissionalização da imprensa, estes intelectuais da rua passam a ter na imprensa uma forma de profissionalizar-se na produção literária e, com seu sucesso, pouco a pouco, passam a ter seus escritos publicados em livros e a ser mais e mais reconhecidos pelos círculos intelectuais, garantindo seu espaço como parte destes, ainda que frequentemente em um lugar marginalizado, graças às tensões crescentes entre os campos jornalístico e literário que começavam a se consolidar.

O cenário que se desenha, portanto, nas primeiras décadas do século XX, no que toca a formação do campo intelectual, pode ser resumido em um parágrafo. A elite republicana, como a imperial, ainda é predominantemente agrária, embora tenha importado alguns ideais europeus de civilização, ordem, progresso e cosmopolitismo. Ao mesmo tempo, no Rio de Janeiro, as camadas médias estão em franco crescimento e, em seu interior, encontra-se um grupo de letrados que, não tendo um campo autônomo ao qual se filiar, vai se filiar às novas posições sendo criadas nos quadros governamentais. Esse grupo, ainda repetindo práticas do tempo do Império, terá, portanto, o Estado como principal fonte de renda, complementada pela imprensa e pela venda de livros. Por outro lado, o jornal se desenvolve e profissionaliza, ampliando seu público e sua possibilidade de remuneração aos jornalistas. Aliados da participação política formal, integrantes das camadas letradas menos prestigiadas passam a ter nos jornais um mecanismo para fazer ouvir sua voz política que não os associa diretamente ao Estado, ao mesmo tempo em que os permite profissionalizar-se na escrita. Da tensão entre os letrados associados ao Estado e aqueles associados aos jornais, começava a desenhar-se o campo

intelectual carioca da Primeira República, em que, gradualmente, se inseriria João do Rio.

### 3.2

#### **Personagem: João do Rio**

Tendo compreendido, em linhas gerais, um pouco da formação de Paulo Barreto enquanto intelectual, o contexto do Rio de Janeiro na época e o processo de formação do campo intelectual carioca, é fundamental, antes de avançar sobre sua trajetória de vida, se debruçar sobre a representação por ele construída a partir de sua decisão de investir na imprensa como parte de seu projeto pessoal. O trabalho aqui desenvolvido compreende que, à medida que penetra no campo intelectual, Paulo Barreto constrói para si, paulatinamente, uma figura pública, que logo é incorporada pelo pseudônimo de João do Rio, com o qual, cada vez mais, consolida-se o autor no meio intelectual<sup>30</sup>. Esta representação, embora empreendida pelo autor, difere da forma como ele se apresenta em seu meio privado, tanto em nome, como em algumas outras características sobre as quais se debruça esta seção. Com o passar dos anos, porém, ator e representação confundem-se cada vez mais, a ponto de as homenagens nos jornais, quando de sua morte, fazerem sempre seguir ao seu nome, o pseudônimo.

Ávido observador da sociedade carioca, Paulo Barreto soube utilizar-se de suas observações a seu favor, construindo sua representação de forma a contribuir para seu projeto pessoal – sobre o qual este trabalho se debruçou ao final do primeiro capítulo. Investindo na carreira de escritor através da imprensa, o autor tinha a necessidade de manter-se ativo e vendável, construindo para si, portanto, uma imagem afinada com aquela pretendida pela intelectualidade da época, associando-se aos ideais de modernidade que gradualmente se espalhavam pela cidade. Assim, construiu-se a figura de João do Rio, personagem que carrega a cidade no nome, tem na imprensa seu meio de vida e na observação seu hábito mais intrínseco. Cuidando para não recair na psicologia, campo aqui não explorado, será operada nesta seção uma análise da representação empreendida por Paulo Barreto a partir da construção de João do Rio, buscando sublinhar os grupos com que se

---

<sup>30</sup> Evidência desta consolidação no meio intelectual é o fato de assinar o autor todos os seus livros com o pseudônimo de João do Rio e não com o nome Paulo Barreto, com o qual assinava, entre outros documentos, as cartas a seus amigos pessoais (cf. Poncioni, Camilotti, 2015)

identificava o personagem e como este se localizava em relação ao campo intelectual então em formação.

É Luiz Edmundo (2003) quem primeiro oferece uma pista das diferenças de representação entre a figura de Paulo Barreto ao ingressar na imprensa e aquela de João do Rio, empreendida anos mais tarde. Narra, ao contar sobre o Café Paris em 1901:

Chega João do Rio, que ainda não é o cavalheiro *smart* dos tempos áureos das edições da Garnier, mas um simples repórter da *Gazeta de Notícias*, com o seu *veston* modesto, as suas botas cambaias e aquele chapéu-coco que está na caricatura do Gil. Já traz, no entanto, espetado ao canto do olho míope, o monóculo de cristal, mostra polainas, e, no lábio grosso e bambo, o indefectível charuto (Edmundo, 2003, p. 358, grifado no original).

O trecho é terreno fértil para a compreensão da construção da figura de João do Rio por parte de Paulo Barreto, uma vez que sinaliza uma virada que o leva de um jovem carioca modesto à figura, com ele identificada poucos anos mais tarde, de um cavalheiro *smart*, membro dessa elite intelectual moderna e cosmopolita que delimitava as fronteiras do campo intelectual carioca então em formação. Como passa, portanto, o jovem Paulo Barreto, de seu *veston* modesto ao cavalheiro adandinado conhecido por seu gosto por vestimentas chamativas (o fraque branco, o terno verde e o colete cor de cereja, por exemplo, como citados em Rodrigues, J., 2010, p. 38)? Como se justifica a escolha por assinar seus livros com este pseudônimo, entre os tantos outros que também utilizou na imprensa ao longo da vida? Qual a relevância desse personagem para o projeto de ascensão social e econômica cultivado pelo rapaz? Qual a relação entre a construção do personagem e a do campo intelectual carioca que estava então em curso? São estas algumas das perguntas para cuja resposta visa contribuir esta seção, tendo como hipótese fundamental a ideia de que João do Rio é o personagem-projeto que cria Paulo Barreto à medida que se insere no mundo da intelectualidade carioca.

Antes de avançar nessa empreitada, porém, cabe relembrar as reflexões propostas por Erving Goffman (2014). Em "A representação do eu na vida cotidiana", Goffman (2014) identifica que a interação entre os indivíduos se regula através de representações cotidianas, nas quais estão consideradas a forma como "o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e a suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que

formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas" (Goffman, 2014, p. 11). A partir destas projeções e das características determinadas que possuem, os seres humanos regulam também a forma pela qual esperam ser tratados nas interações. Essas representações, por mais fiéis que sejam, são diferentes da personalidade e atividade próprias do ator que as conduz e podem se dar de forma mais ou menos consciente por parte deste. Nesse sentido, simplificando a teoria para os fins a que se dedica essa seção, é possível tomar Paulo Barreto como o ator e João do Rio como personagem-síntese da representação por ele levada a cabo em público no interior das elites cariocas. Esta representação não se dá necessariamente de forma proposital e os movimentos que levam ao seu surgimento, como será visto a seguir, não são concomitantes, construindo o ator, paulatinamente, uma imagem que se adapta à medida que penetra mais fundo nos círculos intelectuais e à medida em que se modifica a cidade.

Debruçando-se sobre as representações, Goffman (2014) estabelece alguns pontos que merecem atenção. O primeiro deles é a fachada, "equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo na representação" (Goffman, 2014, p. 34), no interior da qual destacam-se o cenário – ambiente em geral fixo no qual a representação é conduzida – e a fachada pessoal – itens mais identificados com o próprio ator, que são parte do equipamento expressivo. Os dois itens são interessantes para compreendermos a representação que leva à existência de João do Rio. O primeiro encontra relevância já que, como veremos nas próximas seções, a construção do personagem ali representado tinha em sua relação com os diferentes cenários um ponto chave, principalmente para a constituição de suas crônicas. A fachada pessoal, por outro lado, se refere justamente à mudança citada por Luiz Edmundo (2003) e acima transcrita: uma representação que se apoia nas roupas<sup>31</sup>, performance de gênero, padrões de linguagem, gestos e outros, que esperamos que acompanhem o ator aonde quer que vá.

Ao construir a fachada pessoal de João do Rio, Paulo Barreto incorpora algumas referências já institucionalizadas – principalmente através da literatura –,

---

<sup>31</sup> Um panorama mais detalhado sobre o estilo pessoal de João do Rio pode ser encontrado no artigo "O traje de João do Rio: um dândi decadente nos trópicos", de Maria Cristina Volpi Nacif (2011).

de modo a fazer surgir determinadas expectativas estereotipadas abstratas e uma estabilidade de tarefas que são realizadas em seu nome. No caso específico de João do Rio, a principal fachada institucionalizada a que recorre é a do dândi, como se pode notar pelas inúmeras referências ao estilo "adandinado" do cronista, encontradas não apenas em suas biografias, mas em muitos dos trabalhos que se debruçam sobre sua vida e obra<sup>32</sup>. Informa Maria Cristina Volpi Nacif (2011, p. 173-174) que esta estética – adandinada – marcava no Rio de Janeiro, como fazia na Europa, o artista – embora pareça ter sido exagerada em João do Rio, como nos informam as inúmeras referências ao fato nas descrições do autor, fato que será discutido nos próximos parágrafos. A autora também explica que "(...) o traje do artista é também uma forma de teatralização das sensibilidades" (Nacif, 2011, p. 180), o que nos orienta, portanto, a compreender a relevância do recurso a esta fachada institucionalizada, para a construção de uma representação associada à arte e à intelectualidade.

É claro, porém, que a escolha da adaptação a uma fachada institucionalizada não é o único fator que garante o sucesso de uma representação, podendo esta contribuir ou não para o papel que busca representar. No caso de João do Rio, hoje podemos afirmar que a fachada pessoal "adandinada" contribuiu durante longo tempo na construção do papel que buscava representar. Ela apresenta, porém, como será visto no terceiro capítulo deste trabalho, um empecilho no momento em que busca o autor modificar um pouco essa representação visando alcançar um lugar mais central no interior das elites cariocas, através da ocupação de um cargo político.

Voltando às reflexões de Goffman (2014) sobre a representação, nelas são apresentados a idealização e a realização dramática como dois outros itens fundamentais na construção de uma representação. A primeira se refere ao desempenho, por parte do ator, de uma impressão que é idealizada de várias maneiras, mas que, se representada adequadamente, atua para ampliar a credulidade

---

<sup>32</sup> Algumas referências aqui citadas se encontram no título do primeiro capítulo da biografia redigida por João Carlos Rodrigues (2010), "Um jovem dândi na virada do século", no título e no curso do livro de Raúl Antelo (1989) sobre o autor "João do Rio: um dândi e a especulação", no título da dissertação de mestrado de Fábio José da Silva (2008) "O Dândi e o boêmio: João do Rio e Lima Barreto no mundo literário da Primeira República" e no título do livro de Nelson Schapochnik (2004), "João do Rio: um dândi na cafelândia". Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 193), debruçando-se sobre a obra do autor e sua representação da cidade, também o descreve como sendo um "*dandy* refinado".

daquela representação. A segunda, por outro lado, se refere à inclusão, por parte dos atores, de sinais que acentuam e configuram fatos confirmatórios do papel que desempenham.

O papel representado por Paulo Barreto como João do Rio era o de um intelectual, ou melhor, de um intelectual civilizado e, portanto, segundo as ideias que vigiam à época, europeizado. E, se a fachada pessoal por ele constituída já contribuía para a realização desse papel, confirmando-o, tinha, também, algo de idealizada. Isso se dá na medida em que porta o autor, com frequência, roupas associadas a certos personagens de ficção decadentistas aos quais busca relacionar sua imagem, como é o caso do fraque branco do protagonista de *Às avessas* e do terno verde com bengala da mesma cor, do *Monsieur Phocas*, de Jean Lorrain (Rodrigues, J., 2010, p. 38).

Do mesmo modo, o fato de o autor ser sempre visto circulando pelos espaços das elites cariocas "rodeado de livros e de jornais franceses" (Edmundo, 2003, p. 314)<sup>33</sup> também pode ser citado como fato confirmatório da representação em curso, podendo contar o fato de serem os livros e jornais *franceses* como algo que assinala na direção de uma representação idealizada do intelectual como alguém que, se não vive na França, vive imerso na cultura do país. No mesmo sentido, é possível incluir o fato de serem suas crônicas recheadas de termos em língua estrangeira, fato ressaltado pela maior parte dos estudiosos de sua obra lidos no curso deste trabalho, como uma idealização da sua posição de intelectual. Entre tantos que tratam deste aspecto de sua obra, destaca-se citação de Sandra Jatahy Pesavento (2002, p. 193) que reflete no mesmo sentido aqui exposto:

Tendo viajado várias vezes a Paris, João do Rio recheava suas crônicas com expressões francesas e citações de autores consagrados. Um estilo talvez pernóstico e irritante, por vezes empolado, *mas que parecia corresponder a um estilo de vida que, se não refletia exatamente as condições concretas da existência, pelo menos era o padrão desejado pela elite.* (grifos nossos)

Ao tratar do estilo próprio de escrita do autor, a historiadora destaca o deslocamento representado por certas características quando associadas à figura de João do Rio. Ao apontar ser o estilo "pernóstico e irritante" e o fato de não condizer

---

<sup>33</sup> Outras referências no mesmo sentido se encontram em Rodrigues, J., 2010, p. 38 e em Edmundo, 2003, p. 44-45.



exatamente com as "condições concretas da existência", a autora ressalta a idealização da representação ali desenvolvida, uma vez que se refere a um padrão tido como ideal pela elite carioca.

Em outro movimento, é possível ler a fachada decadentista apresentada pelo autor e trabalhada nos parágrafos anteriores como expressando, ao mesmo tempo, também uma dramatização da representação empreendida por Paulo Barreto, especialmente tendo em conta a impressão de exagero deixada por suas roupas e lida hoje através das frequentes referências ao estilo notório do autor. Quem confirma a hipótese do estranhamento causado pelas opções estéticas de João do Rio é Maria Cristina Volpi Nacif (2011, p. 178) ao afirmar que: "Paulo Barreto, o dândi da Belle Époque carioca, encarnou como ninguém o comportamento ultrajante em sua época, representando por meio de suas escolhas vestimentares, também, o paradoxo que foi capaz de criar (...)". Esse leve estranhamento pode ser tido, assim, como resultado de uma dramatização exacerbada da imagem do cronista que, ao lado de características pessoais que desestabilizavam o papel por ele representado, levavam a um estranhamento da própria representação.

O texto de Pesavento (2002, p. 193) pode aqui contribuir para a reflexão empreendida, oferecendo alguns *insights* sobre a desestabilização da representação baseada em características aparentes na própria fachada pessoal do autor. Narra a autora que se "*a silhueta não ajudava – era gordo e mulato* –, João do Rio pelo menos apresentava-se no rigor da moda parisiense, com chapéu coco, polainas, monóculo e casacas cortadas segundo as últimas tendências da capital francesa" (Pesavento, 2002, p. 193, grifos nossos). Denota, assim, a inadequação das modas, quando empregadas em uma figura que visivelmente – por sua gordura e, principalmente, cor da pele – não aparentava ser parte daquele mundo ao qual pretendia pertencer, ainda que recorresse a uma representação idealizada.

Ao leitor contemporâneo, como à historiadora, é nítido que qualquer representação que busque filiar-se a estereótipos europeus, encontra, no cotidiano da metrópole tropical, pontos que a desestabilizam, podendo sujeitar esta representação à ruptura. No caso de João do Rio, eram alguns os pontos de desestabilização de seu papel de intelectual europeizado: a cor de sua pele, negra, embora de tom mais claro, a desenvoltura com que circulava pelas camadas mais baixas da estrutura social da cidade e a necessidade de trabalhar para sustentar-se. Além, é claro, do óbvio, o fato de ser carioca, e não europeu. Seu físico acima do

peso, também destoava. Em um cenário que cada vez mais se marcava pelas diferenças entre os mundos da ordem, intelectualidade e civilização e da desordem, caos e barbárie, ambos com seus personagens muito bem delimitados, a representação conduzida por Paulo Barreto era naturalmente incompatível com essas características apresentadas pelo ator, todas, porém, impossíveis de serem de todo modificadas, ponto que, conforme será exposto ao longo do trabalho, foi de grande relevância para a construção da trajetória de João do Rio no campo intelectual.

Quem esclarece, porém, o modo como a representação empreendida por Paulo Barreto pode ter sido capaz de mitigar os efeitos de seus *handicaps* sociais é Nicolau Sevcenko (1999, p. 180). Explica o historiador, ao trabalhar o período da primeira República na análise da obra de Lima Barreto, que:

É por demais evidente que se todas as considerações recaíssem sobre as aparências e convenções exteriores, o fenótipo seria um elemento de alta relevância para distinguir os homens e definir seu papel no interior da sociedade. E de fato, a pigmentação e o tipo físico eram dados primordiais e decisivos, se não fossem compensados por títulos, papéis, objetos e quaisquer outros símbolos (Sevcenko, 1999, p. 180)

Nesse sentido, a representação empreendida por Paulo Barreto tinha como objetivo justamente a construção desses símbolos que compensariam as características de seu tipo físico não associadas ao papel de intelectual. Nestas incluídas não apenas aquelas associadas ao fenótipo da negritude, mas também aquelas associadas à gordura e à sua origem humilde.

Todo caráter visual da representação empreendida por Paulo Barreto, portanto, tem relação direta com sua habilidade de leitura da sociedade em que estava inserido. Tendo ressaltado, ao longo de toda a sua carreira, a importância das aparências e figurinos no Rio de Janeiro dos "encantadores" – como chamava os integrantes das elites – o escritor foi extremamente hábil ao usar essa leitura na construção de um personagem afinado com as modas e a aparência dessa mesma elite, para garantir seu espaço como parte dela. O fato é notado nas inúmeras descrições que qualificam o cronista como "*chic*", "*smart*" e outros adjetivos que dão a entender estar o escritor alinhado às últimas tendências da moda europeia –

apesar de qualquer estranhamento<sup>34</sup>. É Julia O'Donnell quem sinaliza a importância desta faceta da representação empreendida por Paulo Barreto, ao demonstrar que a produção da modernidade era passível de ser sentida por diferentes formas, com destaque para a visão, que tornara-se a "via de acesso principal ao universo relacional que cerca o indivíduo" (O'Donnell, 2008, p. 147), através da rápida fixação de impressões. Desse modo, é possível inferir que o empenho do autor na construção de uma fachada pessoal adequada à posição que pretendia ocupar tenha sido determinante na abertura de espaços a serem ocupados pelo cronista ao longo de sua vida.

Outro fator que contribui para a construção do personagem por parte de Paulo Barreto é sua frequência aos lugares associados às elites cariocas. Já citados no capítulo anterior desta dissertação, desde antes do surgimento de João do Rio, o autor frequentava o Café do Rio e o Café Paris, onde teve contato com a boemia carioca de sua época. Nesses espaços circularam e debateram ideias grandes nomes da pintura, da música, da política e da literatura cariocas do período. E não foram apenas os cafés citados aqueles nos quais foi visto João do Rio, fizeram parte de seu roteiro visitas ao Teatro Municipal, à Galeria Cruzeiro – e seus restaurantes –, à Livraria Garnier, às confeitarias Cavé e Colombo, aos inúmeros teatros que davam vida às ruas cariocas na época e a diversos outros espaços por onde circulavam não apenas os intelectuais, mas membros de toda a elite do Rio de Janeiro. O que importa aqui identificar, são as consequências desta frequência aos espaços associados à elites para a construção de seu personagem-projeto. A frequência a estes lugares, associada ao projeto pessoal de a eles pertencer, leva Paulo Barreto a permanentemente abrir-se à exposição aos *habitus* das elites, se habilitando a incorporá-los à sua performance. Mas, talvez ainda mais importante, a frequência aos espaços das elites, a partir da incorporação de seus *habitus*, oferece também a exposição do autor aos "encontros ao mesmo tempo casuais e previsíveis que garante a frequência a lugares bem frequentados" (Bourdieu, 2012, p. 164). Aumenta, assim, seu capital social, ao mesmo tempo que expõe-se aos *habitus* dos grupos dominantes daqueles lugares, de modo a, pouco a pouco, passar a ser lido

---

<sup>34</sup> A título exemplificativo, cita-se o comentário da cronista social do jornal *O Comércio de São Paulo*, Alice Dubois, citado por João Carlos Rodrigues (2010, p. 125), que descreve o autor como "um tipo *chic*, elegantíssimo e fino. Sem tolas preocupações com a moda, veste-se tão bem como o mais *smart* frequentador de Piccadilly (...) *causeur* admirável, ilustrado, cheio de verve".

como ocupante legítimo destes espaços. Como em tudo aquilo que se refere à personalidade de João do Rio, contudo, algo estava permanentemente desestabilizando não apenas a representação, como também a sua posição como ocupante legítimo destes espaços, como será indentificado mais adiante nesta seção.

Na análise do discurso empregado pelo autor ao longo de sua vasta obra, a questão da circulação de João do Rio pela cidade toma forma ainda mais nítida. O autor identifica-se – frequentemente através do uso da primeira pessoa do plural – com a intelectualidade carioca e com a frequência aos lugares bem frequentados, marcando sua estranheza aos locais em geral frequentados pelos integrantes do povo, deixando visível seu distanciamento deste grupo social. O ponto será mais aprofundadamente abordado nas análises de alguns de seus trabalhos, a serem realizadas na última seção deste capítulo e ao longo do capítulo 3. Entre todos os procedimentos empregados em sua obra, contudo, para tratar da circulação pela cidade, um merece destaque: o recurso à ideia da *flânerie*. Diretamente relacionada à fachada adandina à qual o cronista recorria, a *flânerie*, enquanto procedimento literário, se refere à circulação pela cidade, que servirá de inspiração fundamental para o trabalho literário. O procedimento está diretamente associado à modernização urbana, com o alargamento das calçadas e a ampliação da oferta de transportes (Novaes, 2015, p. 31-33), permitindo uma circulação mais confortável pela cidade. A exposição da *flânerie* como procedimento, porém, é outro ponto relevante na construção da imagem de João do Rio, na medida em que esta se associa diretamente a um "andar sem rumo", aburguesado, sem preocupações outras que não a observação da cidade; um andar de quem não precisa preocupar-se com a hora ou com o trabalho. A situação não condiz com aquela de Paulo Barreto que, embora perambule pela cidade, tem como rumo último a redação do jornal em que trabalha e a busca por histórias vendáveis a serem narradas na folha.

Retomando o tema da representação, embora esta não careça de uma separação clara entre o ator e o personagem, em Paulo Barreto/João do Rio, a dissemelhança entre os dois era carimbada pela diferença do nome. Reflete sobre o tema Raúl Antelo:

Se aceitamos que a criatividade de João do Rio não conseguiu se ajustar às expectativas masculinas (...), é possível entender a multiplicação de máscaras como a potencialização do nada e, ao mesmo tempo, como vontade agônica de poder. No disfarce se oculta a implícita adoração do outro.

A teatralidade da representação (...) obriga a assumir a vida como um palco, em que a todo momento o Artista é chamado a representar. Embuste, ocultamento, escamoteação, sinônimos de epifania (Antelo, 1989, p. 29).

Destaca, nesse sentido, Antelo (1989) a teatralidade da representação conduzida por Paulo Barreto a partir da utilização do pseudônimo, oferecendo mais um argumento que corrobora com a hipótese aqui defendida que compreende João do Rio como personagem-projeto de Paulo Barreto em sua entrada no campo intelectual. Refletir sobre o pseudônimo escolhido, portanto, torna-se tarefa necessária para melhor compreender a construção do personagem que por ele se nomeia.

O melhor panorama encontrado sobre as possíveis razões que levaram à escolha do nome foi feito por Graziella Beting (2014). A autora inicia a seção de sua tese de doutorado em que se dedica ao tema ressaltando, em primeiro lugar, os inúmeros estudos existentes sobre a origem do pseudônimo e, em segundo, o fato de Paulo Barreto ter usado inúmeros pseudônimos ao longo de sua carreira, embora apenas João do Rio tenha alcançado tal fama a ponto de se confundir com a própria identidade do jornalista (Beting, 2014, p. 266).

A primeira hipótese citada pela pesquisadora quanto à origem do pseudônimo é aquela formulada por Brito Broca em *A vida literária no Brasil – 1900*, que identifica o pseudônimo criado por Paulo Barreto com aquele utilizado por Paul Duval, Jean Lorrain (em português, João da Lorena). A hipótese se apoia na respeitabilidade de seu formulador e no fato de ter sido efetivamente Jean Lorrain um dos grandes modelos de Paulo Barreto, sendo, inclusive, um dos autores mais presentes em sua biblioteca pessoal (Beting, 2014, p. 266).

A autora, porém, contesta a hipótese a partir do fato de ter sido o pseudônimo de Paul Duval uma condição imposta por sua mãe para preservar a respeitabilidade da família, tendo sido o nome Lorrain escolhido por acaso<sup>35</sup> e combinado ao nome "Jean", considerado na França um nome simples, quase anônimo (Beting, 2014, p. 266-267). A autora ressalta, ainda, o fato de não ter Jean Lorrain nascido, nem jamais haver escrito sobre a Alsácia-Lorena, região à qual seu pseudônimo fazia

---

<sup>35</sup> Narra a pesquisadora a história por trás da escolha do pseudônimo: folheando um dicionário, a primeira palavra encontrada pela mãe do autor foi o adjetivo "lorrain", sendo portanto escolhido para o pseudônimo. O adjetivo, em francês, qualifica aquilo que vem da região francesa da Alsácia-Lorena, podendo, assim, ser traduzido o pseudônimo como "João da Lorena".

referência, de modo a parecer-lhe a hipótese de Broca um tanto falha (Beting, 2014, p. 267).

A hipótese seguinte, explorada pela autora, é a desenvolvida por Gentil de Faria, que sugere ter sido o nome João do Rio tributário do pseudônimo utilizado por Napoléon Adrien-Marx, jornalista do *Figaro*, para assinar suas crônicas, Jean de Paris. Este cenário parece mais provável à pesquisadora, uma vez que Barreto era leitor regular do *Figaro* e tinha o periódico como fonte de inspiração (Beting, 2014, p. 267). Tem, assim, Graziella Beting (2014) como uma ideia interessante a de que a inspiração do nome João do Rio derivaria de Jean de Paris e que Jean Lorrain teria influenciado a obra de Barreto de outras formas.

O parágrafo conclusivo, porém, oferece outra proposta, compreendendo que talvez não seja necessária uma viagem tão longa na busca da origem do pseudônimo. Beting (2014, p. 267) acredita ser mais provável que, buscando identificar-se como cronista e repórter da cidade e tendo João como seu primeiro nome, o pseudônimo tenha sido escolhido a fim de localizar o autor como "um habitante ordinário de sua cidade (...). Um cidadão quase anônimo que circulava pelas ruas, conversava com as pessoas e, por isso, se aproximava do carioca médio, concedendo-lhe a palavra" (Beting, 2014, p. 267, tradução livre).

Considerando, porém, toda a construção da representação de João do Rio aqui trabalhada, a hipótese da busca por identificar-se como um cidadão ordinário da cidade, embora interessante, não parece aquela que mais se adequa à personalidade que o autor buscava apresentar. Filiamo-nos, portanto, à hipótese proposta por Gentil de Faria e citada por Beting (2014, p. 267), de que o pseudônimo seria tributário daquele utilizado por Napoléon Adrien-Marx nas páginas do *Figaro*, contribuindo para a representação de João do Rio como intelectual afrancesado que se dedicava à observação do Rio de Janeiro. Reconhece, porém, esta dissertação, a impossibilidade de compreensão da intencionalidade de Paulo Barreto na construção do pseudônimo com o qual alcançou a fama e a reduzida dimensão desta justificativa para a compreensão da relevância do personagem por ele construído a partir do nome. Tendo sido qual fosse sua inspiração para o nome, o ponto fundamental é a existência de um pseudônimo que, embora tenha, ao fim da vida,

quase fagocitado a personalidade do autor, diferenciava a representação pública, daquela realizada por Paulo Barreto com pessoas mais próximas<sup>36</sup>.

Ainda, o pseudônimo escolhido para representar essa divisão entre o personagem público e o autor em sua vida privada se destaca pela intrínseca relação que estabelece entre escritor e cidade. João do Rio é a epítome da cidade em modernização que descrevia. Com uma sensibilidade irretocável, observou a divisão que se fazia no Rio de Janeiro entre os mundos da "alta" e "baixa" sociedade, assim como as transformações urbanas às quais a cidade estava sendo sujeita, construindo para si um personagem que era justamente o que a alta sociedade, no interior da qual buscava pertencimento, lutava para ser: intelectualizada e afrancesada. Alguém a quem se poderia oferecer o poder e lugar da escrita e da fala (cf. Sinder, 2002).

O autor por trás do personagem, porém, não desaparece e essa representação convive com características que escancaram, na própria representação, as contradições da sociedade nela plasmada. Se João do Rio era um intelectual de modelo europeu, não podia – não sabemos mesmo se tentava – esconder o fato de que era também *carioca*, ao qual se adicionavam as características de ser negro de pele clara, transitar bem pelos submundos culturais da cidade e ter, no trabalho na imprensa, sua fonte de renda. Não podia, portanto, traduzir literalmente o modelo europeu, operando, na realidade, uma tradução global, de pastiche, paródia, digressão – em vocabulário emprestado de Silviano Santiago (2000, p. 21). Seu movimento, assim, é antropófago por natureza e, por consequência, moderno, embora não no sentido que aparentava buscar sê-lo.

É nesse movimento que podemos melhor compreender a crônica moderna<sup>37</sup> como forma textual criada por Paulo Barreto, a partir deste lugar de tensões

---

<sup>36</sup> Pode ser tido como evidência da hipótese apresentada nesta sentença o fato de o autor assinar como "Paulo Barreto" ou apenas "Paulo" as cartas aos amigos próximos e como "João do Rio" as cartas públicas, como aquelas direcionadas aos jornais (cartas encontradas em Magalhães Júnior, 1978; Poncioni; Camilotti, 2015). Ainda, destaca-se o fato de Gilberto Amado, amigo do autor, em artigo incorporado ao volume de seu *A chave de Salomão*, não o referenciar nenhuma vez pelo pseudônimo, tratando-o apenas por Paulo Barreto, mesmo quando discorrendo sobre seus livros, todos assinados apenas por "João do Rio" (Amado *apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 216-219).

<sup>37</sup> Ou "crônica-reportagem", como referenciado o gênero por Julia O'Donnell (2008) e Renato Cordeiro Gomes (2004). No curso desta dissertação, escolhemos utilizar a denominação de "crônica moderna" por caracterizar-se esta por sua veiculação em um jornal que se consagrava cada vez mais como um empreendimento capitalista e cujo estilo, altamente influenciado pelo veículo em que era distribuída, se tornou canônico para o gênero no formato pelo qual este se desenvolveu até, principalmente, o final do século XX.

aparentes em que se encontrava e como fruto desta representação por ele operada. Esta "filha do jornal e da era da máquina" (Candido, 1992, p. 14), é caracterizada por sua efemeridade e ganha, com João do Rio, um novo posto prioritário de observação: a rua (Carvalho, M. A. R., 1994, p. 31)<sup>38</sup>. Deste novo local, se ressalta a existência de um olhar mais atento para a cidade e para a experiência urbana que, no Rio de Janeiro de então, levava também à garantia de uma maior velocidade de leitura, atingida por uma maior leveza no texto e menor tamanho (O'Donnell, 2017, p. 14-19). Ainda, é a partir de seu posto na rua que o autor pode firmar um novo pacto com quem o lê: o da experiência, da busca pelas informações *in loco* (O'Donnell, 2017, p. 19). Todos os pontos, embora tendo como inspiração o modelo europeu – essas mudanças já estavam em curso na literatura produzida em jornais norte-americanos e europeus, principalmente franceses –, têm, na literatura de João do Rio, a experiência urbana da cidade do Rio de Janeiro como sua base fundamental e, assim, ganham contornos específicos. Também textualmente, portanto, o movimento antropofágico operado na representação; também textualmente, um movimento moderno. Contribui, assim, para a cultura ocidental na medida que, embora importe modelos europeus, destrói os elementos de unidade e pureza que os caracterizam.

João do Rio e seus textos, assim, sintetizam em si as contradições da modernidade avassaladora que rasga seu caminho na cidade do Rio de Janeiro. Uma modernidade de bases francesas, que tem a ordem como foco, mas que se esbarra no contexto de tensão entre diferentes raças e culturas que vigia na metrópole latino-americana e, por isso, desestabiliza-se. Uma modernidade que avança implacável sobre estes pontos de contato, tentando eliminá-los, mas cujas barreiras já se erguem cheias de brechas. E, talvez, sem nem ter consciência do fato, era João do Rio, ele próprio, uma dessas brechas. Ainda assim, a representação é bem-sucedida e o sucesso de João do Rio é vertiginoso, sendo o cronista logo reconhecido como o intelectual que representava ser e talvez tenha sido justamente esse sucesso que

---

<sup>38</sup> Quem já tem algum domínio da literatura brasileira do começo do século XX sabe que João do Rio não foi o primeiro ou o único intelectual da época a ter a rua como seu posto prioritário de observação. O que se argumenta nesta dissertação – e será visto ao longo das próximas seções – é que, por sua habilidade na leitura do contexto social da época e de navegação no interior dos círculos intelectuais, além de suas características sociais específicas, merece um papel de destaque nesse movimento, por, nessa empreitada, ter alcançado reconhecimento social e consagrado como canônico o tipo de texto por ele escrito.



levou à quase fagocitação da figura de Paulo Barreto por seu alter-ego público, antes do fim de sua vida.

### 3.3

#### Trajectoria vertiginosa

Da publicação da primeira coluna como João do Rio à sua posse como imortal da Academia Brasileira de Letras, passaram-se sete anos. Sete anos de intensa produção do autor nas páginas dos periódicos cariocas, mas também em livros, conferências literárias e peças de teatro. É a esse período da vida de Paulo Barreto, aquele da ascensão de João do Rio, que vai se dedicar esta seção do trabalho. O objetivo é melhor estabelecer a trajetória vertiginosa do autor em sua relação com a formação do campo intelectual carioca e com a literatura que produz no período – o mais fértil de sua vida.

Paulo Barreto entra na imprensa, como já visto no capítulo anterior, por causa dos novos espaços que estavam surgindo a partir de seu desenvolvimento, este tributário dos intensos avanços tecnológicos que se viam então em curso no Rio de Janeiro. Nessa imprensa que passava por uma remodelação, porém, os ordenados, assim como os lugares nas folhas dos periódicos, não eram garantidos; dependiam da habilidade de cada autor de fazer seu ser texto comentado e, assim, impulsionar em alguma medida as vendas de jornais. João do Rio soube fazê-lo como poucos em sua época, desenvolvendo uma forma de escrita única, à qual Julia O'Donnell (2008) e Renato Cordeiro Gomes (2004) chamam de "crônica-reportagem", mas que, neste trabalho, chamaremos apenas pelo nome genérico de crônica, compreendendo aquelas produzidas por João do Rio como canônicas do gênero na modernidade brasileira.

Na construção desta forma textual por parte de João do Rio, os anos de 1903 e 1904 foram marcos fundamentais. Trata-se de período de intensa produtividade para Paulo Barreto, que publicou as séries de reportagens "A Cidade", assinada por X., e a famosa "As Religiões no Rio", sob a alcunha de João do Rio, ambas na *Gazeta de Notícias*. Colaborou também, no mesmo período, com a revista *Kosmos*. Trabalhando intensamente, frequentava os círculos das elites cariocas e construía, pouco a pouco, seu alter-ego, João do Rio, literária e pessoalmente.

João do Rio surge nas páginas da *Gazeta*, quando Paulo Barreto já começava a alcançar alguma notoriedade na imprensa carioca. Embora tenha aparecido pela primeira vez em três crônicas publicadas no mês de maio de 1903, só reaparece nas páginas do diário em novembro, sendo possível considerar este mês um marco que indica a intenção de garantir a durabilidade deste pseudônimo, já havendo Barreto assinado artigos na imprensa pelos nomes Claude, João Coelho, Caran d'Ache e, enfim, X., citado no último parágrafo. Até fevereiro de 1904, porém, não era possível ter medida da dimensão do pseudônimo que, logo, viria a quase suplantar a própria identidade do autor perante o público. Isso porque, ao longo de 1903 e no primeiro mês de 1904, as matérias assinadas pela alcunha são basicamente entrevistas com diplomatas portugueses, italianos e japoneses sobre a imigração. Nada que tenha movido o grande público.

Em fevereiro de 1904, porém, passam a ser publicadas na *Gazeta de Notícias* reportagens, assinadas por João do Rio, sobre 23 das religiões praticadas na cidade do Rio de Janeiro. Os escritos alçam seu nome à fama e fornecem material para a publicação de seu primeiro livro. O trabalho é o desenvolvimento de um projeto que, segundo Magalhães Júnior (1989, p. 25), já estava nos planos do autor desde seu período na *Cidade do Rio* – anos antes do surgimento do pseudônimo com o qual assinou-o. A inspiração, segundo Barreto, citado por João Carlos Rodrigues (2010, p. 50), veio do amigo Victor Viana, mas é também atribuída ao volume "*Les petites religions de Paris*", de Jules Bois, publicado quase dez anos antes em forma de reportagens no *Figaro* – mais uma influência francesa de monta que contribui para a representação empreendida por Paulo Barreto na figura de João do Rio.

É Graziella Beting (2014, p. 272) que, embora cite ter encontrado o volume entre os exemplares da biblioteca pessoal de Paulo Barreto, identifica que a inspiração manifesta na obra brasileira se encontra majoritariamente na ideia e na forma, sendo os procedimentos empreendidos por João do Rio na produção da narrativa muito diferentes daqueles realizados na obra de Jules Bois. Avalia da mesma forma a antropóloga Julia O'Donnell (2008, p. 92), para quem

(...) a escrita de João do Rio não escondia sua matriz estrangeira, numa postura tantas vezes taxada pejorativamente como imitação. Mas assim como na produção espacial da cidade, em seus textos, a inspiração estrangeira era resignificada de acordo com a realidade local, conferindo novos contornos aos princípios importados. Mais do que a cópia pura e simples, sua obra é um

caso primoroso de apropriação original de tendências já existentes que resultaram no desenvolvimento de novidades que mudariam para sempre o perfil do jornalismo nacional.

Nesse sentido, se voltamos a reflexão não mais para o jornalismo, mas para a literatura, é possível afirmar a existência, na produção de João do Rio em "As Religiões do Rio", daquela que Silviano Santiago (2000) cita como a maior contribuição da literatura latinoamericana para a cultura ocidental: uma "mestiçagem", em que os elementos europeus, mesmo quando há a tentativa de traduzi-los fielmente, perdem seus traços de unidade e pureza, para incorporar o elemento autóctone. Em João do Rio, o elemento autóctone reside em sua profunda relação com a cidade e suas gentes, sua infiltração entre os diferentes grupos e circulação como se neles pertencesse – talvez esta transitabilidade, uma herança de sua infância vivida justamente nas margens entre os espaços da "alta" e "baixa" cultura<sup>39</sup>. Definitivamente, uma herança da espacialidade carioca – de sociabilidade mista – em que foi criado.

As reportagens tiveram imenso sucesso de público e foram logo publicadas em livro, ainda em 1904, tendo mais de oito mil cópias vendidas – uma tiragem considerada espetacular para o país na época, mas que impressiona mesmo para os padrões contemporâneos brasileiros.

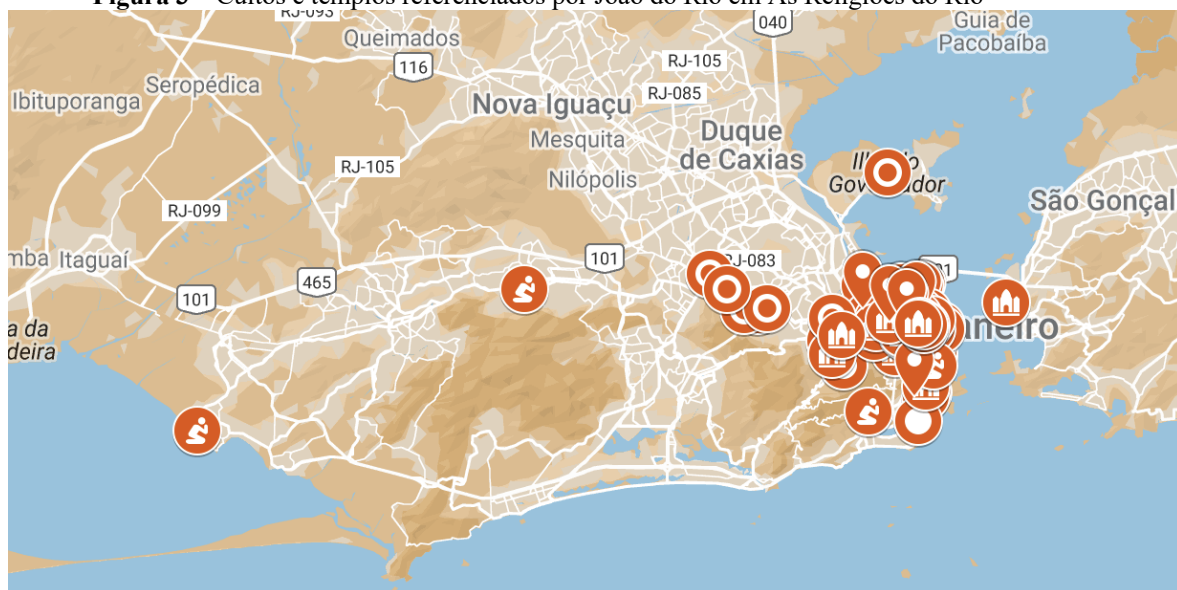
De que se tratavam estes textos, porém, para atrair tantos leitores? Explorando diversos cultos de origens diferentes que tinham lugar na cidade do Rio de Janeiro, João do Rio procedeu a oferecer a quem o lê descrições minuciosas de templos e ritos espalhados por toda a cidade (vide **Figura 3**). O destaque ficou para as descrições dos cultos de origem africana que, embora ao olhar contemporâneo possam parecer carregadas de preconceitos e visões discriminatórias, foram inovadoras na imprensa da época e, ainda hoje, oferecem material para historiadores e outros pesquisadores que se dedicam às religiões afro-brasileiras. Para oferecer esse panorama, João do Rio afirma ser guiado por Antônio, homem negro com quem percorre os cultos de origem afro da Cidade Nova, Gamboa, Santo Cristo e das cercanias da Praça Tiradentes, inaugurando um procedimento até então

---

<sup>39</sup> Mais detalhes sobre as características deste espaço na seção 1.1 Nascido nos arredores da Cidade Nova.

desconhecido em sua forma de buscar e apresentar a informação aos leitores, conforme diagnóstico de Brito Broca, citado por Graziella Beting (2014, p. 273)<sup>40</sup>.

**Figura 3** – Cultos e templos referenciados por João do Rio em *As Religiões do Rio*



**Fonte:** elaboração própria, com base em RIO, 2015.

A obra teve grande repercussão, não apenas entre as elites, as quais foram apresentadas a toda uma *cidade submersa*<sup>41</sup>, mas também entre as camadas mais pobres da cidade, em especial entre as pessoas negras que cultuavam as religiões de matriz africana, que se preocupavam em identificar o informante do autor para proteger-se de possíveis retaliações das autoridades<sup>42</sup>. Seja pela repercussão da obra, ou pelo fato de ter se tornado a primeira série de reportagens transformada em livro pelo autor, "*As Religiões do Rio*" pode ser considerado o marco inicial na consolidação de João do Rio enquanto persona pública de Paulo Barreto, já que é a partir deste trabalho que seu nome ganha maior espaço nos círculos das elites cariocas.

Uma estratégia muito utilizada no livro, que contribui para este lugar conquistado por João do Rio a partir de sua publicação é o distanciamento com que

<sup>40</sup> Nota, contudo, Julia O'Donnell (2017), em artigo introdutório ao volume que reúne as crônicas publicadas na coluna "A cidade", também de Paulo Barreto, mas assinada por X., que o procedimento da investigação *in loco* já havia sido inaugurado, em alguma medida, na coluna por ela analisada no volume.

<sup>41</sup> Expressão utilizada por Maria Alice Rezende de Carvalho (1994).

<sup>42</sup> Embora a liberdade de culto fosse consagrada pela Constituição Republicana, as religiões de matriz africana eram ainda muito perseguidas pelas autoridades policiais na Primeira República e as reportagens de João do Rio, em seu afã descritivo, não apenas narravam os cultos como, frequentemente, citavam seus endereços completos. Não foi possível encontrar, no curso dessa pesquisa, trabalhos que investiguem quanto à veracidade dos endereços ali citados.

se posiciona perante os rituais e cultos observados. Seu trabalho de observação é sempre guiado por um informante, mesmo quando se debruça sobre a religião em que foi criado, na crônica "A Igreja Positivista"<sup>43</sup>, e os juízos de valor por ele emitidos frequentemente reproduzem muitos dos estereótipos e preconceitos das elites da época, embora não contaminem sua observação a tal ponto a impossibilitar sua realização. Suas descrições, embora minuciosas, trombam frequentemente com julgamentos quanto à beleza dos templos ou casas de culto, à veracidade dos ritos e à boa ou má-fé dos responsáveis por conduzi-los. Os adjetivos utilizados não deixam dúvidas quanto à opinião formada pelo autor sobre cada um dos cultos visitados.

"As Religiões do Rio", por outro lado, é livro que inova por ressaltar as conexões entre um mundo tão negado pelas elites e os demais pontos das teias culturais da cidade, marcando os processos de interação e negociação em que estão envolvidos os diferentes grupos (O'Donnell, 2008), de modo a exercer um importante papel mediador entre as duas faces da cidade que conviviam no Rio de Janeiro. Essas interações, frequentemente ressaltadas no texto, porém, cumprem, ainda, um outro papel, o de justificar a presença do autor-personagem naqueles espaços. Ao explicitar a presença de membros das elites na missa negra, nos pontos de culto das religiões de matriz africana ou em outros cultos estigmatizados, o narrador reduz a incompatibilidade de sua própria presença naqueles espaços, que, ainda que motivada pela curiosidade intelectual, poderia pôr em risco sua representação como membro dessas elites. É também ao lado dessa elite que se localiza ao empregar expressões como "Diante de meus olhos de civilizado (...)" (Rio, 2015, p. 49) e "(...) nossos avós, portugueses de boa fibra (...)" (Rio, 2015, p. 45)<sup>44</sup>. Um trabalho que se mostra, portanto, a uma análise detida, metucioso na construção da representação de João do Rio, que se apresentava, na obra, para a população letrada carioca. O livro e as reportagens que o compõem são, assim,

---

<sup>43</sup> Esta crônica é particularmente interessante, por citar o informante o ritual de conferência dos primeiros sacramentos "aos filhos de Miguel Lemos, Teixeira Mendes e do Dr. Coelho Barreto" (RIO, 2015, p. 84), este último, o próprio Paulo Barreto. Ao localizar-se, a partir do discurso do informante, ao lado dos filhos de importantes nomes do positivismo brasileiro, reforçava, no imaginário de quem o lia, a ideia de seu pertencimento nesta elite política nacional. Por outro lado, ao citar seu nome na terceira pessoa, reafirma a hipótese aqui trabalhada de uma separação entre o autor João do Rio e o homem Paulo Barreto.

<sup>44</sup> Aqui, interessa lembrar, como visto no capítulo anterior, que Paulo Barreto, embora tivesse sim avós de origem portuguesa, possuía também uma avó negra, ex-escravizada, Dona Gabriela. Não conseguimos obter, porém, no curso desta pesquisa, informações sobre a religião praticada por ela, embora fosse essa uma informação interessante na recomposição da formação do autor.

fundamentais para compreender o personagem construído pelo autor e a relação que buscava estabelecer com as elites e com os círculos intelectuais da cidade.

A repercussão da obra foi tal que, anos depois, chegou a ter seu valor antropológico reconhecido pela Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sendo identificado como "uma verdadeira joia que deve ser apreciada pelos leitores competentes" (*apud.* Rodrigues, J., 2010, p. 53).

Como era de se esperar, o sucesso da obra, porém, não foi suficiente para garantir, por si só a ascensão financeira do autor, que seguiu contribuindo com a *Gazeta de Notícias* e com a recém-criada revista *Kosmos*, que contava com um seleto grupo de colaboradores, entre os quais Olavo Bilac, Artur Azevedo, Coelho Neto e Euclides da Cunha – sinal do prestígio que começava a acumular nos círculos intelectuais cariocas. Paulo Barreto, agora já João do Rio, seguiu suas incursões às mais diversas áreas da cidade, publicando crônicas que têm as ruas do Rio como mote fundamental, explorando a *cidade submersa* que as forças da política institucional insistiam em tentar esconder. É também nesta revista que, neste mesmo período, publica a tradução do livro "Salomé", de Oscar Wilde, mais tarde transformada em volume pela Casa Garnier, e diversas das crônicas incluídas, anos mais tarde, no volume "A alma encantadora das ruas", estas espalhadas entre a *Kosmos* e a *Gazeta*.

Em 1905, João do Rio assinou outra série de reportagens bem-sucedida na *Gazeta de Notícias*. Ideia de seu amigo, deputado e membro da Academia Brasileira de Letras, Medeiros e Albuquerque, com base em inspirações colhidas em uma viagem à Europa, a série reunia entrevistas com grandes nomes da literatura nacional<sup>45</sup>, baseadas em cinco perguntas previamente formuladas. Eram elas:

- 1) Para sua formação literária quais os autores que mais contribuíram? 2) Das suas obras qual a que prefere? Especificando mais ainda: quais, dentre seus trabalhos, as cenas ou capítulos, quais os contos, quais as poesias que prefere? 3) Lembrando separadamente a prosa e a poesia contemporânea,

<sup>45</sup> Responderam o questionário e foram incluídos na série: Olavo Bilac, João Ribeiro, Júlia Lopes e Felinto de Almeida; Sílvio Romero, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Lima Campos, Afonso Celso, Luís Edmundo, Clóvis Beviláqua, Nestor Vitor, Pedro Couto, Artur Orlando, Padre Severiano de Rezende, Guimarães Passos, Curvelo de Mendonça, Félix Pacheco, Silva Ramos, Garcia Redondo, Frota Pessoa, Osório Duque Estrada, Fábio Luz, João Luso, Mário Pederneiras, Rodrigo Otávio, Inglês de Sousa, Rocha Pombo, Laudelino Freire, Magnus Sondhal, Elisio de Carvalho, Sousa Bandeira, Gustavo Santiago, Júlio Afrânio, Augusto Franco, Alberto Ramos e Raimundo Correia, 14 dentre os quais eram membros da ABL (Rodrigues, J., 2010, p. 57). O volume em livro também incluía uma seção dedicada àqueles que optaram por não responder ao questionário.

parece-lhe que no momento atual, no Brasil, atravessamos um período estacionário, há novas escolas (romance social, poesia de ação, etc.), ou há luta entre antigas e modernas? Neste último caso quais são elas? Quais os escritores contemporâneos que as representam? Qual a que julga destinada a predominar? 4) O desenvolvimento dos centros literários dos Estados tenderá a criar literaturas à parte? 5) O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária? (*apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 43).

Entre as tantas respostas interessantes que reúne o volume, uma interessa mais aos fins desta pesquisa: a da última pergunta. João Carlos Rodrigues (2010, p. 57) sumariza de forma excelente as respostas, em parágrafo que será a seguir reproduzido visando primar pela concisão do texto.

D. Júlia Lopes de Almeida e Sílvio Romero, lúcidos, declararam, respectivamente, que o jornalismo "criou a profissão de literato", sendo seu "animador, protetor e criador". Bilac, Coelho Neto e Nestor Vitor destacam o papel da imprensa na divulgação dos autores, mas a maioria (...) respondeu conservadoramente contra. "É péssimo e penso como toda a gente", declarou Luiz Edmundo, ele mesmo jornalista, apoiado por Duque Estrada ("atualmente é um péssimo fator"), Fábio Luz ("estraga e esteriliza os escritores e artistas"), Elysio de Carvalho ("o mais pernicioso dos fatores que embaraçam o progresso literário"), Raimundo Correia, Mário Pederneiras e Gustavo Santiago.

O que se destaca nas respostas acima transcritas são as tensões então em voga entre os campos jornalístico e literário, ambos em formação na cidade do Rio. Literatos que tinham então sua posição mais consolidada, em sua maioria, marcavam sua visão negativa do jornalismo de forma a ensaiar uma maior delimitação do campo perante a entrada dessas pessoas; especialmente em um momento em que as barreiras entre os dois campos estavam significativamente diluídas. Assim, embora muitos dos nomes citados escrevessem também para os jornais, marcavam seus lugares como distintos daqueles ocupados por jornalistas, entre os quais, João do Rio, responsável por produzir o inquérito.

A série, como outras do autor, não escondia suas influências francesas, tendo-as exposto em sua reportagem inaugural "Antes", com referências a livros franceses, italianos e ingleses, citando também alguns autores e críticos que instigaram as reportagens. Mais uma vez, aqui, a influência estrangeira contribui para a construção da representação de João do Rio enquanto personagem intelectualizado, atento à marcha dos letrados "civilizados" e, portanto, apto a traduzir, para a realidade nacional, as modernizações observadas no exterior.

Destaca-se, porém, ainda mais um ponto na reportagem inaugural: o fato de ela estruturar-se em formato de diálogo entre o autor e "um homem muito sério e muito grave" (Rio, 2019b, p. 7), seu "venerável amigo" (Rio, 2019b, p. 10), o qual suspeitam seus biógrafos que seja Medeiros e Albuquerque, a quem o livro é dedicado e é atribuída a ideia de sua realização<sup>46</sup>. Esse diálogo inicial é relevante por situar João do Rio, ainda antes do início da série, em posição de alguma proximidade com esse campo em que buscava adentrar para concretizar suas reportagens. Essa familiaridade apresentada, logo de cara, com esse "venerável amigo" tem funções importantes: (i) contribuir para a representação intelectualizada levada a cabo por Paulo Barreto com a figura de João do Rio; (ii) aproximar o jornalista do campo em que buscava inserir-se; (iii) gerar curiosidade quanto ao nome da figura ilustre com quem conversava o autor e, assim, fazer com que, desde logo, o texto fosse comentado na cidade. A estratégia funcionou e a série foi um sucesso, tendo o autor assinado em 1907 contrato com a Casa Garnier para sua publicação em livro.

Foi antes da publicação da obra em livro, porém, que, ainda em 1905, Paulo Barreto decidiu candidatar-se pela primeira vez a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, quando da morte de Pedro Rabelo. Ainda muito jovem, aos vinte e quatro anos, o autor só possuía, até então, um livro publicado, mas confiava, segundo seus biógrafos, nas "sólidas amizades entre os acadêmicos" que estava certo de ter firmado na construção da série "O Momento Literário" (Magalhães Júnior, 1978, p. 53). Em disputa contra Barreto, inscreveu-se o advogado e antigo deputado do Império, tio de Graça Aranha, Heráclito Graça, autor do livro "Fatos da Linguagem", então com sessenta e nove anos. Embora tenha o cronista se engajado na campanha, que afetou sua já frágil saúde<sup>47</sup>, o parlamentar veterano levou a melhor, tendo sido eleito, já em 1906, por dezessete votos a oito, cifras, contudo, animadoras para o jovem autor que começava a estabelecer-se no campo intelectual carioca.

---

<sup>46</sup> Além da pessoa deste venerável amigo, o fato de a reportagem inaugural estruturar-se no formato de diálogo pode contar também como a repetição de um procedimento que o autor usaria frequentemente ao longo de sua carreira e do qual já havia se utilizado na série de reportagens anterior.

<sup>47</sup> Extremamente nervoso, o cronista teve de se retirar para uma estação de cura em Poços de Caldas, de onde acompanhou a eleição e seguiu publicando na *Gazeta de Notícias*.



É também no ano de 1905 que se espalha pela capital da República a moda das conferências literárias. Mais uma ideia de Medeiros de Albuquerque, trazida de suas viagens à Europa, as conferências eram mais uma forma de os literatos e jornalistas, sempre em busca de engordar os magros ordenados, ganharem algum dinheiro. O público era majoritariamente feminino e os temas, em geral, amenos. Grandes nomes da literatura nacional embarcaram no modismo e proferiram inúmeras conferências ao longo dos vinte anos em que a tendência se manteve em alta, espalhando-se por todo o país. Nesse cenário, João do Rio destacou-se com as conferências "A rua" – posteriormente publicada como prólogo de "A alma encantadora das ruas" –, "O flirt", "A delícia de mentir", "O figurino" e "Modinhas e cantigas".

A importância dessas conferências para a literatura nacional pode ser compreendida com o auxílio de Antonio Candido (2019), que explica que, com as poucas edições de livros, que lentamente esgotavam-se, "a revista, o jornal, a tribuna, o recitativo, a cópia volante, conduziam as suas ideias ao público de homens livres" (Candido, 2019, p. 90). Assim, explica, é construída uma característica de oralidade relacionada à literatura brasileira, que necessitava da ação dos recitadores para expandir seus discursos visando atingir analfabetos, iletrados e pessoas pouco afeitas à leitura. Candido demonstra que desse modo foi formado um público significativo de *auditores*, o que requeria do escritor certas características que melhorassem a legibilidade do texto para estes – um estilo de escrito para ser *ouvido*, ao que faz referência à existência de uma "literatura sem leitores" (Candido, 2019, p. 91). As conferências, portanto, são um momento chave na constituição dessa oralidade que caracterizava então a literatura nacional e o sucesso de João do Rio – associado ao fato de haverem algumas de suas conferências sido publicadas posteriormente em livros e nos jornais – nos aponta a posição de protagonismo ocupada por ele neste processo. Essa intercambialidade de meios apresentada por seus textos demonstra a compreensão da necessidade de construção de uma forma literária associada a essa oralidade, necessidade esta suprida, entre outros formatos, pela crônica, nos moldes que assume a partir do trabalho de Barreto, que foi capaz de aproximar uma "alta cultura" à cultura de massa que começava a tomar forma na cidade (Novaes, 2015, p. 46). Além da contribuição de João do Rio para o desenvolvimento da literatura brasileira através das conferências, esta modalidade, por não exigir o domínio da forma escrita,

permitia a expansão do reconhecimento do autor para públicos iletrados, fazendo crescer sua popularidade ainda mais na cidade.

Ao final do ano de 1906, já de volta ao Rio, o autor inaugura seu trabalho em um novo veículo midiático: o teatro. Sua estreia se deu com a peça *Chic-chic*, encenada no Palace-Théâtre<sup>48</sup> pela companhia portuguesa Lucinda-Cristiano, dos atores Lucinda Simões e Cristiano de Souza, para cuja elaboração de roteiro João do Rio havia sido convidado por J. Cateysson, empresário da casa. A obra era uma revista carnavalesca, escrita em parceria com J. Brito, e buscava embarcar no sucesso galopante do jovem cronista para aumentar as receitas do teatro<sup>49</sup>, mas não teve boa repercussão na crítica, que foi impiedosa. O público, por outro lado, abraçou o espetáculo, tendo este se mantido em cartaz até 23 de janeiro do ano seguinte nos teatros Palace e Apollo, sendo primeiro naquele e, a partir de 12 de janeiro, neste. A estreia no teatro, especialmente no gênero da revista, extremamente popular à época, foi mais uma plataforma para expandir o reconhecimento do autor, ou melhor, de seu alter-ego João do Rio, para além dos circuitos letrados da cidade, especialmente tendo em conta a relevância do teatro na vida social carioca da *belle époque*. Com uma oferta de mais de 10 mil lugares por dia, sem rádio e com o cinema ainda em seus primeiros momentos, o teatro era uma das principais fontes de diversão na cidade do Rio (Rodrigues, J., 2010, p. 75), sendo, portanto, uma importante fonte de renda para seus autores e atores.

A crítica negativa à sua estreia teatral, porém, não o impediu de retornar aos palcos no ano seguinte, não mais com uma revista, mas, agora, com uma tragédia curta sobre um caso de infidelidade. Encenada pela recém-criada companhia da atriz Lucília Perez, a peça *Última Noite* estreou em programa duplo com um roteiro de Artur Azevedo<sup>50</sup>, baseado em um conto de Júlia Lopes, intitulado *O Dote*, contando em sua primeira exibição com a presença ilustre do então Presidente da República, Afonso Pena. A presença do político, ao lado do fato de se apresentar a peça do cronista, junto daquela de Artur Azevedo, nome já consolidado da intelectualidade carioca, interessam por revelar o prestígio que vinha acumulando

---

<sup>48</sup> O teatro ocupava o imóvel que hoje abriga o Teatro Riachuelo, na Rua do Passeio, no Centro do Rio de Janeiro.

<sup>49</sup> Mais um indício do prestígio que já então angariava na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>50</sup> Um dos únicos nomes da crítica que, quando da estreia da revista anterior de João do Rio, viu no autor a capacidade de "dar contribuições valiosas ao teatro, no futuro", quando tivesse mais experiência (Magalhães Júnior, 1978, p. 58).

nos círculos intelectuais e nas elites da capital da República. E, dessa vez, a crítica foi plena em elogios aos dois autores, passando a considerar-se João do Rio reabilitado como autor teatral perante a intelectualidade do Rio de Janeiro.

Ainda em janeiro de 1907, Paulo Barreto retoma, agora na *Gazeta de Notícias*, a crônica literária, estreando a coluna "Pequena crônica das letras", assinada pelo pseudônimo José. Ao longo de suas linhas, elogiou alguns importantes nomes da literatura nacional, como o acadêmico Sílvio Romero, Goulart de Andrade – protegido do acadêmico Alberto de Oliveira – e Júlia Lopes – tida como a mandante do marido acadêmico Felinto de Almeida. Por muitos, a coluna foi tida como "preparação de terreno" para uma possível nova candidatura à ABL.

A vaga – para a qual preparava ou não o terreno – surgiu em abril, com a morte de Teixeira de Mello. Já havia sido realizada, em outubro de 1906, uma outra eleição, após aquela em que o cronista fora preterido, mas Paulo Barreto não havia nela concorrido. Inscreveu-se na eleição contra Virgílio Várzea, não havendo, a princípio, outro candidato para a mesma posição. Pelo que depreende de nota enviada por Machado de Assis a Joaquim Nabuco no curso da eleição, porém, Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 71) acredita que o presidente da Academia não estava satisfeito com as opções. Nabuco responde declarando que votaria por Barreto, caso não se candidatasse também o Barão de Jaceguai, herói da Guerra do Paraguai e autor de narrativas sobre sua vida militar, para cuja eleição diversos acadêmicos estavam trabalhando. Às vésperas do encerramento do prazo, Machado conseguiu a inscrição de Jaceguai e escreveu a Nabuco afirmando crer "que está eleito o *nosso* almirante" (*apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 71, grifo meu). Tendo notícia do fato, os dois outros candidatos retiraram suas candidaturas e o barão foi eleito, com grande número de abstenções.

João Carlos Rodrigues (2010, p. 60-67) buscou compreender os motivos que levaram à oposição dos medalhões às duas candidaturas do autor. Lista, entre os motivos plausíveis, o preconceito contra a profissão jornalística por parte dos escritores consolidados – conforme visto nos parágrafos que trabalham "O Momento Literário" –, a juventude do autor e as "questões morais". Publicando crônicas sobre a *cidade submersa* carioca desde 1904, João Carlos Rodrigues (2010, p. 61) acredita que pode ter sido criada uma aura "nefasta" em torno do autor, que se relaciona à sua circulação frequente pelos espaços dos africanos, em cordões carnavalescos, nos subúrbios e até em uma favela carioca. Acima de tudo, um ponto

destacava-se, constituindo, na visão do grupo de Machado e Rio Branco – segundo Rodrigues (2010, p. 61), uma mancha larga na reputação do autor: sua suposta homossexualidade.

Tendo escrito Paulo Barreto desde muito novo<sup>51</sup> sobre "perversões sexuais" diversas, categoria em que, para seus contemporâneos, se encaixava a homoafetividade, as suspeitas sobre sua sexualidade desviante já pairavam sobre si havia alguns anos. As presunções aumentavam pelo fato de ser o autor um dos principais difusores da obra de Oscar Wilde, autor conhecidamente *gay*, no Brasil e pelo fato de ele ainda morar, aos 23 anos, com os pais, sem ter noiva ou amante. Seus textos também deixavam pistas quanto à "imoralidade" – para os olhos da época – de seus comportamentos sexuais e afetivos como, por exemplo, ao narrar suas andanças pelo Largo do Rocio durante a noite, ponto conhecido de prostituição masculina na cidade, e ao comparar um de seus passeios às partidas de Dorian Gray "para o vício inconfessável" (*apud.* Rodrigues, J., 2010, p. 66). Ao mesmo tempo que cresciam os rumores de sua homossexualidade, alguns de seus desafetos a tinham como puro exibicionismo. Era o caso de Lima Barreto que, ao criar um personagem inspirado no cronista em *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, descreve-o como "o gênio do reclame" (*apud.* Rodrigues, J., 2010, p. 69), ao ser visto entrando em uma hospedaria com um fuzileiro naval, dando a entender que o autor deixava correrem os rumores para aumentar sua fama.

No curso de toda a pesquisa aqui realizada, contudo, não foram encontrados documentos não-ficcionais em que Paulo Barreto admitisse, pessoalmente, ter orientação homoafetiva. Ao contrário, em carta escrita a João de Barros – um dos grandes amigos do autor – em 1916, quando da visita de Isadora Duncan ao Brasil, se diz apaixonado pela dançarina, como nunca antes havia se encantado por ninguém (Poncioni; Camilotti, 2015, p. 152). A carta, porém, pouco nos é capaz de informar sobre a realidade da sexualidade de Paulo Barreto, já que este poderia estar apenas empreendendo uma representação para o amigo, a fim de afirmar uma heterossexualidade irreal ou, apenas, haver realmente se apaixonado pela mulher, podendo assim exercer toda uma outra gama de afetividades além da heterossexualidade. A discussão sobre a sexualidade do autor, porém, é complexa

---

<sup>51</sup> Os primeiros de seus contos a apresentar tendências à homossexualidade nos personagens foram publicados quando de sua entrada na imprensa, ainda aos 17 anos e são intitulados "Impotência" e "Ódio".

e envolve categorias contemporâneas não difundidas à época, tornando-se, portanto, embora interessante para outras análises, pouco relevante para o trabalho empreendido nesta dissertação.

O que importa, para aquilo que aqui propomos desenvolver, é a leitura feita por seus contemporâneos da performance de gênero e de sexualidade de Paulo Barreto como uma que desvia das normas socialmente impostas em seu tempo<sup>52</sup>. E o fato de que essa leitura de sua performance impactou sua carreira em diversos momentos, um dos quais, se aderimos à hipótese apresentada por João Carlos Rodrigues (2010, p. 60), o da resistência dos medalhões ao seu ingresso na Academia Brasileira de Letras em suas duas primeiras tentativas. Esta resistência, porém, não impediu, poucos anos depois, sua eleição para a mesma Academia. Nesse contexto, o lugar de destaque por ele ocupado no círculo intelectual carioca, associado à ideia geral entre os letrados de sua sexualidade como desviante<sup>53</sup>, é um ponto importante na constituição de sua personalidade como uma das frestas na cultura de porosidades que vigia no Rio de Janeiro de então.

Sobre a relevância da questão da leitura da sexualidade do autor como desviante, é Judith Butler (2004) quem pode oferecer uma explicação que auxilie no entendimento dos motivos que levaram à resistência por parte dos acadêmicos e a importância do movimento de reconhecimento do valor de Paulo Barreto enquanto intelectual. Compreendendo o gênero e a sexualidade como intrinsecamente ligados e diretamente relacionados com o corpo em relação com o mundo externo a ele, Butler (2004) propõe que o desvio das normativas de gênero socialmente impostas põe em risco a norma por apresentar quadros de possibilidades diferentes e, por isso, o indivíduo desviante tem negada, em alguma medida, sua própria humanidade. Embora pareça esta, a uma primeira mirada, uma violência mais grave que aquela à qual foi sujeito Paulo Barreto ao longo de sua vida, essa negação da humanidade acarreta em formas sutis de violência cotidiana, que diariamente impõem a adequação à normose do gênero e da sexualidade

---

<sup>52</sup> Sua suposta homossexualidade apenas será tratada como fato verídico, no curso desta dissertação, quando assim o for em citação direta. A pesquisa compreende que a categoria "homossexual" não é suficiente para abarcar o amplo espectro de possibilidades referentes à sexualidade do autor que permanece em aberto a partir da leitura dos documentos hoje disponíveis sobre sua vida. O trabalho, todavia, compreende também que esta era a categoria em que o autor era encaixado por seus contemporâneos, devido à sua performance de gênero desviante; percepção esta que teve fortes impactos sobre a trajetória do autor.

<sup>53</sup> Sobre a compreensão generalizada de sua sexualidade como desviante, mais detalhes serão apresentados ao longo desta dissertação, a partir de fatos importantes sobre a vida do autor.

socialmente constituídas – em um conflito perene entre o sujeito e a estrutura. O desvio, porém, especialmente quando sustentado em uma personalidade pública, como foi João do Rio, institui, no imaginário social, possibilidades de vivência que vão além dessas normas e, embora não eliminem de todo o conflito entre o agente desviante e a estrutura normótica, ampliam o horizonte dos possíveis para outros indivíduos.

Há que se mencionar, ainda, o fato de o autor escrever frequentemente sobre a homossexualidade como uma quebra no silêncio imposto à homoafetividade desde a era vitoriana, de que trata Michel Foucault (2014). Como explica Eve Sedgwick (2007), esse silêncio que circunda as relações homoafetivas é ponto chave na regulação das vidas de pessoas de sexualidades desviantes, regulação esta que, ao silenciar as possibilidades contraposição à proposta heteronormativa, reforça toda uma estrutura de poder que é também patriarcal e baseada na binariedade dos gêneros. A exposição de outras possibilidades de afetividade, portanto, através da arte e, em especial, através da arte reconhecida como arte *legítima*, feita por um artista reconhecido pelos círculos eruditos, ameaça – ainda que de forma leve – a estabilidade dessas estruturas. Desse modo, é natural que os medalhões, representantes de uma intelectualidade já estabelecida na cidade do Rio e, em geral, vinculados ao Estado, resistam a acolher Paulo Barreto como parte de seu grupo. Natural também que, conseqüentemente, resistam em conceder legitimidade à arte produzida por João do Rio, por ela frequentemente tratar de um tópico que, por ameaçar as estruturas socialmente concebidas – não apenas no que toca às questões de gênero e sexualidade<sup>54</sup> –, gera tanta resistência. Não apenas isso, João do Rio, dedicando-se à escrita das ruas da cidade, incluía em seus textos os mais diversos temas objetos de tabu entre a sociedade, como é o caso das já citadas religiões de matriz africana, apresentadas na série "As religiões no Rio", mas também da vida nas nascentes favelas, do carnaval dos cordões e de todo o restante

---

<sup>54</sup> Nos escritos de João do Rio, especialmente nos dessa primeira fase, os leitores são apresentados a todo um mundo subterrâneo da cidade do Rio de Janeiro que em muito diverge do "Rio elegante" e "civilizado" que estava sendo amplamente promovido e divulgado pela reforma urbana e seus apoiadores. Prostitutas, estivadores, presidiários e pessoas em situação de rua eram alguns dos personagens que apareciam em seus trabalhos e que já não tinham circulação livre pelas áreas da cidade recém reformadas, por onde circulavam as pessoas "elegantes", ficando relegados a espaços outros na cidade, onde suas práticas e seu cotidiano ficavam em maior ou menor medida isolados da população das classes mais abastadas, mantendo apenas alguns poucos pontos de contato.

dessa cidade que a intelectualidade estabelecida, conscientemente ou não, trabalhava, ao lado das autoridades, para expulsar do centro da cidade e apagar.

Outro ponto que merece destaque, ao mirar estas duas primeiras tentativas falhas de ingresso na Academia, é o fato de, em ambas as vezes, João do Rio ter sido vencido por homens mais velhos, mais associados a uma intelectualidade que atingiu seu auge ainda no tempo do Império. E, se no tópico anterior, foram observadas características e atitudes pessoais do autor que podem ter gerado a resistência dos intelectuais estabelecidos, neste ponto é possível notar os nítidos mecanismos de reprodução da estrutura, especialmente tendo em conta a relação entre os dois homens eleitos em seu lugar com as elites políticas imperiais, assim como com a geração de intelectuais machadiana. O fato ilustra bem o conflito geracional observado na intelectualidade carioca da época, em que parte dos autores consagrados resistia à entrada de novos intelectuais, filiados, não mais às elites políticas nacionais, mas agora às camadas médias urbanas. Um conflito, porém, que não se vê solucionado ainda durante a vida de Paulo Barreto, e que não é exclusividade do contexto carioca e nem, tampouco, do nacional.

Ainda que não tenha sido bem-sucedido em sua segunda tentativa de eleição para a ABL, o prestígio de João do Rio vinha crescendo exponencialmente no interior das camadas letradas do Rio – e, como visto, também das não-letradas – e foi no mesmo ano de 1907 que o autor assinou com a reconhecida Livraria Garnier o contrato de publicação dos livros "O momento literário" e "A alma encantadora das ruas", ambos assinadas pelo pseudônimo de João do Rio. A remuneração, segundo Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 73), era acima da média dos autores da época, perdendo apenas para grandes nomes já consolidados como Machado de Assis, Olavo Bilac, Artur Azevedo e Aluísio Azevedo. O primeiro livro reunia a série de reportagens publicada em 1905 sobre os grandes nomes da literatura nacional e era dedicado ao amigo a quem foi atribuída a ideia de sua realização, Medeiros e Albuquerque. O segundo volume, reunindo crônicas publicadas nas páginas da *Gazeta* e da *Kosmos* e duas de suas conferências literárias – "A rua" e "Modinhas e cantigas", rebatizada de "A musa das ruas" –, voltava a explorar a *cidade submersa* que a cidade letrada insistia em tentar esconder. A inspiração para sua elaboração é, novamente, francesa, segundo João Carlos Rodrigues (2010, p. 71), que relaciona com a obra "Les petites choses de Paris", de Jean de Paris, e com "Paris inconnu", de Alexandre Privat d'Anglemon. Graziella Beting (2014, p. 294)

faz notar também a semelhança com o procedimento empreendido por Jules Huret em "Enquête sur la question sociale en Europe", também uma série de reportagens sobre os mundos subterrâneos, escondidos dos franceses letrados, transformada posteriormente em livro. "A alma encantadora das ruas" é, ainda hoje, considerada uma das obras mais emblemáticas sobre a cidade do Rio de Janeiro.

Ainda em 1907, no dia 11 de agosto, tornou-se visível o prestígio de Paulo Barreto entre as camadas letradas do Rio de Janeiro, com o lançamento da coluna "Cinematographo" (**Figura 4**), na primeira página da edição dominical da *Gazeta de Notícias*, acompanhando uma grande ilustração. A coluna, assinada pelo pseudônimo Joe, era dividida em seções que levavam os nomes dos dias da semana e incluíam temas dos mais variados, indo desde a crítica literária, até a crônica social, passando por perfis de personalidades notáveis e confissões pessoais. Semanal, a coluna ocupava quase a página inteira, símbolo da notoriedade que angariava o autor como escritor da cidade. Ali foram narradas as intensas transformações urbanísticas pelas quais ainda passava a capital da República em tom irônico, por vezes crítico, por vezes admirado.



Figura 4 – A primeira coluna de "Cinematographo"



Fonte: Biblioteca Nacional

Os trabalhos de Aline da Silva Novaes (2015) e Julia O'Donnell (2008) têm muito a contribuir na compreensão do papel da coluna na consolidação de uma forma específica de modernidade no Rio de Janeiro. Em sua dissertação de mestrado, a primeira autora (Novaes, 2015) se debruça especificamente sobre a coluna "Cinematographo", identificando o lugar de mediadora, por ela ocupado, entre sujeito e cidade que se modernizava. Observando os procedimentos literários usados pelo autor na coluna, explica que a *flânerie*, passeio observador por ele usado como método, possibilita o estabelecimento de relações na cidade desordenada que, fazendo-o constitui uma ordenação deste caos, uma vez que constrói identidades e classes associadas aos diferentes grupos com que se relaciona nesse contexto. É também sua circulação pela cidade que permite que seus textos tornem visível toda a pluralidade que ali reside. Em "Cinematographo", especificamente, a narrativa de Barreto se coloca à disposição dos acontecimentos

diários e, por isso, associada ao procedimento adotado pelo autor, consegue captar os movimentos que anunciam a chegada da modernidade à capital brasileira. Por seu olhar sensível, porém, não deixa de captar as contradições engendradas nesse contexto. Se as categorias "civilizadas" avançam implacavelmente no traçado urbano, conforme explica Julia O'Donnell (2008), os textos de Paulo Barreto permitem a quem os lê entrever o modo como eram, no cotidiano, permanentemente reavaliadas pelos indivíduos, produzindo-se, também a partir dessa reavaliação, a cidade. "Cinematographo", nesse contexto, ganha destaque por ser sua coluna de mais longa duração, semanal e focada nos acontecimentos diários de modo a permitir de modo mais concreto a entrevisão deste código de práticas urbanas "tácita e dinamicamente definido" (O'Donnell, 2008, p. 134).

A coluna seguiu sendo publicada – e comentada – até 19 de dezembro de 1910, quando foi substituída pela coluna "Os dias passam...", no mesmo periódico. Quarenta e quatro das crônicas ali publicadas foram, em 1909, transformadas em livro, assinado por João do Rio e publicado pelos irmãos Lello, em Lisboa.

O ano de 1908 é um pouco menos agitado que o anterior. João do Rio e Joe convivem nas páginas da *Gazeta*<sup>55</sup>, publicando Paulo Barreto sobre inúmeros temas, inclusive sobre o carnaval. É neste ano que sai, também, a edição de "A alma encantadora das ruas", contratada no ano anterior, e a tradução para o português realizada pelo autor da obra "Salomé", de Oscar Wilde. No mesmo período, foram também encenadas duas peças escritas pelo autor, nenhuma das quais de grande relevância na integralidade de sua obra. É, por fim, em dezembro que se desenrola um acontecimento fundamental para marcar o ingresso de João do Rio na intelectualidade carioca: sua primeira viagem à Europa. A travessia do Atlântico era o grande sonho dos jornalistas brasileiros à época, oferecendo-lhes a possibilidade de beber diretamente da fonte de inspiração que era o "velho mundo" para a imprensa nacional.

Na capital portuguesa, o cronista parece ter sido muito bem recebido, como informa João Carlos Rodrigues (2010, p. 96), e fez importantes negócios, como a contratação da publicação das colunas de "Cinematographo" em volume, com a editora dos irmãos Lello. Apesar disso, o dinheiro não sobrava e frequentemente o

---

<sup>55</sup> A convivência dos dois pseudônimos nas páginas do diário atesta para a hipótese de Renato Cordeiro Gomes (1996) que vê a multiplicação dos nomes como uma forma de multiplicar-se nas páginas dos jornais e, assim, poder aumentar sua remuneração.

autor reclamava do custo de vida na cidade. Isso não o impediu de circular ao lado da intelectualidade portuguesa, escrevendo sobre Lisboa e sobre o Porto. De lá, seguiu viagem passando por Londres e Paris, de onde redigiu quase uma dezena de artigos, a partir dos quais é possível obter algumas informações sobre sua estadia. Ali também estabeleceu novas relações e reatou algumas antigas, além de ter trabalhado, fechando, na Cidade Luz, o contrato para publicação do volume "Fados, canções e danças de Portugal". De Paris, retornou a Portugal através da Espanha e embarcou de volta para o Rio. Antes de seu desembarque na capital, porém, faleceu seu pai, aos 54 anos, em consequência de um colapso cardíaco.

O falecimento do pai, para os filhos homens de famílias das camadas médias urbanas, era então um marco fundamental em suas vidas, especialmente para os filhos mais velhos e filhos únicos<sup>56</sup>, como era o caso de Paulo Barreto. Para o cronista, não foi diferente e, recém-retornado do importante rito de passagem na formação de um "cavalheiro *smart*" que era a viagem à Europa, Barreto se vê passando a ocupar a posição de principal provedor de sua família que incluía, não apenas a mãe, mas também, em alguma medida, as tias "solteironas". Não tendo herança paterna sobre a qual se apoiar, pôs-se a trabalhar, tendo logo assinado contrato com a Livraria Garnier para a publicação do livro de contos "Dentro da Noite". Também é nesse período que surge a ideia de publicação de seu primeiro livro infantil, em parceria com Viriato Correia, "Era uma vez...". O autor e a mãe logo se mudam da casa que ocupavam com o pai, na Rua Senador Dantas, para uma nova na Rua Mem de Sá, mudando-se sua mãe para a Rua do Resende, ambas na Lapa.

A viagem à Europa e os textos publicados durante e após a visita a Portugal começaram a sedimentar o prestígio do autor no interior da colônia portuguesa do Brasil, ponto-chave em algumas das divergências em que se envolveu no fim da vida. Este prestígio, logo começa a crescer a tal ponto que, segundo rumores reproduzidos por Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 105), o autor passa a ter assento reservado para comer gratuitamente em grandes restaurantes de proprietários lusitanos.

O retorno ao Brasil, significou, também, seu retorno à *Gazeta* e à coluna "Cinematographo", interrompida no período da viagem. Comenta, porém,

---

<sup>56</sup> Como já citado, Paulo Barreto teve um irmão, Bernardo Gutenberg, que, contudo, faleceu aos 12 anos de idade.

Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 107) que "viera mais *snob* do que fora", queixando-se muito nas páginas do periódico. Se retomamos, porém, a ideia de João do Rio como personagem público construído por Paulo Barreto a fim de concretizar seus projetos pessoais de ascensão social e econômica, podemos ter esse esnobismo por ele representado quando de seu retorno como uma dramatização da própria viagem. Um simples exagero na representação para lembrar ao público do fato de ter viajado e, assim, contribuir para o papel de intelectual "civilizado" ali performedo.

O ano era de eleição e, embora o Rio de Janeiro fervilhasse com as campanhas políticas, a aparição destes temas não era frequente no "Cinematographo". O autor, embora se integrasse na orientação política da *Gazeta*, civilista, tinha sua atenção mais voltada para as artes e letras que para o desenrolar dos acontecimentos da política institucional, havendo, porém, comentado as eleições na *Gazeta* sob o pseudônimo de Simeão. No período, se envolveu em confusões com dois importantes nomes da literatura da capital, Theotônio Filho, após ter criticado nada elogiosamente seu trabalho no livro "Dona Dolorosa", e Luís Edmundo. Com este, o cronista rompeu laços após ter o *Correio da Manhã*, jornal em que trabalhava Luís Edmundo, publicado, em um dia em que este devia estar de plantão, notícia falaciosa de que João Paulo Barreto teria sido preso em flagrante ao praticar atos imorais com um soldado da polícia. Anos depois, desculpou-se Luís Edmundo explicando que no dia em questão havia pagado a um colega para ficar de plantão em seu lugar, tendo, este sim, autorizado a publicação da notícia "difamatória", sobre a qual o escritor não tivera nenhuma responsabilidade. Ainda no tocante aos desafetos, é também neste período que circula a primeira edição de *Recordações do escrivão Isaias Caminha*, no qual figura o personagem Raul Gusmão, inspirado por Paulo Barreto, sobre o qual incidem as mesmas suspeitas de homossexualidade, tidas por outro personagem como falsas, direcionadas apenas a aumentar a popularidade do autor.

Antes do fim das eleições, morre o poeta Guimarães Passos, abrindo uma nova vaga na Academia Brasileira de Letras, à qual decide candidatar-se Paulo Barreto, agora já com quatro livros publicados e vinte e oito anos. A nova candidatura ia bem e tinha como rivais o poeta João Pereira Barreto, ligado a Sílvio Romero, e o General Emídio Dantas Barreto, candidatura apoiada por Coelho Neto, a quem Barreto sempre admirou. Embora a candidatura de João Pereira Barreto não

parecesse incomodá-lo, o apoio de Coelho Neto à pretensão de mais um militar alarmou o jovem cronista, especialmente por conta da estima e admiração que mantinha por aquele que a liderava. Talvez inflamado pela disputa, trabalhou arduamente em sua campanha que chegou ao fim com a desistência do general – que se candidatou à vaga de Joaquim Nabuco, que acabara de abrir – e a eleição tranquila de João do Rio. João Carlos Rodrigues (2010, p. 109-110) cita como determinante para sua vitória o apoio dos civilistas, cuja campanha política o autor estava apoiando, uma vez que ocupava Rui Barbosa então o posto de Presidente da ABL<sup>57</sup>.

Eleito com vinte e três votos, contra cinco de seu adversário, João do Rio tomou posse em maio de 1910, aos vinte e oito anos, tornando-se o mais jovem literato eleito para assumir uma cadeira na instituição, título que guarda até hoje. Sua eleição consagrou o reconhecimento por parte dos círculos intelectuais do valor literário de suas obras, legitimando seu lugar no interior do campo intelectual e artístico do Rio de Janeiro. A ocupação deste lugar, porém, exigiu por parte de Paulo Barreto uma complexa articulação, não apenas do capital cultural por ele acumulado ao longo de sua vida na produção de suas obras, mas, principalmente, do capital social que vinha cultivando desde sua infância, mas, com maior afincio, a partir de sua entrada na imprensa.

Contra tudo aquilo que o senso comum da contemporaneidade poderia supor, foi eleito, em 1910, para a Academia Brasileira de Letras, um homem negro de pele clara, gordo, calvo e compreendido como homossexual. Seria possível afirmar que aqui se concretizava a primeira parte de seu projeto pessoal de ascensão social e financeira por meio da escrita. Membro, agora, da mais respeitada instituição das letras no país, porém, Paulo Barreto ainda enfrentaria, ao longo de sua vida, intensa resistência por parte de diversos acadêmicos e literatos, que sempre insistiriam em diminuir sua relevância com base em suas origens, na cor de sua pele e nos boatos que o classificavam como homossexual. Ainda que membro deste seleto grupo de intelectuais, o autor seria sempre relegado, fosse por sua profissão de jornalista ou por suas características pessoais, a um lugar de marginalidade no interior deste

---

<sup>57</sup> Por mais irônico que possa parecer, tendo em conta as grandes semelhanças entre a trajetória dos dois autores, especialmente em seu momento inicial, a morte de Machado de Assis, em 1908, parece também ter sido determinante na eleição de João do Rio para a Academia. É a hipótese de Andréa Borges Leão (2012, p. 70) e de João Carlos Rodrigues (2010, p. 60-67).

grupo, estando sua posição permanentemente sujeita a toda sorte de questionamentos, como será visto no próximo capítulo. Seu sucesso entre o público, porém, seria incontestável.

## 4

### **Cronista do apesar:**

O capítulo se dedica à vida de João do Rio após sua eleição para a Academia Brasileira de Letras até a data de sua morte, em 23 de junho de 1921. Compreendendo o novo lugar por ele ocupado como um localizado no centro do círculo intelectual carioca, o capítulo se debruça sobre as relações estabelecidas pelo autor com outros membros deste circuito, identificando os conflitos que se destacam nesses relacionamentos e as movimentações dos indivíduos que estes geram no interior do campo. Os conflitos e movimentações do campo se destacam aqui porque, a partir da eleição do autor para a ABL, observa-se um movimento de aumento dos conflitos, decorrente de uma resistência do campo à penetração alcançada pelo cronista. Esta resistência se baseava em estigmas já citados que recaíam sobre a personalidade do autor e não eram apagados na representação por ele empreendida. Nesse contexto, percebe-se que, embora sua popularidade entre as camadas letradas garanta sua contínua ascensão no interior do campo intelectual, uma vez consagrado imortal, logo começa a sofrer, de forma mais intensa, a resistência desse mesmo campo ao seu ingresso nos círculos de suas elites e, mais tarde, nos círculos das elites intelectuais.

O período é marcado, principalmente, pela crescente aproximação de João do Rio com Portugal, que culmina com a sua segunda tentativa de ingresso no meio diplomático. Seu estilo de escrita também é impactado nessa nova parte de sua vida e o autor aqui se inicia na crônica "mundana", atualmente conhecida como crônica social e, em seus últimos anos de vida, assume uma face mais engajada com a política institucional. Nesta nova fase, porém, seus escritos não perdem sua intrínseca relação com a observação da vida na cidade, assumindo um novo ponto de vista como base. Se tornam, porém, pouco a pouco, mais voltados para o debate da política institucional. A nível internacional, este terceiro momento da vida de João do Rio também é agitado, tendo como cicatriz essencial a Primeira Guerra Mundial e como marco pessoal sua viagem à Europa para a cobertura da Conferência do Armistício.

O capítulo é dividido em ordem cronológica. Esta divisão foi escolhida, divergindo da forma selecionada para as duas primeiras seções desta dissertação, uma vez que os três pontos principais a serem aqui observados (relação com

desafetos, aproximação com Portugal e mudança no estilo de escrita) evoluem gradativamente, atingindo seu ápice nos momentos que precedem a morte do autor. O capítulo, portanto, se debruçará sobre esta evolução, sendo dividido em quatro momentos: o primeiro, imediatamente seguinte ao seu ingresso na Academia; o segundo, a partir de sua eleição para o cargo de diretor da Gazeta de Notícias; o terceiro, partindo de sua saída do periódico em que trabalhara por quase quinze anos; e o quarto, último, a partir da escolha do autor como representante de *O País* para cobrir a Conferência de Paz.

#### 4.1

##### Um novo imortal

João Paulo Alberto Coelho Barreto foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 7 de maio de 1910 e tomou posse de seu lugar na instituição em 12 de agosto do mesmo ano, já com vinte e nove anos completos, sendo o primeiro a tê-lo feito usando o famoso fardão. Sua eleição despertou um sem-número de comentários e críticas entre autores mais estabelecidos e de menor prestígio. Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 125-126) cita algumas delas, entre as quais destaca a quadra elaborada por Emílio de Meneses nas mesas da Confeitaria Colombo, memorizada e repetida pelos frequentadores de sua roda:

Na previsão de próximos calores  
A Academia, que idolatra o frio,  
Não podendo comprar ventiladores  
Abriu as portas para o João do Rio...

Em sua posse, que contou com a presença de membros de todas as "grandes famílias" do Rio de Janeiro de então, além de ministros e do próprio Presidente da República, o cronista foi recebido por seu grande exemplo, cujo nome não cessava em elogiar em suas colunas, Coelho Neto. O veterano, porém, além de não nutrir tão grande estima pelo recém-eleito imortal, estava também ressentido pela vitória de João do Rio sobre seu candidato apoiado e ofereceu um discurso descrito como "breve e chocho, com um terço da extensão, se tanto, do discurso do novo acadêmico" (Magalhães Júnior, 1978, p. 128). Ao final do discurso, o veterano apresentou ainda um artigo escrito anteriormente sobre Paulo Barreto, onde embora o elogiasse, apresentava diversas restrições à sua obra, criticando, inclusive, seu físico. A cerimônia, ainda assim, foi um grande sucesso, em que o presidente Nilo



Peçanha e o ministro Rodolfo Miranda tiveram precedência nos cumprimentos, sendo esticada para uma ceia regada a champagne com os mais íntimos (Rodrigues, J., 2010, p. 123).

Um ponto a se destacar, no tocante à eleição de João do Rio para a Academia Brasileira de Letras é o fato de o autor se eleger com um estilo de escrita já consolidado. Publicando regularmente nas páginas de periódicos há 10 anos, Paulo Barreto desenvolveu sua escrita muito vinculada à cidade e à representação desta. Seu discurso de posse na instituição revela a consciência de seu estilo próprio, ao afirmar o dever da arte de vincular-se à época em que foi concebida, referenciando a si próprio como "o espectador incompleto dessa sociedade que se constitui" (Rio *apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 128). Não deixa, é claro, de usar a oportunidade de atenção pública para reforçar a representação de João do Rio que há tantos anos levava a cabo, havendo aproveitado a oportunidade para referenciar conceitos do "Manifesto do futurismo", de Marinetti, publicado no ano anterior no jornal francês *Le Figaro*<sup>58</sup>. O homem que ingressava nas cadeiras da mais prestigiosa instituição das letras, deixava claro o autor com seu discurso, não apenas tinha uma carreira consolidada no Brasil, mas estava também atento aos movimentos da intelectualidade internacional, mais especificamente, da europeia. Marca, assim, mais uma vez, o lugar de sua representação enquanto João do Rio – ou enquanto pessoa pública, já que, agora, com sua eleição para a ABL, nome e pseudônimo, ator e representação, cada vez mais se confundiam –, como um intelectual civilizado, moderno, afinado com aquilo que havia de mais "avançado" na imprensa internacional.

A vida de intelectual, porém, não interrompeu sua vida de repórter e no ínterim entre sua eleição para a Academia e a posse, Irineu Marinho, colega jornalista com quem Barreto trabalhara na *Gazeta* e, antes, em seu jornal de estreia *A Tribuna*, começara a angariar fundos para a abertura de um novo periódico. O vespertino *A Noite* buscava representar não apenas os interesses das elites, mas também do "Zé-Povo", integrante das camadas médias urbanas que buscavam informar-se sobre o cotidiano citadino (Carvalho, M. A. R., 2012, p. 78-80). João do Rio foi, segundo Maria Alice Rezende de Carvalho (2012, p. 97), o primeiro convidado a participar, por conta de seu "jeito peculiar de escrever sobre a cidade e

---

<sup>58</sup> Interessa lembrar o fato de ter sido o Futurismo uma das maiores influências do modernismo brasileiro.

seus personagens". O cronista não demorou a engajar-se na empreitada, entrando com vinte dos vinte e cinco contos de réis angariados para constituir o capital social da nova empresa, financiamento possivelmente originado de seu relacionamento com o político paulista Rodolfo Miranda<sup>59</sup> – este presente, inclusive, em sua posse na Academia – fato que ia contra a ideia original de Marinho, de um jornal desvinculado das lutas políticas nacionais.

Ficou acertado, entre Marinho e Barreto, que em sua próxima viagem à Europa, João do Rio coletaria novidades da imprensa estrangeira visando contribuir com o novo jornal. O periódico, porém, só seria lançado no ano seguinte e, embora tenha contado com a participação de João do Rio em seus primeiros números, esta tornou-se cada vez mais escassa e, ao final do primeiro ano, Barreto teve devolvido seu investimento e seu nome retirado da sociedade. A relação entre os dois jornalistas, porém, manteve-se calorosa até a morte de Barreto, havendo este, inclusive, em mais de uma ocasião, declarado sua admiração pela folha de Marinho.

Data também do ano de 1910, a viagem de Dona Florência, mãe do autor, acompanhada da irmã Thimocleia, à Europa, sobre a qual não há registros mais profundos. Dá-se no mesmo momento, a publicação do primeiro livro de contos de João do Rio, "Dentro da Noite", mais uma obra em que o autor se debruça sobre a *cidade submersa* do Rio de Janeiro, descrito por Magalhães Júnior (1978, p. 139) como "um catálogo de tipos e situações anormais". Também no novo livro a influência europeia pela qual o autor já era reconhecido volta a aparecer, especialmente a de autores decadentistas, como os já citados neste trabalho Jean Lorrain e Oscar Wilde. O recurso ao diálogo como ferramenta narrativa é outro ponto que frequentemente aparece nos contos.

De todas as histórias reunidas no livro, a mais famosa é "O bebê da tarlatana rosa", conto inserido em inúmeras antologias<sup>60</sup>. O conto narra a história de um homem que, no carnaval, se envolve com uma mulher que, fantasiada de bebê,

---

<sup>59</sup> Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 148-149), ao se debruçar sobre o relacionamento de João do Rio com Rodolfo Miranda, cita um depoimento presente no livro de reminiscências do parlamentar Joaquim Sales, em que este faz referência a Paulo Barreto como uma espécie de "cônsul geral no Rio", responsável por articular o seu capital social, arranjando amizades e publicidades àqueles que chegavam à cidade do Rio. A partir deste depoimento, é possível ter noção da extensão do capital social acumulado pelo cronista até então, figurando o deputado como parte dele.

<sup>60</sup> Além do exemplar de *Dentro da Noite* e das diversas antologias em que foi incluído, o conto também está disponível em: <http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/PauloBarreto/obebede.htm>.

mantém a todo tempo, uma máscara cobrindo-lhe o nariz. Enquanto beijava a mulher fantasiada de bebê, porém, o homem arranca sua máscara e, em vez do nariz da senhora, encontra uma ferida que o enoja, ao que ela responde, pedindo que não lhe bata "A culpa não é minha! Só no Carnaval é que eu posso gozar". É a partir deste escrito que o professor Fred Góes (João..., 2011) oferece uma interpretação interessante para a alegoria proposta por João do Rio, lendo o bebê como uma metáfora para a cidade do Rio de Janeiro que se queria cosmopolita e francesa, mas era latinoamericana e tinha que lidar com questões locais. A mesma alegoria, contudo, caberia para mirar a própria personalidade do autor que, embora se quisesse representar como João do Rio, esse intelectual afrancesado, não conseguia esconder que era Paulo Barreto, um homem não-branco, gordo, calvo, de origem humilde e, aos olhos de seus contemporâneos, gay.

No mesmo ano de lançamento de "Dentro da Noite", Paulo Barreto assinou, ainda, o contrato para a publicação de mais quatro obras pela Casa Garnier: "Psicologia Urbana", "Vida Vertiginosa", "Portugal d'Agora (Lisboa antes da República)" e "A Profissão de Jacques Pedreira", ganhando em contrapartida a quantia de seis contos de réis – segundo Magalhães Júnior (1978, p. 145), uma verdadeira fortuna para a época. Nesse ínterim, a atividade de Paulo Barreto nas páginas da *Gazeta* seguia a todo vapor, com a publicação semanal do *Cinematographo* e de outras crônicas esparsas. Em 15 de novembro, tomou posse o marechal Hermes da Fonseca na presidência, contra cuja candidatura havia se posicionado João do Rio. Uma semana depois, estourou a Revolta da Chibata, em que marinheiros pediam pelo fim da punição a chibatadas, propondo-se a bombardear a cidade, caso não tivessem suas demandas atendidas. No *Cinematographo*, Joe<sup>61</sup> apoiou publicamente a reivindicação dos marinheiros, que, embora anistiados, foram presos ainda no início de dezembro, ao lado de 600 outras pessoas, entre as quais alguns civis (Beting, 2019).

Temeroso de sofrer represálias da parte do governo, em 30 de dezembro, Paulo Barreto partiu mais uma vez para a Europa. O dinheiro da viagem pode ter saído daqueles seis contos recebidos pela venda dos novos livros ou, segundo Magalhães Júnior (1978, p. 148), de sua relação com Rodolfo Miranda. A viagem duraria cinco meses e tinha como objetivo a atualização dos textos escritos em sua

---

<sup>61</sup> Pseudônimo com o qual Paulo Barreto assinava a coluna.

última passagem por Lisboa para a publicação do volume *Portugal d'Agora* e a observação da imprensa estrangeira para trazer novidades para a folha de Marinho.

O roteiro se iniciou em Portugal, com visitas a Lisboa e ao Porto, passando por Madrid, Barcelona, Paris, Londres, Nice, Roma, Nápoles, Veneza e Toscana. Nas cartas enviadas ao longo da viagem, muitas escritas em papel timbrado dos hotéis em que estava instalado, o cronista reclamou com Irineu Marinho do dinheiro que rapidamente se esvaía. O fato é uma pista importante de sua situação financeira que não deixava transparecer em seu convívio com políticos e aristocratas, mas talvez tenha se permitido abrir para Marinho, colega de origem tão humilde quanto a sua. Escreve, também, a Marinho e Medeiros e Albuquerque, sobre as contraditórias impressões despertadas por seu período na Itália, informando de sua intenção de escrever um livro sobre o país, que nunca saiu do plano das ideias sendo publicadas apenas, em sua visita seguinte, uma série de artigos exaltando a nação.

A viagem, contudo, não foi apenas a turismo e, em Lisboa, o cronista assinou contrato com os irmãos Lello para a publicação do volume de *Os dias passam...*, livro que reuniria crônicas da coluna que substituiria o *Cinematographo* quando de seu retorno ao Brasil. Na França, escreveu a introdução que atualizava o livro *Portugal d'Agora*. E, na Itália, escreveu a introdução à sua tradução de *Intenções*, romance de Oscar Wilde, e iniciou os trabalhos para traduzir *O retrato de Dorian Grey*, do mesmo autor. De volta a Portugal, antes da volta ao Rio de Janeiro, pregou, ainda, uma aproximação cultural oficial entre o Brasil e sua antiga metrópole, tida como primeira raiz da revista *Atlântida*, fundada anos mais tarde pelo cronista e seu amigo João de Barros. Seu retorno à cidade de São Sebastião foi marcado por amigos e bajuladores – além da própria mãe – que se apinhavam no Cais Pharoux aguardando sua chegada.

Retornou às vésperas do lançamento de *A Noite*<sup>62</sup>, que teve como primeiro folhetim publicado, a tradução elaborada por Paulo Barreto do romance *O retrato de Dorian Gray*. A folha alcançou, já em seu primeiro ano, tiragens exemplares e João do Rio assinou diversos escritos neste primeiro momento, afastando-se, contudo, pouco tempo depois, por acreditar que estava já sendo afastado, uma vez

---

<sup>62</sup> Buscado para leitura e possível composição imagética desta pesquisa, o primeiro exemplar do jornal "A Noite", disponível nos arquivos digitalizados da Biblioteca Nacional encontra-se completamente mutilado e não foi possível observar a partir da fonte primária quem eram os repórteres que o compunham. O que resta do jornal encontra-se disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970\\_1911\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/348970/per348970_1911_00001.pdf)>.

que não se desligara da *Gazeta*. Os dois jornalistas mantiveram as boas relações e João do Rio seguiu como escritor da *Gazeta de Notícias*, havendo recebido a devolução integral do dinheiro inicialmente investido no vespertino de Marinho. A empreitada d'*A Noite*, contudo, é fundamental para termos em conta a grandeza e o pioneirismo do personagem público de Paulo Barreto no desenvolvimento da imprensa nacional. Sendo um dos investidores de maior monta no jornal de Marinho<sup>63</sup>, João do Rio marcava seu compromisso com a modernização do jornalismo nacional e, especialmente, seu compromisso com esse jornal em específico, um que, embora fale, inevitavelmente, também às elites, tem estabelecido com o povo o seu compromisso de informar.

Membro de destaque dessa imprensa profissional e popular que ganhava forças no Rio de Janeiro, Paulo Barreto, articulando seu capital social para compor o financiamento necessário e tendo na escrita sua principal ferramenta de atração do público, foi peça fundamental na construção destes que Maria Alice Rezende de Carvalho (2012, p. 13) descreve como "os andaimes de um mercado de notícias e entretenimento em construção, que não separou radicalmente elite e povo, alta e baixa culturas, produção cultural de massa e prestígio intelectual". Não só suas ações, mas a própria figura de João do Rio, intelectual cujo posto prioritário de observação era *a rua*, mas que foi, ainda assim, aclamado com um posto na Academia, incorporava essa dinâmica e esse papel de mediador entre classes altas e baixas que circulavam pela cidade. A constituição do que temos hoje como cultura carioca – talvez até de cultura brasileira – se deve diretamente à circulação e, principalmente, à articulação destes intelectuais que, com a influência paulatinamente adquirida, "favoreceram a expansão territorial do samba, do carnaval, das 'comidas de bodega'" (Carvalho, M. A. R., 2012, p. 17), dificultando o avanço da modernidade segregadora imposta pelo Estado.

O lançamento de *A Noite* deixou um buraco nos quadros da *Gazeta*, já que, subsecretário deste periódico, Marinho levou consigo alguns dos repórteres da casa. Em poucos dias, Salvador Santos e Manoel de Oliveira Rocha, o Rochinha, diretores da *Gazeta*, pediram que os repórteres optassem por uma ou outra folha. O único a quem não foi imposta a obrigação da escolha, segundo carta escrita pelo próprio e citada por Magalhães Júnior (1978, p. 166-167), foi João do Rio, por não

---

<sup>63</sup> E havendo obtido o dinheiro graças à sua imensa habilidade de articulação de seu capital social.

ser considerado realmente repórter, mas apenas "um jornalista que escreve neles [nos jornais]" (Rio, *apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 168). O fato é pista que contribui para a hipótese aqui defendida do entrelugar ocupado por João do Rio na intelectualidade carioca de seu tempo. Identificado como jornalista pelos escritores consagrados, como visto nas últimas seções, entre os jornalistas não era tampouco considerado de todo parte do grupo, não sendo um "cozinheiro diário" (Rio, *apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 168) como eram identificados os demais. Era, portanto, Paulo Barreto, uma coisa *outra*.

Após o caso, Paulo Barreto não tardou a abandonar a folha de Marinho, conforme narrado nos parágrafos anteriores e, por sua fidelidade e competência, foi alçado à posição de diretor da *Gazeta de Notícias*, ao lado de Salvador Santos e Rochinha<sup>64</sup>. No novo cargo, ampliou ainda mais seu capital social, aumentando também o número de desafetos. No período, sua produção, na avaliação de João Carlos Rodrigues (2010, p. 142), tornou-se "bem menos densa e interessante" e os ataques à sua pessoa aumentaram gradativamente, embora não tenha sua popularidade se reduzido.

## 4.2

### Diretor da Gazeta de Notícias

Cada vez mais popular entre os círculos intelectualizados da capital da República, João do Rio assumiu de forma cada vez mais firme a posição de "cônsul do Rio", que lhe atribuía Joaquim Sales (*apud.* Magalhães Júnior, p. 149). Por sua abertura aos novatos e sua posição de cada vez maior destaque na imprensa nacional, o cronista era procurado por diversos jovens que, buscando inserir-se nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro, chegavam de fora à cidade do Rio de Janeiro. Dentre estes jovens, alguns foram por ele inseridos nos quadros da *Gazeta*, sendo

---

<sup>64</sup> Na leitura dos dois principais biógrafos do autor (Magalhães Júnior, 1978; Rodrigues, J., 2010), não é possível ter certeza da data em que João do Rio é alçado ao cargo de redator-chefe da *Gazeta*, sendo apenas certo que a "promoção" ocorreu entre o lançamento de *A Noite*, em meados de 1911 e o início de 1913, quando afirma Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 204) que o autor já havia sido eleito redator-chefe. Graziella Beting (2019, p. 193) corrobora com a informação, apurando que, em 31 de dezembro de 1912, ao publicar sobre a soltura de João Cândido, João do Rio já atuava como redator-chefe da *Gazeta*. A *Revista da Semana* que traz a notícia da eleição de Paulo Barreto como redator-chefe do periódico para o qual escrevia regularmente, porém, é apenas de 19 de abril de 1913, gerando ainda maiores confusões quanto à data correta. Alguns dos fatos narrados como sendo ocorridos no íterim aqui destacados, portanto, podem estar deslocados de sua ordem cronológica.

outros relegados à posição de colaboradores e outros ainda rejeitados, como é o caso do maranhense Humberto de Campos<sup>65</sup>, que, humilhado, se tornará um inimigo fiel do autor até o fim de sua vida.

João Carlos Rodrigues (2010, p. 142) afirma que é por volta da mesma época que Paulo Barreto começa a deslumbrar-se com as benesses e bajulações de sua nova posição: intelectual da Academia Brasileira de Letras e diretor da renomada *Gazeta de Notícias*. Sempre chamando a atenção para si, João do Rio tinha a todo tempo amigos e populares a esperarem-no à porta do jornal ou em diversos dos locais que frequentava. A "febre da publicidade o fazia delirar" diagnostica o então poeta Agrippino Grieco, citado por João Carlos Rodrigues (2010, p. 142), um dos jovens jornalistas aproveitados pelo cronista nos quadros da *Gazeta*. O colega ainda identifica um exagero nos gestos e maneirismos empregados pelo cronista como uma tentativa de "atrair afeto dos indiferentes e a bondade de quem não a possuía" (Grieco *apud*. Rodrigues, J., 2010, p. 142). Este exagero, pode, assim, ser lido como uma parte da realização dramática empreendida por Paulo Barreto na construção da figura de João do Rio, que agora atingia um patamar ainda mais alto na hierarquia social carioca e demandava, mais do que nunca, manter a credibilidade da representação empreendida.

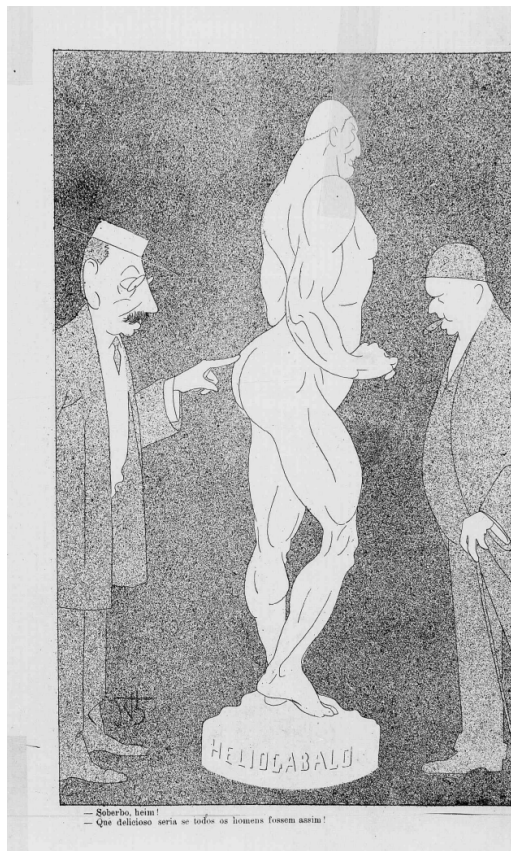
Em meados de 1911, foi lançada no Rio de Janeiro a revista de caricaturas *O Gato*, desenhada por Seth, pseudônimo de Álvaro Martins, e Hugo Leal, pseudônimo de Vasco Lima. Logo em seu primeiro número, a revista trazia uma charge de uma página inteira insinuando a homossexualidade de Paulo Barreto e de Olavo Bilac. A ilustração, reproduzida abaixo (**Figura 5**), figurou na décima terceira página do mensário, tendo como legenda, aqui ilegível, um diálogo entre as duas figuras " – Soberbo, hein?/ – Que delicioso seria se todos os homens fossem assim...". O autor foi novamente representado nas caricaturas dois meses depois, na edição de outubro da revista (**Figura 6**), desta vez com uma figura não identificada, mas que Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 171) afirma ter ares de Figueiredo Pimentel, cronista da coluna *Binóculo* da *Gazeta*, morador do subúrbio

---

<sup>65</sup> Apesar das advertências de João do Rio contra seu prosseguimento no jornalismo, o autor consegue um emprego como amanuense do Ministério da Justiça, graças à influência de deputados maranhenses, e logo ingressa na imprensa através do periódico *O Imparcial*, onde se empenhou em criticar e caçoar de João do Rio ao longo dos anos que se seguiram (Magalhães Júnior, 1978, p. 189).

que se ocupava da "vida elegante" da cidade. Na legenda, lê-se, aqui pouco legível, o diálogo: " – Que livro levas aí? / – Levo *Dentro da Noite*".

**Figura 5** – Caricatura de João do Rio e Olavo Bilac publicada na primeira edição do mensário O Gato.



Fonte: Biblioteca Nacional.

**Figura 6** – Caricatura de João do Rio intitulada "O último livro", publicada na revista O Gato.



Fonte: Biblioteca Nacional.



Em ambas as representações, João do Rio aparece acima do peso, sendo seguro afirmar que esta característica era mais uma das que o destacavam dos demais membros das elites intelectuais cariocas e perturbava, em alguma medida, a representação que tanto se esforçava para construir. Na primeira, ainda, sua suposta homossexualidade é referenciada e tida como motivo de troça, mais um ponto de risco à representação por ele empreendida. Os lábios carnudos, que também aparecem em ambas as ilustrações, são frequentemente associados aos fenótipos de negritude, especialmente, mais tarde, quando em referência ao próprio Paulo Barreto, sendo seguro afirmar ser esta mais uma categoria que desestabilizava a representação por ele empreendida.

As críticas não impediram o autor de seguir seu árduo trabalho na imprensa. Data do final de 1911 a publicação do primeiro capítulo do folhetim "Memórias de um rato de hotel: o Dr. Antonio narra sua vida", cuja autoria João Carlos Rodrigues (2010, p. 144-145) atribui a Paulo Barreto, embora não seja assinado, por conta do estilo marcante do autor. O biógrafo faz referência, ainda, às inúmeras inovações editoriais apresentadas pela *Gazeta* no período em que João do Rio figurava entre seus diretores, constando, entre elas, a dedicação de uma página semanal a determinados temas, o encerramento da coluna *Os dias passam...* e o lançamento de uma nova intitulada *O instante*, assinada pelo pseudônimo de Paulo José, de teor majoritariamente político, que dura até o fim das eleições estaduais e legislativas.

Não só na imprensa concentrou o cronista suas ações, tendo atuado ativamente na Academia a partir do momento de sua eleição. Entre as quatro vagas que se abriram após a entrada de Paulo Barreto, em uma o autor teve protagonismo, tendo assumido a liderança na campanha para eleição de Lauro Müller para a vaga anteriormente ocupada por seu antecessor nas Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco. Contra o homem de Estado, candidataram-se Antônio Austregésilo, psiquiatra, professor de medicina e homem das letras, e o Barão de Ramiz Galvão, também médico, jornalista e ex-diretor da Biblioteca Nacional, para cuja candidatura entusiasmaram-se Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Rui Barbosa. Articulando ferrenhamente seu capital social no interior da Academia e sabendo ler os interesses em jogo, Paulo Barreto foi peça fundamental na eleição do político para a prestigiosa instituição de que fazia parte e, assim, aproximava-se um pouco mais do velho sonho da diplomacia. No processo, porém, Barreto viu desgastar-se sua relação com um importante nome da Academia, José Veríssimo,

que imediatamente após a eleição renunciou a seu cargo de secretário-geral da instituição, não voltando a frequentá-la. A relação com seu antigo ídolo Coelho Neto também foi afetada, embora não de forma tão determinante quanto a outra aqui citada.

Foi no mesmo período que João do Rio publicou os livros *Psicologia urbana*, que reunia algumas das conferências por ele proferidas ao longo dos anos, *Portugal d'agora*, reunindo os artigos publicados na *Gazeta*, em 1909, com a introdução elaborada em sua última visita à Europa, e *Vida Vertiginosa*, reunião de crônicas escritas desde 1905. Sua vida social também esteve ativa neste momento, sendo responsável por ciceronear o poeta português João de Barros em sua visita ao Rio de Janeiro e à São Paulo, como parte de sua empreitada de aproximação luso-brasileira. Também no teatro, o autor seguiu em atividade, estreando em outubro com *A bela Madame Vargas*, no Teatro Municipal. A narrativa baseava-se na história de um crime verídico que ocorrera em 1906, na Tijuca, e, embora com falhas apontadas, fez sucesso. A peça saiu de cartaz em 10 de novembro, dando lugar para *O dinheiro*, de Coelho Neto, ao que a coluna *Binóculo*, da *Gazeta*, publicou uma carta pedindo o retorno da obra anterior, "ainda que em *matinée*" (*apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 195). O fato deixou Coelho Neto, que já tinha sua relação com Barreto abalada pela política interna da Academia, extremamente magoado, atribuindo erroneamente a demanda pela interrupção de sua peça à influência de Paulo Barreto sobre Figueiredo Pimentel, autor da coluna. João do Rio publicou, ainda, em novembro, mais um livro, *Os dias passam...* que reunia escritos de sua coluna na *Gazeta de Notícias* e em *A Notícia*.

O ano de 1913 não foi menos agitado na vida do cronista que o inicia sendo eleito membro correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, fato que comprova sua popularidade entre os nacionais da antiga metrópole. Neste mesmo ano, chegaram ao Brasil, diretamente da parisiense Livraria Garnier, os primeiros exemplares do livro *A profissão de Jacques Pedreira*, romance cuja publicação se iniciou no formato de folhetim, nas páginas da *Gazeta* e havia finalmente saído em volume. Os exemplares, porém, para a surpresa do autor, encontravam-se não apenas repletos de erros de digitação – em proporção muito maior do que seria de se esperar à época –, mas também com dois capítulos totalmente suprimidos, fato que tornava a narrativa desconexa. Ao se recusar a editora a rodar uma nova tiragem, Paulo Barreto recorreu à via judicial. João Carlos Rodrigues (2010, p. 161)

aponta a alta probabilidade de que o processo tenha sido o primeiro de um escritor em busca de seus direitos de autor, tendo sido vencido por Barreto. Toda a edição do livro foi, por determinação judicial, destruída na presença dos oficiais de justiça, à exceção de dois exemplares constantes na biblioteca particular do autor, encontrados por João Carlos Rodrigues, segundo o próprio (2010, p. 163).

A eleição de Paulo Barreto para o cargo de redator-chefe da *Gazeta de Notícias*, também ocorreu, muito provavelmente, no primeiro semestre do ano de 1913. Anunciada na *Revista da Semana*, em 19 de abril de 1913 (A imprensa..., 1913), a eleição foi mais um atestado da fama e prestígio que o autor cada vez mais acumulava entre os intelectuais cariocas de seu tempo. Afirmo Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 204), que a partir da eleição, as frequentes sátiras a que era sujeito o autor na imprensa assumiram um tom um pouco mais respeitoso, direcionando-se, não tanto mais à sua suposta homossexualidade, mas agora com foco principalmente em sua forma física. Transcreve o biógrafo (Magalhães Júnior, 1978, p. 204), versos publicados anonimamente em *A Lanterna* e copiados por Lima Barreto em seu *Diário íntimo*, intitulados pelas iniciais do pseudônimo e do nome do cronista:

J.R. (P.B.)  
Quando ele caiu na cova  
Remexeu-se bem dengoso.  
Os vermes logo provaram  
O gordo ioiô gostoso.

Embora expresse Lima Barreto não saber da autoria do verso, o fato de o haver transcrito em seu diário íntimo demonstra, mais uma vez, o nível de seu desfeto por Paulo Barreto<sup>66</sup>. Mais importante que a relação entre os dois, porém, é a análise detida do texto, que caracteriza a movimentação de João do Rio como "dengosa", adjetivo também utilizado por Gilberto Amado para caracterizar os trejeitos adquiridos por Paulo Barreto de sua mãe, Dona Florência Barreto (vide seção 1.4 desta dissertação). A escolha do adjetivo, portanto, nos leva a discordar de Magalhães Júnior (1978, p. 204), compreendendo que a alusão à forma

---

<sup>66</sup> O ponto é irônico, tendo em vista o fato de terem os dois autores tantos pontos em comum em suas trajetórias. São alguns deles: o fato de serem ambos homens negros descendentes de famílias originárias das camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, o fato de terem ambos a imprensa como principal fonte de renda e de cumulare, além do fato de virem das camadas médias urbanas, outros *handicaps* (a gordura e suposta homossexualidade, no caso de Paulo, e o alcoolismo, no caso de Lima). Além do sobrenome.

"dengosa" de remexer-se fazia referência, também, a uma performance de gênero desviante do padrão masculino da época. Ora, se compreendemos, como ensinam Judith Butler (2004) e Michel Foucault (2014), performance de gênero e sexualidade como dois pontos intrinsecamente interligados na mentalidade pós-vitoriana, a alfinetada contra a performance de gênero desviante do cronista tinha como ironia subjacente, uma referência à suposta homossexualidade do autor, não havendo, portanto, as sátiras nesse sentido arrefecido de todo.

Ainda em 1913, João do Rio foi cicerone da companhia teatral portuguesa de Adelina Abranches, em sua quarta turnê pelo Rio de Janeiro. A companhia, na nova empreitada, contava com a presença da também atriz, filha de Adelina, Aura Abranches, que, aos vinte anos, acabava de estreiar no meio artístico. Pela jovem, encantou-se João do Rio, que tornou-se "uma espécie de propagandista gratuito da companhia e um adorador da atrizinha desconhecida" (Magalhães Júnior, 1978, p. 197). Citando as memórias de Adelia Abranches, Magalhães Júnior (1978, p. 198) ainda destaca que o autor frequentava diariamente o camarim das atrizes, mantendo um "engraçadíssimo *flirt*" com a menina, o que as fazia "rir muito, sabido que João do Rio tinha requintes estranhos, em matéria de amor..." (Abranches, *apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 198). Salienta-se mais uma vez, no texto de Abranches, a referência à suposta sexualidade desviante do cronista, sendo possível inferir ser o tema de conhecimento geral.

No mesmo ano, o cronista recebeu no Rio de Janeiro mais um autor português, seu amigo Carlos Malheiro Dias, e iniciou a publicação da nova coluna, assinada pelo pseudônimo Joe, intitulada "À margem do dia". Foi, ainda neste período, incluído no Conselho-Geral do Congresso Interamericano de Imprensa, ao lado de Carlos de Laet, Medeiros e Albuquerque, Bilac, Lauro Müller, Sílvio Romero e outros importantes nomes nacionais. Sua inclusão no Conselho é mais um ateste de sua relevância no cenário da imprensa nacional.

Antes do fim do ano, ainda, *A bela Madame Vargas* foi escolhida para novamente ser encenada, desta vez no Teatro Recreio Dramático, o que rendeu ao seu autor grande alegria. Não pode, porém, assistir à estreia, tendo partido em sua terceira viagem à Europa antes do fim do mês de novembro. No mesmo mês, os primeiros volumes impressos da peça eram distribuídos na cidade de São Sebastião.

A chegada a Lisboa foi marcada por sua posse na Academia de Ciências, celebrada com enorme banquete, este deixando claro seu prestígio na capital

portuguesa. Na ocasião, uma companhia portuguesa pediu sua autorização para encenar *A bela Madame Vargas*, tendo partido o autor antes mesmo do início dos ensaios. Desta vez, o circuito de João do Rio passou pela Alemanha, Rússia, Turquia e Grécia, além da Áustria, dos Bálcãs e do Egito. Na visita, passou, ainda, por sua adorada Paris, retornando por Lisboa, onde *A bela Madame Vargas* já estava sendo encenada, com grande sucesso. A peça foi tão aclamada que, no dia seguinte a seu desembarque na capital, o autor foi ovacionado pela plateia, que contava com a presença do presidente português, Manuel d'Arriaga. Despediu-se como foi recebido: com um banquete. Este contou com a presença de dois ministros de Estado (o amigo João de Barros, ministro da Instrução, e Bernardino Machado, ministro interino do Negócios Estrangeiros), do encarregado de negócios brasileiro, de escritores e artistas. Em carta, gabou-se aos amigos nacionais sobre seu sucesso em terras lusitanas.

Ao voltar para o Brasil, o autor retomou seu trabalho nos jornais como Joe, em *À margem do dia*, uma versão reduzida e de publicação regular do antigo *Cinematographo*. No mesmo período também teve Barreto crônicas publicadas, a partir de junho, na recém-lançada revista *A Ilustração Brasileira*. Seguiu proferindo algumas conferências e participou do lançamento, pela mesma revista onde publicava suas crônicas, do "jornal falado", em que atuou como responsável pelo tema "crônica da cidade".

Na Academia, Paulo Barreto também seguiu em atividade, engajando-se firmemente ao longo de 1914 na campanha de eleição de seu amigo Gilberto Amado para a vaga de Heráclito Graça. Ao lado de João do Rio, Félix Pacheco também encabeçava a campanha de Amado. Os dois contrapunham-se ao candidato apadrinhado por Coelho Neto, o professor Antônio Austregésilo, que havia perdido para Lauro Müller poucos anos antes, em votação para a qual a ação de Paulo Barreto havia sido determinante. A eleição foi turbulenta e, divididos entre os dois candidatos, dos quarenta membros, apenas vinte e três votaram, elegendo Austregésilo para a vaga em disputa por um voto de diferença. A Gilberto Amado, porém, foi oferecido um banquete de desagravo por Paulo Barreto e Félix Pacheco, que proferiu um "discurso vibrante" (Magalhães Júnior, 1978, p. 223). O autor, que seguiu amigo de Barreto até o fim da vida deste, só voltou a se candidatar quarenta anos depois, quando foi eleito com quase unanimidade dos votos.

Com os acadêmicos em plena campanha, estourou, na Europa, aquela que ficou conhecida na contemporaneidade como Primeira Guerra Mundial. Foram poucos os artistas que, no início, se interessaram pelo conflito e João do Rio, ao lado de Bilac, Rui Barbosa e José Veríssimo, estava entre eles, assumindo o lado francês. Em 10 de outubro, o cronista proferiu, em uma festa da Cruz Vermelha francesa, organizada no Clube dos Diários, a conferência "Heroísmo, razão da vida". No Brasil, começava, no mesmo período, o tempo a que João do Rio denominou "o tempo de Venceslau", com a ascensão do presidente Venceslau Brás. O cronista foi incumbido de entrevistar o novo presidente pouco antes de sua posse – mais uma pista de sua relevância entre as elites intelectuais e políticas nacionais – em 15 de novembro de 1914.

Ainda nos primeiros meses do novo governo, Paulo Barreto foi reeleito redator-chefe da *Gazeta*. Seu prestígio crescia em todos os campos com os quais se relacionava e foi no mesmo período convidado pelo Ministro do Brasil em Buenos Aires, Luís de Sousa Dantas, para visitar a capital Argentina. Encantou-se com a cidade, havendo o Ministro mobilizado todo seu capital social para cercar o cronista de inúmeras homenagens durante sua estadia. Desde a representação de peças brasileiras traduzidas, que incluíram o anúncio da tradução de *A bela Madame Vargas*, até banquetes com discursos e honrarias.

Enquanto o autor ainda viajava, a companhia teatral da portuguesa Adelina Abranches desembarcou novamente no Rio de Janeiro, mas, sem o cronista para exaltá-las, obteve da *Gazeta* um tratamento mais frio que de costume, não apresentando a peça *Eva*, de João do Rio, que se encontrava sua posse. Logo, transferindo-se para São Paulo, a companhia estreou *Eva* no Teatro Cassino Antártica no final da temporada, por insistência de Alexandre Azevedo, este a quem o volume impresso da obra foi dedicado. A estreia, em 15 de julho de 1915, contou com a presença de Paulo Barreto que, chamado em cena, recebeu muitos aplausos pela obra. A crítica foi, em geral, positiva, embora não tão entusiástica, sendo o mais empolgado dos comentadores, o jovem Oswald de Andrade, que escrevia, à época, no jornal *O Pirralho*. A peça, porém, não voltou a ser representada pela companhia de Adelina após a curtíssima temporada, só voltando aos palcos no final de 1915, mais uma vez por obra de Alexandre Azevedo. A essa altura, já havia sido editada em volume, pela editora Villas Boas.

Em meados de 1915, a proximidade do cronista com Gilberto Amado, colocou-o em uma posição delicada. Amado, figura polêmica, havia conquistado inúmeros inimigos na capital da República e vinha sofrendo diversas violências verbais nas ruas. Um dia, ao ser interpelado publicamente pelo poeta Aníbal Teófilo, viu o amigo Paulo Hasslocher investir contra o poeta em sua defesa. Amado, entendendo ser a luta desigual, sacou sua arma e atirou em Teófilo, que imediatamente morreu. O homicídio repercutiu profundamente no meio literário carioca, gerando forte reação contra o deputado, ligado à facção de Pinheiro Machado, tendo sido aquele imediatamente preso. A situação resvalou na vida de Paulo Barreto que, amigo próximo de Amado, era também diretor da *Gazeta de Notícias*, jornal antipinheirista por excelência, e ficou em uma posição delicada, não podendo abertamente defender o amigo.

A questão de Gilberto Amado, porém, não era a única que desgastava a relação de João do Rio com o jornal em que trabalhou por todos esses anos e onde foi alçado à fama que agora gozava. Em 1915, o autor já expunha sua intenção de fundar uma revista mensal, subsidiada pelo governo, que viria a se concretizar como a revista *Atlântida*. Salvador Santos, também diretor da *Gazeta*, contudo, via o projeto como "uma deslealdade e, pior, um desvio de rendas que poderiam ir para os cofres da *Gazeta*" (Magalhães Júnior, 1978, p. 240). Nesse cenário, cada vez mais desgastavam-se as relações do autor no interior do periódico e, logo, brigado com Santos, Rochinha e seu secretário, Cândido Campos, viu-se forçado a se demitir. Seu último artigo nesta folha foi publicado em agosto de 1915.

### 4.3

#### Longe do anonimato

A saída de João do Rio da famosa *Gazeta de Notícias* repercutiu na cidade, mas o autor logo retomou o trabalho. Embora simbolizasse uma demoção de um cargo de muito prestígio, a saída da posição de diretor garantiu-lhe mais tempo disponível para produzir com maior atenção à qualidade dos seus escritos. Agora já consagrado como um homem das letras de destaque no cenário carioca, não demorou a ser contratado por um novo jornal, onde foi recebido com especial distinção e teve liberdade para tratar de temas dos mais variados, embora nunca tenha retomado a forma e os tópicos de suas crônicas do início da carreira. Na nova

fase, João do Rio investiu de forma cada vez mais intensa na aproximação com Portugal e seguiu desenvolvendo seu apurado olhar para a sociedade carioca, sem fixar-se, ao contrário do que alegavam muitos de seus críticos, apenas na crônica mundana. Seguiu como um periodista de sucesso, muito lido entre diferentes setores da sociedade, levantando a inveja de muitos de seus colegas e sendo criticado de forma cada vez mais intensa.

Logo após sua saída da *Gazeta*, ainda em agosto, o autor chegou a dar entrevista para *A Rua* contando de sua saída e dizendo que, a partir daquele momento, descansaria um pouco antes de decidir o que faria a seguir. O descanso, porém, foi de poucos dias, já que, no mesmo mês, João do Rio assinou seu primeiro artigo no jornal *O País*. A rapidez na mudança demonstra, é claro, o peso do jornalista que ali se encontrava, mas reflete também uma mudança em curso na direção da folha, que agora passava a também ser dirigida por jornalistas. O periódico, embora não tivesse o prestígio ou a forma inovadora da *Gazeta*, tinha um time de peso, que contava com nomes como Carlos de Laet, Eduardo Ramos e Abner Mourão, e Paulo Barreto foi recebido com especial consideração, que condizia com sua relevância no cenário carioca de então. O primeiro artigo de João do Rio publicado na folha saiu na primeira página, em local de destaque (**Figura 7<sup>67</sup>**), mais um indício do prestígio que vinha adquirindo no campo.

---

<sup>67</sup> Importa fazer aqui notar a diferença na diagramação da página desta edição de *O País* para a página aqui já mostrada da *Gazeta de Notícias*, de modo ilustrar as transformações na imprensa citadas nos primeiros capítulos deste trabalho, em cuja vanguarda situava-se a *Gazeta*.



**Figura 7 – Primeira página do jornal O País, de 14 de agosto de 1915, que figura, destacado, o texto "Opiniões de um jornalista impossível", de João do Rio.**



Fonte: Biblioteca Nacional

O teatro não ficou esquecido no breve período de "descanso" de João do Rio. Antes do fim de 1915, escreveu para a companhia de Cristiano de Sousa um espetáculo composto por três peças, o drama *Encontro*, a comédia *Que pena ser só ladrão* e a revista musical *Não é Adão*. As peças não se incluem entre as mais notáveis do autor. O espetáculo ficou em cartaz durante o mês de setembro no Teatro Trianon e causou uma impressão geral positiva, embora não tenha

repercutido tanto na imprensa carioca, graças à confusão política gerada pelo assassinato de Pinheiro Machado, ocorrido no mesmo período.

Tendo saído da posição de diretor da *Gazeta de Notícias*, João do Rio estava agora também livre para perseguir outros de seus projetos pessoais, entre os quais a revista *Atlântida*. Concebida como um periódico mensal que reuniria escritos de autores portugueses e brasileiros, a nova revista consolidava planos antigos do cronista, que buscava, desde sua primeira viagem ao território lusitano, formas de aproximar a ex-metrópole pela qual tanto se encantara, da ex-colônia em que havia nascido. O lançamento da *Atlântida* demandou intensas negociações, mas o mensário veio finalmente a estreiar em 15 de novembro de 1915, sob direção de João de Barros – em Portugal – e João do Rio – no Brasil. A revista era impressa em Portugal de modo que, na avaliação de João Carlos Rodrigues (2010, p. 199), foi facilmente dominada pelos colaboradores lusos e não durou muito. Em sua breve vida, contou com colaborações de grandes nomes da literatura nacional, como Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Júlia Lopes de Almeida e Júlio Dantas. A participação de Coelho Neto foi por vezes anunciada, mas não foi encontrada entre os exemplares da revista por Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 254) – talvez um reflexo do ressentimento acumulado pelo autor em direção ao colega João do Rio. Não demorou para que a tão sonhada revista encontrasse seu fim, vítima, possivelmente, da Guerra que então assolava a Europa e que tornava inviáveis as remessas regulares do outro lado do Atlântico<sup>68</sup>.

Ao mesmo tempo em que conduzia as publicações da revista *Atlântida*, João do Rio seguia publicando regularmente nas páginas de *O País* e, em novembro de 1915, estreou naquela que então era conhecida como "crônica mundana", que comentava a vida das elites do Rio da época. A coluna, intitulada, *Pall-Mall Rio*, era assinada pelo pseudônimo José Antônio José, e diariamente misturava crítica artística e literária, comentários à vida de membros das elites e alguns registros de natureza política. O novo pseudônimo, contribuindo para a representação empreendida por Paulo Barreto desde seu ingresso na imprensa, também tem influência francesa, referenciando Georges Michel Georges, que publicava textos

---

<sup>68</sup> Enquanto João Carlos Rodrigues (2010, p. 199) afirma ter durado a revista 48 números, Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 254) afirma ter o periódico publicado apenas 12. O acervo da *Atlântida* não foi encontrado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para confirmação da informação.

de natureza similar no *Le Gaulois*. O título da coluna contribuía no mesmo sentido, já que replicava o nome da coluna assinada por Jean Lorrain no *Journal* francês, esta, por sua vez, inspirada no título da folha em que escrevia Oscar Wilde *Pall-Mall Gazette* (Beting, 2014, p. 331). A coluna obteve tão exacerbado sucesso que, em pouco tempo, o autor lançou uma iniciativa parecida no periódico *A Revista da Semana*, intitulada *A Semana Elegante*.

Embora tenha recebido inúmeras críticas de intelectuais que se dedicaram ao estudo da obra do autor, a coluna segue no sentido de vários registros do cronista, para quem, em uma cidade, apenas a vida dos ricos e dos miseráveis interessam, não sendo-lhe atrativa a vida das camadas médias. Fiel à sua proposta, se no início da carreira, especialmente nos textos reunidos em *A alma encantadora das ruas* e em *As religiões no Rio*, dedicou-se a mirar a miséria da cidade do Rio de Janeiro, agora, mais inserido no cotidiano das elites cariocas<sup>69</sup>, era este grupo que dedicava-se a observar. Um ponto, aqui, deve ser necessariamente destacado: o fato de que, apenas graças à sua nova posição de intelectual reconhecida pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia de Ciências de Lisboa, o autor tem sua circulação validada nos espaços da elites cariocas, sendo tido como ocupante em alguma medida legítimo destes espaços e podendo, portanto, coletar as informações e fatos que serão tema da coluna. Agora não mais um jornalista anônimo, João do Rio era convidado<sup>70</sup> para bailes, banquetes, recepções, chás, inaugurações de teatros e muitos dos outros eventos que eram então reservados para os membros das elites – entre os quais não se incluía a maioria dos repórteres e jornalistas.

Na nova coluna, cabe observar alguns pontos em relação à forma textual empregada pelo autor. Renato Cordeiro Gomes (1996, p. 85) faz notar, aqui, o uso da primeira pessoa como uma forma de marcar um pertencimento do autor ao grupo sobre o qual está tratando em seus escritos<sup>71</sup>. Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 262), por outro lado, nota o uso frequente de um "vocabulário precioso,

---

<sup>69</sup> E, portanto, com a circulação facilitada pelos espaços frequentados por estas.

<sup>70</sup> Destaca-se, aqui o fato de ser o autor *convidado* para a maioria dos eventos, como um fato que deixa notar a marginalidade da posição por ele ocupada – e partilhada por boa parte dos intelectuais que não tinham nos quadros do Estado uma posição prestigiosa. Para melhor compreender a relação de dominação do campo intelectual, enquanto campo que se autonomiza, pelas elites, especialmente sua posição de fração dominada da classe dominante, vide Bourdieu (2015).

<sup>71</sup> Interessante, aqui, contrapor esta estratégia com a do uso da terceira pessoa, que aparece com frequência em *As religiões no Rio* para marcar o afastamento entre o autor e as pessoas sobre as quais está narrando.

entremeado de palavras estrangeiras", a partir do qual é possível vislumbrar a dramatização da representação empreendida por Paulo Barreto. Estas marcas linguísticas denotam a erudição de seu autor e o pertencimento ao grupo, como que situando o leitor de sua legitimidade para circular e falar destes grupos sociais. Apesar das inúmeras críticas que receberam os escritos – conformando, ainda hoje, a parte menos estudada da obra do autor (Gomes, 2004, p. 11) –, ali continuaram figurando a ironia e as críticas sempre presentes nos trabalhos de Barreto, embora de forma superficial, como demanda este tipo de texto (Gomes, 2004, p. 9). No contexto social da época, porém, *Pall-Mall Rio* se destaca por difundir os hábitos das elites cariocas para o restante das camadas letradas, apresentando para o restante dos letrados modos de vestir, agir e dizer que vigiam entre as classes dominantes do Rio de Janeiro.

Nota Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 263), ainda, na nova coluna, o fato de o cronista gabar-se "de suas intimidades com políticos e [procurar] projetar certas personalidades que lhe eram simpáticas", pontuando Graziella Beting (2014, p. 332) que este tem relação direta com o fato de, pela primeira vez, sentir-se verdadeiramente aceito pelos círculos da alta sociedade carioca. Também aqui, listando as amizades que havia cultivado com os membros dessas elites, desenvolvia o cronista uma estratégia de reafirmação de seu lugar como parte desse grupo social para quem o lia. A estratégia foi muito bem recebida por essa elite que, gostando de ver-se retratada pelo olhar de José Antônio José, abria cada vez mais espaço para o jornalista que o representava em seus salões, festas e chás.

Nesse contexto, expandia-se vertiginosamente o capital social do autor, que via aproximar-se a concretização do projeto de ascensão social em que havia empreendido desde seu ingresso na imprensa. Sua trajetória, porém, despertava a inveja no meio literário, que logo começou a reagir com caricaturas, piadas e pastiches. O mais empenhado nas investidas contra *Pall-Mall Rio* era o maranhense Humberto de Campos, que cultivava ferrenha inimizade com o cronista carioca e desenvolveu nas folhas de *O Imparcial*, o pastiche *À maneira de... Pelle-Molle*, de João Francisco João. Na empreitada, o poeta mimetizou o estilo da coluna do cronista, fazendo troça dos nomes citados e, sempre que possível, da pessoa de seu autor – frequentemente recorrendo a comentários de cunho racista, homofóbico e elitista para atingi-lo. Entre os classificadores então tidos como pejorativos pelos quais era referido João do Rio estavam a sua negritude, sua calvície, a origem de

sua família, sua performance de gênero desviante – e suposta homossexualidade – e sua suposta avareza. Como o original, o pastiche fez sucesso e logo instituiu uma espécie de terror no meio social e literário do Rio, onde as pessoas já não desejavam ser citadas pela coluna original, para não o serem na folha do rival.

Enquanto disputavam nas páginas dos periódicos os dois autores, João do Rio seguiu em atividade, escrevendo para o teatro<sup>72</sup> e para a imprensa e organizando o lançamento da *Atlântida*. A vida social do cronista também esteve em alta, especialmente no período da visita da bailarina americana Isadora Duncan ao Brasil. Paulo Barreto já havia visto a dançarina em cena, anos antes, em Paris e, quando de sua chegada ao Rio de Janeiro, foi uma das pessoas que a receberam, cobrindo seu espetáculo de elogios na primeira página de *O País*. A relação entre os dois foi fruto de intensos debates, por todas as pessoas que se dedicam ao estudo da vida do autor: teriam, de fato, como especulavam alguns dos rumores, se envolvido os dois artistas em um romance breve, porém incendiário? Teriam sido apenas amigos muito próximos?

A resposta a estas questões, embora aguace a curiosidade dos leitores atuais como o fez com os contemporâneos das personalidades envolvidas, tem pouco a contribuir com o desenvolvimento desta pesquisa. O que importa, para os fins aos quais aqui nos dedicamos, é que os rumores do envolvimento de João do Rio com Isadora Duncan não foram suficientes para sufocar os boatos sobre sua suposta homossexualidade. O fato nos interessa por duas razões essenciais. A primeira, por denotar a proporção atingida pelos comentários sobre a suposta sexualidade desviante do cronista. Se nem mesmo a relação extremamente próxima, amplamente comentada na imprensa entre o autor e a dançarina, foi suficiente para abafar os boatos sobre a sexualidade daquele, tais boatos provavelmente já haviam fincado raízes profundas no imaginário social da elite carioca de então, tornando-se um qualificador do qual João do Rio não poderia esquivar-se. A segunda razão pela qual interessa o relacionamento de Duncan e Barreto foi a ridicularização desta relação por parte dos inimigos do escritor, destacando-se, entre eles, Humberto de

---

<sup>72</sup> Estreou, em julho de 1916, a peça *Um chá das cinco* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, no mesmo ano, *Eva* foi encenada em teatros do Rio de Janeiro e de Porto Alegre.

Campos, que inferia ser a ligação entre os dois romanceada na imprensa por João do Rio<sup>73</sup>.

Ao longo de todo esse período, *Pall-Mall Rio* seguiu circulando em posição de destaque no jornal *O País*, ao mesmo tempo em que era parodiado em *O Imparcial* por Humberto de Campos. O procedimento empreendido por Paulo Barreto na coluna, porém, despertou críticas também por parte de outros intelectuais da época. Monteiro Lobato, que não nutria simpatia específica pelo autor, e Gilberto Amado, um de seus amigos mais íntimos, viam na empreitada um rebaixamento em relação aos textos publicados pelo cronista até então, comentário compartilhado por parte da crítica especializada até a contemporaneidade. Os escritos, porém, se debruçaram sobre uma outra face da modernidade, sobre cujos rejeitos discorriam seus primeiros textos, oferecendo, ao leitor contemporâneo, um complemento àquele material providenciado na primeira parte de sua obra, para o estudo do Rio de Janeiro de seu tempo, como era o objetivo declarado do autor (*apud.* Gomes, 1996, p. 83).

Com o sucesso da coluna, as crônicas foram logo organizadas para publicação em livro, *Pall-Mall Rio de José Antônio José/ Inverno mundano de 1916*, onde, no prefácio assinado por José Antônio José – o livro era assinado por João do Rio –, declara seu objetivo de organizar um "registro da Frívola-City, que traz a marca do efêmero, do transitório, como é a cidade moderna, com o objetivo de que seja um repositório da memória do Rio de Janeiro, prova de sua duração enquanto documento de arquivo" (Gomes, 2004, p. 8). Defende-se, assim, o autor das acusações de superficialidade às quais a coluna foi sujeita por parte da intelectualidade da época, demonstrando mais uma vez ter profunda consciência da função de sua produção artística e de seu impacto. Ainda, por volta do mesmo período também foram publicados os livros *Crônicas e frases de Godofredo Alencar*, reunindo material publicado na *Gazeta* e em *A Revista da Semana*, *Sésamo*, de ensaios e conferências, e *No tempo de Venceslau*, reunindo artigos de cunho mais político publicados em *O País*.

---

<sup>73</sup> Ao que tudo indica, a alegação não condiz com a verdade, tendo em vista os numerosos registros da proximidade entre os dois, entre eles, cita João Carlos Rodrigues (2010, p. 207-211) as memórias da bailarina, de Gilberto Amado e do pianista que acompanhou Duncan, Maurice Dumesnil.

Enquanto isso, a Primeira Guerra Mundial seguia em curso na Europa, influenciando os espíritos de alguns dos intelectuais brasileiros que se mobilizaram pela entrada do país na guerra – grupo entre os quais se encontrava João do Rio. Os ânimos afloravam para os defensores de ambos os lados e o fato de o cronista mundano engajar-se na guerra de palavras pela defesa da pátria incomodava profundamente a seus adversários de pena, oferecendo mais munição para a artilharia que já avançava sobre Paulo Barreto e seu alter-ego. Mais uma vez, as críticas se direcionavam para a suposta informalidade de sua educação, incluindo comentários de teor racista, elitista e gordofóbico. Mais uma vez, o nome de Humberto de Campos estava envolvido, agora ao lado de Antônio Torres e Bastos Tigre, este que até então mantivera boas relações com o cronista.

Entre as inúmeras críticas que vinha recebendo de colegas intelectuais e o pastiche de *Pall-Mall Rio* realizado por Humberto de Campos, que fez as elites gradativamente virarem suas costas para o redator do original, Paulo Barreto teve sua saúde muito debilitada. Trabalhando ao longo de boa parte de sua vida em seu projeto de ascensão social através da escrita, a perda de sua posição favorável muito lhe abateu. Corria, à época, a versão de que o autor estava com sua saúde tão afetada, que sua própria mãe foi até a redação de *O Imparcial* pedir a Campos que deixasse seu filho em paz, ao que recebeu como condição a demanda do fim de *Pall-Mall Rio* e de que João do Rio deixasse a cidade por algum tempo. De fato, as duas coisas ocorreram: a coluna encerrou-se abruptamente e Paulo Barreto retirou-se para uma estação de cura em Minas Gerais – de onde escreveu o romance *Cartas de uma estação de cura*. Ao voltar para o Rio de Janeiro, João do Rio não tardou a abandonar *O País*, direcionando sua energia para a fundação de um novo periódico: *O Rio-Jornal*.

A primeira edição do *Rio-Jornal* veio a público em março de 1918, tendo como diretores João do Rio, Azevedo Amaral e Georgino Avelino. No período, João do Rio estava engajado em uma nova polêmica, agora, com foco no tema dos Direitos Autorais. O imbróglio já se desenrolava desde 1916, com a aprovação do Código Civil que instituiu bases legais para a propriedade intelectual, fortalecendo os direitos dos autores. A nova legislação deu causa à fundação de diversas sociedades focadas na defesa dos recém-adquiridos direitos, entre as quais a Associação Brasileira de Imprensa e a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

(SBAT), esta última vista com maus olhos pelos empresários do ramo, que decidiram boicotá-la.

Tendo sido eleito o primeiro presidente da segunda associação, uma vez inaugurado o *Rio-Jornal*, João do Rio passou a usar as páginas do periódico para estimular os associados da SBAT à resistência, incentivando-os à judicialização de suas demandas. A campanha, porém, foi suficiente para dar origem a uma nova onda de críticas e difamações. Quem liderava as provocações, desta vez, era o ator Leopoldo Fróes que se valia das páginas de alguns jornais para atacar Paulo Barreto e os demais nomes vinculados à SBAT. O conteúdo dos comentários era o mesmo daqueles que já vinham atacando o autor há anos, voltando-se para sua origem humilde, a cor de sua pele, sua gordura, a avareza que lhe era atribuída e sua performance de gênero desviante.

O assédio chegou a tal ponto que culminou na reunião dos autores da SBAT com alguns nomes da redação do *Rio-Jornal* no Teatro Trianon para vaiar e atirar ovos e batatas ao palco durante uma peça de Fróes. O caso acabou na delegacia e foi amplamente comentado nos jornais, tendo logo cessado a guerra na imprensa. Antes do final do ano, os empresários passaram, pouco a pouco, a reconhecer os direitos autorais e a atuação da SBAT. João do Rio, por sua vez, não demorou muito no *Rio-Jornal*, deixando o periódico, ao lado de Azevedo Amaral, ambos brigados com Georgino Avelino, para retornar à redação de *O País*, onde, mais uma vez, seria recebido de braços abertos.

O ano de 1918 foi de pouca atividade na imprensa para Paulo Barreto. Além da campanha pelos direitos dos autores em que se engajou profundamente, o cronista já começava a sentir o impacto das desavenças que teria, ao final do ano, com Georgino Avelino. Além destes dois pontos que muito o consumiam, no curso de 1918, João do Rio supervisionava a construção de duas casas, uma para si, outra para a mãe, em Ipanema. As construções estavam sendo realizadas em terrenos que o autor teria ganhado em troca da publicação da elogiosa crônica "Praia maravilhosa", em que discorria sobre os investimentos feitos no bairro pela companhia Kennedy de Lemos, impressa em março do ano anterior. Antes do fim do ano, temerosos com o avanço da gripe espanhola, o cronista e sua mãe mudaram-se para o novo logradouro.



#### 4.4 Embaixador não-oficial

Ao contrário dos demais meses do ano de 1918, um fato ocorrido em dezembro foi determinante na carreira do autor: sua escolha como correspondente de *O País* na Conferência de Paz, que marcava o fim da Primeira Guerra Mundial. A participação na Conferência, anunciada com um texto altamente elogioso, na primeira página do periódico era uma destacada evidência do renome do autor no meio jornalístico carioca. Em um cenário em que o jornalismo brasileiro apenas começava a internacionalizar-se, o fato de ser um autor enviado à Europa para, de lá, enviar reportagens ao Brasil, evidenciava um enorme prestígio deste no interior do jornal e sua popularidade perante o público. Paulo Barreto não decepcionou e, de terras europeias, enviou cerca de oitenta reportagens, mais tarde reunidas no livro *Na Conferência de Paz* que tiveram ampla repercussão entre o público carioca, embora aqui chegassem com um certo *delay* devido à dificuldade de comunicação.

A viagem, paga pelo jornal, durou oito meses, durante os quais o cronista cobriu minuciosamente os debates da Conferência, desviando também para deixar suas impressões da Europa no pós-guerra, entrevistar personalidades relevantes da política internacional e discorrer sobre o bolchevismo. Seus escritos seguiram seu estilo característico de situar uma ação, no interior da qual se insere o narrador e as situações ou diálogos narrados. Entre as entrevistas realizadas pelo cronista, incluíam-se uma com o presidente norte-americano Woodrow Wilson, com o rei Alberto da Bélgica, com o prefeito de Bruxelas, Adolphe Max e com o papa Bento XV. Suas reportagens tiveram grande sucesso de público no Brasil e, mais uma vez, levaram a uma reação odiosa por parte de seus desafetos, com destaque, mais uma vez, para Leopoldo Fróes que, parodiando o texto do autor, inferia ser o teor das entrevistas e reportagens falso e criticava o mau uso da língua francesa por parte do cronista, induzindo, portanto, à crítica à suposta informalidade de sua educação.

Foi ainda durante a viagem de Barreto que, no Brasil, se deram duas eleições importantes para a trajetória do autor: a presidencial – devido à morte de Rodrigues Alves antes da posse – e a do sucessor à cadeira ocupada por Emílio de Meneses na ABL. A primeira foi disputada por Rui Barbosa e Eptácio Pessoa, este, entrevistado por João do Rio sobre seu programa, saiu da disputa vitorioso. O segundo escrutínio, disputado onze dias depois do primeiro, punha em votação para a

imortalidade acadêmica os escritores Humberto de Campos, Eduardo Ramos e Lima Barreto, este em sua segunda tentativa. O primeiro candidato, que mantinha conhecida rixa com João do Rio, saiu vitorioso, mas, sem haver alcançado a maioria absoluta, abriram-se mais uma vez as inscrições, para escrutínio a ser realizado no final do ano. Embora não tenhamos acessado documentos que tratem da recepção destas duas notícias por parte de Paulo Barreto durante sua viagem, as duas eleições foram determinantes para alguns dos passos seguintes tomados pelo autor em sua trajetória.

O cronista, porém, seguia na Europa, acompanhando as negociações da Conferência de Versalhes, que agora voltavam-se para discutir os direitos dos trabalhadores. Atento às negociações e à realidade das ruas de Paris, criticou o aparato policial francês durante a Conferência e defendeu as reivindicações dos trabalhadores pela regulamentação da jornada, do salário-mínimo, pela garantia das condições de salubridade dos ambientes de trabalho, o fim do trabalho infantil e outras demandas que estavam sendo pautadas. Em 1919, foi um dos poucos intelectuais a defender tal plataforma, tida como "um átimo de sentimento radical" (Candido, 1978, p. 199) na vida wildeana que levava então, talvez um resquício das tantas investidas sobre o mundo da miséria carioca que fizera, principalmente no início de sua carreira.

A vida wildeana, porém, não foi abandonada na temporada europeia. Em Paris, João do Rio frequentava o *Cercle Inter-Allié*<sup>74</sup>, no "elegante *Faubourg Saint Honoré*" (Rodrigues, J., 2010, p. 241, grifado no original), onde lidava com ministros, embaixadores, nobres e importantes jornalistas. Assistiu e registrou uma encenação de *A megera domada*, de Shakespeare, no palácio de condessa de Béarn. Visitou, ainda, a Princesa Isabel e seu marido, Conde d'Eu, estabelecendo relação também com membros da antiga realeza brasileira. Seguia, mesmo em viagem, preocupando-se com a articulação do capital social que o auxiliaria no encaminhamento de seu projeto de ascensão social e financeira.

Sua temporada na Europa durou até pouco depois da chegada do presidente recém-eleito Epitácio Pessoa, cuja trajetória por Bruxelas, Itália, Inglaterra e Portugal foi precedida por visitas do jornalista. Recebera, do novo presidente, gentilezas que levavam-no a crer ter no político um amigo. João Carlos Rodrigues

---

<sup>74</sup> Círculo Inter-Aliado, em tradução livre.

(2010, p. 245) discorre sobre o fato de não haver o cronista acompanhado o presidente, como era praxe:

O interesse jornalístico recomendava que o repórter acompanhasse cada passo do político, e o desencontro, especialmente a precedência de João do Rio na capital portuguesa, parece indicar que esse agia independentemente, como uma espécie de embaixador informal, preparando o ambiente. Tecendo uma rede de favores e gentilezas cujo objetivo deve ser decifrado.

Em Lisboa, reviu as provas do livro *Adiante!* e proferiu a conferência *Pela aproximação luso-brasileira*, no Teatro Nacional, antes de embarcar de volta para o Rio de Janeiro. Pensava, talvez, em buscar uma garantia para o futuro da revista *Atlântida*, que havia perdido seu patrocínio estatal no Brasil e em Portugal. Antes de chegar ao Rio, fez escala em Recife, onde proferiu mais uma conferência, *O Brasil após a guerra*, na Faculdade de Direito de Pernambuco, e recebeu uma homenagem promovida pela *Vida moderna*, no Restaurante Leivas. A homenagem ofertada na cidade nordestina dá dimensão do tamanho de sua relevância no cenário nacional, que tinha então as comunicações dificultadas, mas ainda assim, garantia seu reconhecimento em uma cidade muito distante daquela onde fora criado e para cujos jornais escrevia.

Chegando à cidade natal, no início de agosto, João do Rio foi recebido, no cais Pharoux com honras e homenagens oferecidas pela direção de *O País* e *A Revista da Semana*, em conjunto com alguns de seus amigos, entre os quais se destacam as figuras de Gilberto Amado e Carlos Malheiro Dias. Recebeu ainda mais homenagens no início de setembro, com um banquete para 400 convidados oferecido a ele pela colônia portuguesa no Clube Ginástico Português, no dia 6, e um oferecido pela colônia italiana, no dia 15, no clube High-Life. No dia 20, foi honrado em São Paulo, pelo prestigioso *Circolo Italiano*, no Theatro Municipal, onde o homenageado também proferiu a conferência *A Itália de hoje diante da porta de Pia*.

As numerosas homenagens demonstram o tamanho alcançado pelo prestígio do autor após a publicação de suas reportagens sobre a Conferência de Paz. Reconhecido para além do restrito círculo de intelectuais cariocas, João do Rio recebeu homenagens de duas das mais influentes colônias – italiana e portuguesa – e de intelectuais de duas outras metrópoles nacionais de grande relevância – Recife

e São Paulo. Hábil leitor do meio em que se inseria e ainda cultivando seu projeto de ascensão social e financeira, Barreto identificou a importância dos apoios que vinha recebendo e, ao que tudo indica, passou a "cercar" o presidente Epitácio Pessoa visando ser nomeado para representar o Brasil em Lisboa. Nesse processo, seguiu cultivando seu vasto capital social, contando com o apoio do embaixador Souza Dantas, em cuja casa havia sido recebido em Roma, e do jovem intelectual e assessor do governador da Paraíba, Orris Soares, na tentativa de conseguir uma recomendação para o cargo que, há tantos anos, desejava.

A empreitada, porém, não foi bem-sucedida. Não apenas Epitácio Pessoa, que assumira um perfil orgulhoso e pouco acessível após sua posse, não fez menção de haver notado o enorme prestígio acumulado pelo intelectual como algo que o referendaria para a ocupação da posição, como o governador da Paraíba, Camilo de Holanda, assessorado por Orris Soares, não o recomendaria para o posto. Alegava, por meio de seu assessor, que não cabia ao governador de um estado pedir a nomeação de um embaixador (Magalhães Júnior, 1978, p. 336). Aos argumentos da negativa, porém, João do Rio teria respondido afirmando tratarem-se as razões apresentadas de meras desculpas, estando convencido de que elas teriam relação com "(...) essas infâmias que os invejosos espalham a meu respeito" (Magalhães Júnior, 1978, p. 336), referindo-se aos rumores de "pederastia", como eram chamadas pejorativamente as práticas homossexuais e homoafetivas à época. Não importando qual das duas versões fosse mais próxima da realidade, o que importa é que mais uma vez, por uma ou outra razão, Paulo Barreto teve o acesso negado a uma posição no interior da alta hierarquia política nacional, uma para cujo bom desempenho reunia diversas das características essenciais.

O cronista não desistiu até o final do ano, quando foi dissuadido pelo amigo Souza Dantas, após ter lido em um relatório confidencial mais um relato que punha sob suspeita a sexualidade do cronista. Se, neste momento de sua vida, o prestígio e o amplo capital social eram suficientes para borrar certos estigmas carregados pelo autor, destacadamente sua negritude, sua origem humilde e sua obesidade, e permitir sua entrada até um nível relativamente alto na hierarquia social da época, não eram suficientes para borrar a sua performance de gênero desviante e as suspeitas acarretadas por esta sobre sua sexualidade. Especialmente quando a estas se sobrepunham os estigmas das três outras características cuja influência já estava sendo mitigada.

Essa, porém, não foi a única decepção sofrida pelo cronista em fins de 1919. A nova disputa pela vaga de Emílio de Meneses na ABL se daria ao final do mês de outubro e Humberto de Campos, candidato único, seria eleito, logo adquirindo direito de fala na Casa de Machado de Assis. João do Rio seguiu participando das sessões apenas até a posse do rival, em maio de 1920, tendo se afastado da Academia inteiramente após esta data, isolando-se do ambiente central em que havia conquistado seu lugar no interior do círculo intelectual carioca.

Ao mesmo tempo, o governo de Epitácio Pessoa mostrava de forma cada vez mais firme sua face autoritária e não demorou para que João do Rio voltasse a ocupar o lugar de oposicionista nas páginas dos periódicos. Publicava em *O País* com regularidade e lançou, antes do fim de 1919, mais um livro de contos e, em 1920, outras quatro obras: respectivamente, o livro *A mulher e os espelhos*, a edição de *Adiante!* e os três volumes de *Na Conferência de Paz*, reunindo as reportagens publicadas em sua última viagem à Europa. Como as reportagens neles reunidas, os livros também receberam críticas, escrevendo contra eles Antônio Torres, na *Gazeta de Notícias*, dando a entender ser o conteúdo das matérias fantasia de seu autor. Paulo Hasslocher e Luís de Moraes, por outro lado, na revista *ABC*, criticavam o cronista por sua gordura – recheando seu artigo de referências à gula do autor – e seus textos pela superficialidade, afirmando que João do Rio "se fizera admirar, em primeiro lugar, pelos que não sabiam ler" (*apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 339).

Mesmo com todas as críticas, o livro publicado em fins de 1919 logo estava quase esgotado e a popularidade de seu autor seguia crescendo. Contratou então a reedição do título, juntamente com a edição portuguesa de *Correspondência de uma estação de cura*, e a impressão de seu último título publicado em vida, *Rosário de ilusão*, todos pela Portugal-Brasil Sociedade Editora. Em *O País*, seguia publicando artigos e contos, tendo lançado neste período aquela que Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 344) tem como sua obra-prima do gênero, *O Homem da cabeça de papelão*, uma sátira do meio político brasileiro. Além da escrita, as energias do cronista estavam voltadas para a realização de um de seus velhos sonhos, a fundação de um novo jornal, onde pudesse recuperar o *status* que tinha como diretor da *Gazeta de Notícias*. Mais uma vez, seu capital social foi meio-chave na persecução do objetivo, acionando principalmente as colônias portuguesa e italiana em busca do capital inicial de seu negócio. O novo periódico, que se chamaria *A Pátria*,

porém, veio a público tendo como maior subscritor o próprio João do Rio, havendo os portugueses e italianos pouco contribuído. No novo jornal, Paulo Barreto figurava como diretor-presidente e Francisco Hugo da Cruz Mosca, que o auxiliou no processo de levantamento de capital, como diretor-gerente.

O lançamento do matutino ocupou o tempo e as energias de seu diretor e logo tornou-se um jornal de ferrenha oposição ao presidente Epitácio Pessoa. Embora tivesse o governo de Pessoa traços autoritários, Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 347) atribui em parte a força da oposição realizada por *O País*, e depois por *A Pátria*, à mágoa que carregava Paulo Barreto – repórter de destaque no primeiro e diretor do segundo – em relação ao presidente, por não o haver escolhido para representar o Brasil em Portugal como tanto desejara e para cuja posição tanto havia trabalhado.

Citando Gilberto Amado, Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 347) afirma ter sido *A Pátria* o empreendimento "em que [Paulo Barreto] iria malbaratar a saúde, exaurir-se e morrer". O amigo do autor afirma, no texto citado por seu biógrafo, que o empreendimento vinha fora de tempo, não possuindo mais a colônia portuguesa o interesse ou os recursos para apoiá-lo. Além disso, pontuava que o cronista não entendia muito das questões financeiras e, medroso que era, não se dedicava a responder aos insultos com insultos, só sabendo louvar e aplaudir, sempre contestando agressões com sorrisos fáceis e gracinhas (Magalhães Júnior, 1978, p. 347-348). Magalhães Júnior (1978, p. 348) cita também, por outro lado, a perspectiva da filha de Pessoa, Laurita Pessoa Raja Gabaglia, que ao biografar seu pai, ao contrário da visão de Amado, ainda se queixava das críticas mordazes feitas por João do Rio ao estadista.

É justamente posicionando-se contra ações do presidente Pessoa que João do Rio envolve-se na última contenda em que tomou parte antes de seu falecimento. Com ideais nacionalistas circulando pela capital, a década de 1910 viu serem aprovadas diversas legislações discorrendo sobre a nacionalização dos pescadores atuantes no território brasileiro, uma vez que eram estes, em sua maioria, originários de Portugal. Foi apenas em 1920, porém, que o capitão-de-fragata Francisco Vilar obteve autorização governamental para executar as referidas leis, pressionando os portugueses para que se naturalizassem brasileiros. Lançado em setembro, o jornal *A Pátria*, dirigido por João do Rio, logo se posicionou a favor dos pescadores lusitanos indo de encontro aos ideais nacionalistas propagados por veículos como

o *Correio da Manhã*, *A Tribuna*, *ABC*, *Brás Cubas* e *Gil Blás*, atraindo para si diversas críticas por parte destes periódicos. Além de seu cargo como diretor do matutino, João do Rio ainda alimentava a disputa a partir das notas publicadas em sua coluna diária *O meu bilhete*, que incluía escritos direcionados a autoridades, intelectuais e outras figuras públicas, frequentemente endereçando o tópico do conflito.

Com o avanço da disputa, mais uma vez, foram empreendidos diversos ataques à pessoa de Paulo Barreto, voltando-se furiosamente para sua forma física. Como nota João Carlos Rodrigues (2010, p. 253), sua presença, "enquanto esteta decadentista e dândi de salão" que narrava a vida das classes altas era tolerada e estimulada, até certa medida. Mas a partir do momento que ingressa no debate político com maior corpo – embora já o fizesse, de forma sutil, desde o início de sua carreira –, é acusado de se ter vendido e é cada vez mais afastado dos espaços mais centrais da intelectualidade e da política cariocas. Entre seus críticos, o semanário *Gil Blás* era um dos mais ferrenhos defensores do nacionalismo e, também, um dos principais responsáveis pelas injúrias direcionadas ao diretor de *A Pátria*, chamando-o de "odre hereditário de banha rançosa", "homem-torpeza" e "balaio de toucinho podre" (Magalhães Júnior, 1978, p. 356). Também o *Rio-Jornal*, do qual havia sido João do Rio um dos fundadores, atacava o cronista e o matutino por ele dirigido, questionando sua moral e seu sentimento pela pátria. Compunha, ainda, o outro lado do conflito, a Ação Nacionalista Brasileira (ANB), entidade que tinha como presidente o também acadêmico da ABL, Afonso Celso, que se ocupava frequentemente de disseminar os ideais nacionalistas em sua coluna do *Jornal do Brasil*, frequentemente transcrita pelo semanário *Gil Blás*. O fato magoava profundamente a Barreto que via na recorrente transcrição a existência de um acordo entre o colega da Academia e o semanário que frequentemente o atacava com tanta voracidade.

Com o escalamento das tensões, as agressões verbais chegaram às vias de fato. Com a criação, por parte de Frederico Vilar, de colônias de pescadores exclusivas para brasileiros ao longo de todo o litoral nacional e a ameaça, por parte do capitão, de empastelamento do jornal *A Pátria*. O periódico reagiu publicando um manifesto dos pescadores portugueses, cuja autoria, segundo João Carlos Rodrigues (2010, p. 257) foi atribuída a João do Rio "por causa das firulas de estilo". Determinado a tirar satisfação, o capitão foi até a redação do matutino em

busca do diretor, terminando por encontrá-lo, enquanto almoçava, no restaurante da Brahma, também localizado no Largo da Carioca. Ali, o cronista foi sujeito a uma "chuva de pancadas", de Villar e seus companheiros, não resultando do ataque, porém, nenhuma lesão grave. No dia seguinte, o agredido reagiu nas páginas do periódico, fazendo saltar as vendas e recebendo apoio de diversos nomes importantes da imprensa e da alta intelectualidade nacional.

Ao trabalho aqui conduzido, porém, mais interessante que a narrativa do fato da agressão, é a descrição do autor por si mesmo no artigo:

... um homem descendente de uma das mais ilustres famílias brasileiras, a quem o Brasil deve a sua fronteira sul; (...) um indivíduo a quem os países estrangeiros condecoram com as honras de embaixador da sua pátria; o homem (...) [que] tem vinte anos de trabalho tenaz e centenas de milhares de leitores em todo o Brasil, que leem nele o amor ao Brasil, o entusiasmo pelo Brasil e o respeito às liberdades (...) (*apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 364).

A descrição interessa a esta pesquisa por valer como um espelho a partir do qual Paulo Barreto vê e projeta a imagem de João do Rio para seus leitores. Cabe anotar os pontos sobre sua personalidade que decide destacar ao enfrentar as acusações proferidas pelo capitão Vilar que tentavam classificar o cronista como "mau brasileiro". São elas: (i) o fato de ser o autor descendente de uma das grandes famílias brasileiras (ou, em outros termos, seu vínculo familiar com a elite política nacional); (ii) seu prestígio no exterior (seu capital político); (iii) seu tempo de trabalho e dedicação a ele; (iv) o número de leitores que tinha (sua influência). Os pontos aqui destacados são valiosos para, retomando a ideia de João do Rio como representação pública empreendida por Paulo Barreto, observar uma ação muito explícita do autor na fixação desta representação, uma vez estando ela em risco. Identifica-se o cronista, assim, a partir da enumeração destas qualidades, como uma "pessoa de destaque" – para roubar expressão usada no mesmo artigo (*apud.* Magalhães Júnior, 1978, p. 364) –, que não deveria estar sujeita àquele tipo de agressão.

A estratégia empreendida por Paulo Barreto teve bons resultados, tendo sido o artigo lido, no dia seguinte à agressão, na tribuna da Câmara dos Deputados por Maurício de Lacerda, apoiado por outros nomes da casa. Os jornais *A Noite* e *O País* também se posicionaram em apoio ao "ilustre escritor" (Magalhães Júnior, 1978, p. 366) e a redação de *A Pátria* encheu-se com os diretores de *A Folha* –



Medeiros e Albuquerque – e do *Jornal do Comércio* – Félix Pacheco –, deputados, um senador – Irineu Machado – e diversos homens da imprensa. O próprio Rui Barbosa, de Palmira, telegrafou sua solidariedade ao jornalista agredido e, de São Paulo, enviou em cartão seu protesto contra a agressão, o também escritor, Monteiro Lobato – que não nutria nenhuma simpatia específica por João do Rio. Até mesmo Lima Barreto, que já havia manifestado por diversas vezes seu desgosto perante a pessoa de João do Rio, meses depois, chegou a manifestar sua desaprovação da conduta do capitão Vilar. Ainda, também o Senado de Portugal aprovou um voto de solidariedade ao brasileiro.

No Rio de Janeiro, porém, a Ação Social Nacionalista organizava passeatas em apoio ao capitão Vilar e a redação do *Gil Blas* voltava a atacar João do Rio. Em artigo escrito por Antonio Torres, mais uma vez as agressões vinham recheadas de comentários de cunho racista, homofóbico e gordofóbico, inferindo pertencer o cronista ao rol de "pederastas passivos" aos quais os pescadores brasileiros sabiam matar, descrevendo-o como "manta de toucinho" e relacionando-o ao estigmatizado Largo do Rocio, nas cercanias do qual havia nascido e morado durante parte de sua vida. O artigo fazia, ainda, referência à origem "nobre" alegada por Paulo Barreto em seu escrito, afirmando que o autor se dizia fidalgo "*apesar* da sua beijorra etiópica e do seu prognatismo camítico" (Magalhães Júnior, 1978, p. 368, grifos nossos).

Analisando o texto de Torres, João Carlos Rodrigues (2010, p. 259) aponta que "[p]oucas vezes no Brasil um jornalista ofendeu tanto um colega de profissão, e por tão pouco". O biógrafo atribui, porém, parte da veemência dos xingamentos ao fato de Antônio Torres haver sido àquele tempo aprovado em concurso do Itamaraty para oficial de chancelaria e, esperando sua nomeação, sentir que devia tomar o partido do governo. Não importando, porém, os motivos que o levaram a exaltar-se, os insultos proferidos por Torres tocam justamente nos pontos em que a representação empreendida por Paulo Barreto é estremecida, aqueles pontos que, no imaginário social corrente, não coadunavam com a imagem de um intelectual da elite carioca.

Não foi este o fim da contenda envolvendo os pescadores portugueses e a disputa seguiu pelos meses seguintes entre os partidários dos nacionalistas e os antigovernistas, com João do Rio sempre atuante neste grupo. Nesse contexto, *A Pátria* cresceu a ponto de tornar-se sucesso de vendas, mas seu diretor não

recuperou o trânsito fácil que tinha, até pouco tempo antes, entre as elites e o meio diplomático. Com o passar do tempo, reduzindo-se as tensões, Paulo Barreto, na tentativa de atíçar novamente o público, chegou a esquematizar um atentado falso à redação de *A Pátria* e, não dando certo, à sua residência, falhando também nesta empreitada. Criticava implacavelmente o presidente e, em troca, era tido como um jornalista "vendido" aos interesses dos portugueses, acusação com a qual o autor não se identificava e fazia questão de sempre refutar. Em junho de 1921, foi publicado seu derradeiro livro, *O rosário da ilusão*, falecendo o autor no mesmo mês.

Em 23 de junho de 1921, cansado após um dia de intenso trabalho na redação de *A Pátria*, João do Rio tomou um táxi para sua casa em Ipanema. No Catete, sentindo-se mal, pediu que o motorista parasse o carro e lhe solicitou um copo d'água. Morreu ali mesmo, antes que pudesse ser atendido. A notícia rapidamente se espalhou pela cidade que, por vinte anos, serviu de principal mote para sua escrita. Na academia, nenhum dos colegas discursou a saudade do cronista falecido na solenidade da sessão realizada após sua morte – indicativo da distância que tomou o jornalista no fim de sua vida da casa em que tanto lutara para adentrar.

O enterro de Paulo Barreto foi um evento memorável na história do Rio de Janeiro. Participaram do velório jornalistas, intelectuais, artistas e homens de Estado, estes entre ex-presidentes, ex-ministros, deputados e ex-deputados, além de comerciários, cocotes, sindicalistas e capoeiras. Uma amostra da vastidão do capital social que soube articular o cronista ao longo de sua vida. Clubes carnavalescos, clubes de futebol, instituições governamentais e organizações da sociedade civil enviaram telegramas, coroas de flores ou se fizeram representar por seus estandartes. A colônia portuguesa compareceu em peso e os taxistas se ofereceram para conduzir de graça aqueles que quisessem ir até o cemitério. Os acadêmicos juntaram-se à multidão que acompanhava o féretro, formando um cortejo de aproximadamente cem mil pessoas. O falecimento, como a cerimônia fúnebre, foi noticiado em diversos veículos nacionais e internacionais (Beting, 2014, p. 357), inclusive naqueles que não cessavam em criticar o cronista.

Nos elogios fúnebres, a constatação da consolidação de parte do projeto do autor por parte daquele que, mais tarde, ocuparia sua cadeira na Academia. Escreveu Ribeiro Couto: "Paulo Barreto, que ontem morreu, foi nestes últimos tempos a figura máxima de vencedor nas letras" (*apud*. Magalhães Júnior, 1978, p.

384). Em necrológio sensível, resumiu a trajetória do cronista e identificou: "O Rio de Janeiro, o de ontem como o de agora, vive na obra de Paulo Barreto" (*apud*. Magalhães Júnior, 1978, p. 384).

Sua morte, cercada de pompa e circunstância, amplamente noticiada na imprensa, acompanhada pelos mais ilustres membros da alta sociedade carioca, assim como dos mais simples trabalhadores da cidade e muito sentida pela colônia portuguesa é a alegoria perfeita de uma vida que sintetizou em si e em sua obra as contradições e incompatibilidades do avanço implacável da modernidade na sociedade carioca. O jovem, nascido de família interracial, habitante dos arredores da estigmatizada Cidade Nova, parente pobre da elite agrária, educado nos ditames positivistas, tornou-se um destacado profissional da imprensa e, com isso, um homem das letras. Enfrentou a resistência dos círculos intelectuais e das elites políticas, mas, articulando com maestria seu amplo capital social, atingiu o circuito mais central da intelectualidade da República brasileira, onde permaneceu tendo que gerenciar diversos conflitos com seus membros mais centrais e, mais tarde, com a nova geração que ali ingressava. Isolado no fim de sua vida, morreu morador daquele que mais tarde se tornaria um dos bairros mais cobiçados do Rio de Janeiro, sem ter alcançado o sonho de tornar-se parte da elite política do novo regime. Foi enterrado, como verdadeiro republicano, em um cortejo que reuniu as diversas classes sociais da cidade em que viveu, cresceu e sobre a qual, por toda a sua vida, escreveu.

## 5 Considerações finais

Depois de sua morte, a memória do autor que soube tão bem observar a cidade em que estava inserido foi gradualmente apagada. A alcunha de Paulo Barreto, que batiza uma rua pequena no bairro de Botafogo, não aparece nas livrarias ou em uma simples busca na *web*. É, em geral, substituída pelo nome pelo qual o autor foi mais conhecido, aquele que carrega intrínseca relação com a cidade, mas mesmo este foi por longo tempo esquecido. A partir de fins da década de 1970, porém, a obra e a biografia de João do Rio foram recuperadas por alguns brilhantes intelectuais em trabalhos cuja completude da análise pode fazer parecer este, aqui desenvolvido, desnecessário, ou até obsoleto. Foram, porém, estas pesquisas, material fundamental para o argumento aqui proposto: o de que a habilidade singular de Paulo Barreto na compreensão das forças em disputa no processo de formação do campo intelectual carioca da Primeira República o possibilitou construir para si mesmo a representação – e a forma textual – a partir da qual se inseriria nessa contenda, de onde atuaria na mediação entre a cultura elitizada dos salões e a cultura popular das ruas.

Em um cenário em que as forças da República nascente pressionavam para o avanço de uma segregação que impunha suas bases sobre o cotidiano dos cidadãos, Paulo Barreto foi capaz de, não apenas revelar a imagem com que buscavam identificar-se essas forças, incorporando-a à sua representação de si mesmo e a seus textos, mas também de observar atentamente para além dessa imagem construída. Nesta empreitada, o cronista detectou o duplo, a contradição não resolvida pelo avanço das forças modernizadoras, que foi capaz de plasmar em seus textos, com um estilo de escrita que soava leve e despreocupado. Não só, por suas características físicas e pessoais, representava em sua própria pessoa essas mesmas contradições, fato que teve impacto inegável em sua trajetória como intelectual.

No Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX, o avanço da modernidade republicana encontrou na heterogeneidade e fragmentação sociais barreiras significativas para seu avanço, não tendo alternativa que não a sagração do Estado como entidade superior que, autoritariamente, se propunha a organizar

essa disputa. Ao ser imposta, porém, “de cima para baixo”, a ordem institucional revela sua fragilidade para ordenar o vigoroso mundo popular, que se caracterizava por sua recusa ao universo da política institucional. Foi produzida, assim, uma imagem dicotômica de cidade (CARVALHO, M. A. R., 1994) que, até a contemporaneidade, permanece pouco alterada, em que o mundo popular e o mundo da política convivem quase que paralelamente, partilhando espaços muito próximos, mas instituindo regras próprias a cada um, sem um sentimento republicano que tenha sucesso em submeter a vontade individual a uma vontade geral.

Como poucos em seu tempo, Paulo Barreto não apenas enxergou esses dois mundos, mas transitou entre ambos. Nascido nas franjas onde confundem-se o mundo popular e o mundo das instituições – característica fundamentada tanto pelo local onde nasceu, quanto por sua constituição familiar –, cresceu ao mesmo tempo em que também amadureciam as divisões entre estes dois universos. A separação lhe era nítida e o autor afirmava sempre que apenas estes dois grupos, em uma cidade, o interessavam – os debaixo e os de cima, a canalha e os encantadores, a miséria e a Frívola City. Seu projeto pessoal era nítido a qualquer pessoa que se dedicasse à observação de suas ações e escolhas: pertencer à modernidade e às classes que com ela se afinavam.

Não apenas atento à cidade, soube também ler o campo dos possíveis que para ele se abriam, iniciando a consolidação de seu projeto a partir da imprensa, em cujos quadros novos postos estavam sendo abertos, graças aos avanços tecnológicos e seu impacto nos periódicos. Atento aos novos públicos que se formavam, soube, aproveitando da efemeridade do veículo em que publicava, adaptar a forma textual produzida para angariar um crescente número de leitores – mesmo entre públicos que não tinham a leitura como hábito. Nesse processo, impactou permanentemente o modo de fazer jornalismo no Brasil, contribuindo para a aceleração de mudanças que já estavam em curso em outros países e que podem ter levado à ampliação das bases da cidadania no cenário brasileiro. Criou, na interseção entre o jornalismo e a arte literária, um gênero textual propriamente brasileiro – propriamente carioca –, que alcançou públicos estelares e desafiou as normas de comportamento da intelectualidade da época: a crônica moderna.

No empenho de consolidação de seu projeto pessoal de ascensão social e financeira, Paulo Barreto foi capaz, como poucos, de identificar a importância do

capital social na República nascente. De valor tão grande quanto – ou até maior que – o capital financeiro, conhecer e ser conhecido pelas pessoas certas era passo fundamental na ascensão social no Rio de Janeiro da República Velha. Constituíase como meio através do qual era possível obter nomeação para cargos em instituições públicas e privadas, ou simples referendo do capital político acumulado. Não só Barreto compreendeu a importância deste capital, articulando a influência de conhecidos da família e próprios ao longo de toda a sua vida na conquista de seu lugar social, mas também ampliando seu leque de conhecidos até os seus últimos dias, sem se limitar aos integrantes das classes mais abastadas.

Principalmente, soube mobilizar este capital social para auxiliar na construção de sua representação no interior dessas elites. À medida em que se aproximava, cada vez mais, do grupo dos intelectuais e das elites, Barreto captou as bases de suas representações e construiu para si um papel semelhante, incorporado pela figura de seu alter-ego público, João do Rio. Útil à sacração de seu projeto pessoal, a figura pública reproduzia tudo aquilo que deveria ser a imagem de um intelectual na concepção carioca de então. Se "a transformação da cidade era indissociável da transformação de seus habitantes" (O'Donnell, 2017, p. 24), estava também diretamente relacionada à transformação de Paulo Barreto em João do Rio, autor que incorporou em si o repertório da modernidade que avançava e tematizou-o infindavelmente em seus escritos.

O enterro republicano, que contou com representantes de diversos setores da sociedade, do Rio de Janeiro e de outros lugares do mundo permite ao leitor contemporâneo entrever o tamanho da figura que ali se projetava. Homem marcado pela negritude, pela gordura, pela performance de gênero desviante e pelo estigma da homossexualidade, João do Rio criou formas de burlar as barreiras que se impunham à sua ascensão, tendo que enfrentar a resistência de diversos setores da intelectualidade, mesmo uma vez reconhecido como parte dela.

Menos de um ano depois da morte do cronista, um grupo de jovens artistas baseados em São Paulo organizou, no Theatro Municipal desta cidade, uma exposição que marcou a história da arte brasileira. A Semana de Arte Moderna teve como um de seus principais animadores o pintor Di Cavalcanti e, na literatura, marcou o início de uma nova fase do fazer literário nacional. Os jovens artistas propunham uma nova estética que se inspirava nas vanguardas europeias e incorporava os temas locais propondo repensar a identidade nacional. O evento

marca, no estudo da literatura brasileira, o início do movimento que ficou conhecido como modernismo.

Após este fato, o esquecimento a que foi relegada a obra de João do Rio esteve diretamente relacionado à classificação de seu trabalho como "pré-modernista". Esta categoria, porém, é insuficiente para abarcar a potência de um texto que, em um movimento verdadeiramente antropofágico, repetia o uso dos recursos da imprensa estrangeira sem perder de vista a realidade urbana em que se inseria e para a qual tinha um olhar extremamente cuidadoso. Nesse procedimento, recriou um gênero que passou a representar – e seguiu representando, até, pelo menos, o fim do século XX<sup>75</sup> – esse Brasil que se queria cada vez mais moderno, mas não se dispunha a confrontar suas contradições estruturais. Um gênero nascido nas frestas entre a alta cultura dos salões e a cultura popular das ruas; entre as elites e as camadas médias urbanas, entre o elitismo de um grupo de intelectuais europeizados e a ascensão de um jovem jornalista negro de origem humilde e tido como homossexual através de seu alter-ego. Um gênero, como seu autor, fruto do momento histórico em que veio ao mundo, mas que nele imprimiu relevante impacto, redefinindo o próprio papel social do escritor em sua geração e nas que o seguiram. É a partir de João do Rio que começa a se consolidar a figura do cronista, aquele que vai à rua buscar inspiração, que ficcionaliza o cotidiano e publica em tom leve, carregado de ironia, nos jornais da cidade. Uma figura que, até hoje, marca as esquinas da cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>75</sup> Sobre a popularidade da crônica em fins do século XX, discorre Sylvia C. Blynn-Avanosian (1993).

## 6

## Referências

## Obras do autor:

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

\_\_\_\_\_. **As religiões no Rio**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

\_\_\_\_\_. **Crônica Folhetim Teatro**. 2 ed. São Paulo: Carambaia, 2019a.

\_\_\_\_\_. O bebê da tarlatana rosa. **Biblio.com.br**, [s.d.] Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/conteudo/PauloBarreto/obebede.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

\_\_\_\_\_. **O momento literário**. s.l.: LD Títulos, 2019b.

\_\_\_\_\_. **Vida Vertiginosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

## Demais autores:

A IMPRENSA carioca. **Revista da semana**, Rio de Janeiro, a. 13, v. 675, 19 abr. 1913, p. 14. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/025909/per025909\\_1913\\_00675.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/025909/per025909_1913_00675.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2023.

A NOITE. Rio de Janeiro: Empresa Jornalística A Noite, 1911-1964. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/noite/348970>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4 ed.. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Paulo Barreto** – pseudônimo: João do Rio. Perfil do Acadêmico. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/paulo-barreto-pseudonimo-joao-do-rio>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

AGRA, Giscard Farias. A doença como vetor de (re)construção do sujeito: Humberto de Campos e sua busca por redenção (1928-1934). In: 16º SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande/ Universidade Estadual da Paraíba, 2018. Disponível em: <[https://www.16snhet.sbhc.org.br/resources/anais/8/1535988556\\_ARQUIVO\\_SeminarioNacionaldeHistoriadasCiencias-GiscardAgra\(enviar\).pdf](https://www.16snhet.sbhc.org.br/resources/anais/8/1535988556_ARQUIVO_SeminarioNacionaldeHistoriadasCiencias-GiscardAgra(enviar).pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2023.



ANTELO, Raúl. **João do Rio: o dândi e a especulação**. Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbre Editores, 1989.

ANTELO, Raúl. João do Rio = Salomé. In: In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

BARBOSA, Marinalva. Imprensa, Poder e Público: Os diários de Rio de Janeiro (1880-1920). **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 20, n. 2. pp. 87-102.

BENJAMIN, Walter; LACIS, Asja. Naples. In: BENJAMIN, Walter. **Reflections: Essays, Aphorisms and Autobiographical Writings**. New York; London: Helen and Kurt Wolff, [s.d.]. Disponível em: [https://eclass.uth.gr/modules/document/file.php/ARCH\\_U\\_104/WalterBenjaminAsjaLacis\\_Naples.pdf](https://eclass.uth.gr/modules/document/file.php/ARCH_U_104/WalterBenjaminAsjaLacis_Naples.pdf). Acesso em 04 ago. 2022.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 185 f.. Tese (Doutorado em Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BETING, Graziela. **Du feuilleton à la chronique, une histoire croisée de la presse entre France et Brésil (1830-1930) à partir le parcours de ses journalistes et écrivains**. 2014. 427 f.. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação) – Université Panthéon-Assas, Paris, 2014.

BHABHA, Homi K. A questão outra. In: RIBEIRO SANCHES, Manuela (org.). **Deslocalizar a Europa**. Lisboa: Cotovia, 2005.

BLYNN-AVANOSIAN, Sylvia C.. A crônica brasileira: Gênero literário representando o espírito do Modernismo e a capacidade de conservar o Humanismo na Modernidade. **Mester**, v. 22, n. 1, 1993. p. 53-65. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/969656d6>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOMENY, Helena. **Reformas educacionais**. s.d.. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REFORMAS%20EDUCACIONAIS%20.pdf>. Acesso em 05 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 8 ed.. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Coleção estudos, 20).

\_\_\_\_\_. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. 9. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. pp. 159-166.

\_\_\_\_\_. **Les règles de l'art**: genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Undoing Gender**. New York; London: Routledge, 2004.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 13 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2019.

\_\_\_\_\_. **O discurso e a cidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2016.

CARVALHO, Bruno. **Cidade Porosa**: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Irineu Marinho**: Imprensa e cidade. São Paulo: Globo, 2012.

\_\_\_\_\_. O samba, a opinião e outras bossas... na construção republicana do Brasil. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José. **Decantando a República**: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.

\_\_\_\_\_. **Quatro Vezes Cidade**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: crepúsculo da Ouvidor. In: GORELIK, Adrián; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org.). **Cidades sul-americanas como arenas culturais**. São Paulo: Edições SESC, 2019.

CARTOGRAMMA do CholeraMorbus na cidade do Rio de Janeiro: durante o anno de 1895. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Sanitário Federal (Imprensa Nacional), 1896. 1 planta, 60 x 76cm. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart530275/cart530275.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart530275/cart530275.jpg)>. Acesso em: 17 maio 2023.

CASTRO, Ruy. João do Rio. In: CASTRO, Ruy. **Ela é carioca**: uma enciclopédia de Ipanema. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COELHO, Frederico Oliveira. Espaço Urbano e Música Popular no Rio de Janeiro: Diálogos e conflitos. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 17, no 1, p. 81-98, jan/jun 2004. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/174/174>>. Acesso em 24 out. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6., jul. 1991, pp. 1241-1299. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1229039>>. Acesso em 10 jun. 2023.

DA SILVA, Thiago Campos. **A cor da cidade: raça, controle social e reformas no Rio de Janeiro (1890-1906)**. Niterói, 2022. 208 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <[https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2567/projeto/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Thiago\\_Campos\\_da\\_Silva.pdf](https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2567/projeto/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Thiago_Campos_da_Silva.pdf)>. Acesso em: 17 maio 2023.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. (Edições do Senado Federal, v. 1).

FERREIRA, Jairo. Mídia, jornalismo e sociedade: a herança normalizada de Bourdieu. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 2, n. 1, jan-jun 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2087>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

**GAZETA de Notícias**. Rio de Janeiro, RJ: Typ. da Gazeta de Notícias, 1875-1956. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad.: Maria Célia Santos Raposo. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio: velas do vício, ruas da graça**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Prefeitura, 1996.

\_\_\_\_\_. Representações Sociais e a Crônica, seus Suportes e as Malhas do Tempo: do Jornal ao Livro. In: INTERCOM 2004: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – COMUNICAÇÃO, ACONTECIMENTO E MEMÓRIA. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

JOÃO do Rio. **De lá pra cá** [Seriado]. Direção: José Araripe Jr. Apresentação: Ancelmo Gois e Vera Barroso. Rio de Janeiro: TV Brasil, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2ySMxHsIS3U&t=622s>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

LEÃO, Andréa Borges. **Brasil em imaginação**: livros, impressos e leituras infantis (1895-1915). Fortaleza: INESP, UFC, 2012.

LUKÁCS, Georg. **A alma e as formas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978. (Coleção Vera Cruz: Literatura brasileira; v. 245).

MANNHEIM, Karl. A sociologia do conhecimento. MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 287-330.

MARTINS, Luís (org.). **João do Rio**: uma antologia. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec, 2017.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lira Mensageira**. São Paulo: Todavia, 2022.

MOTA, Isabela; PAMPLONA, Patrícia. **Vestígios da paisagem carioca**: 50 lugares desaparecidos do Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

MOURA, Eloisa Silva. Estudo da Crônica. In: UNISUL CONTEXTO, 3., 2008, Tubarão. **Anais eletrônicos**. Palhoça, SC: Editora UNISUL, 2008. Disponível em: <[http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos\\_2008b/eloisa\\_moura.pdf](http://paginas.unisul.br/agcom/revistacientifica/artigos_2008b/eloisa_moura.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2022.

NACIF, Maria Cristina Volpi. O traje de João do Rio: um dândi decadente nos trópicos. **Revista interfaces**, n. 15, v. 2, jul-dez. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/download/30107/17018>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

NOVAES, Aline da Silva. **João do Rio e seus cinematographos**: o hibridismo da crônica da *belle époque* carioca. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2015.

O'DONNELL, Julia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O'DONNELL, Julia; JOGAIB, Lara (org.). **A cidade**: João do Rio. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2017.

**O GATO:** album de caricaturas. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1911-1913. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gato-album-caricaturas/365718>. Acesso em: 24 ago. 2023.

**O PAIZ.** Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1884-1934. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade:** visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

PETERS, Gabriel. Pierre Bourdieu (1930-2002). In: TELLES, Sarah Silva; OLIVEIRA, Solange Luçan de (org.). **Os sociólogos:** de Auguste Comte a Gilles Lipovetsky. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.

PONCIONI, Claudia; CAMILOTTI, Virginia. **Muito d'alma:** cartas de Paulo Barreto (João do Rio) a João de Barros – 1909-1921. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Garamond, 2015.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras.** São Paulo: Boitempo, 2015.

RESENDE, Beatriz (org.). **Cronistas do Rio.** Rio de Janeiro: José Olympio; CCBB, 1995.

**REVISTA da Semana.** Rio de Janeiro, RJ: Offic. da Revista da Semana, 1900-1959. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-semana/025909>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

RIBEIRO, Cláudia Gonçalves. **João do Rio e as ruas do Rio.** 2013. 214 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9745/Disserta%E7%E3o%20Completa3.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 27 mar. 2023.

RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio:** vida, paixão e obra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **João do Rio – o poeta e a cidade:** o olhar de *flâneur* na *belle époque* tropical. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SAHLINS, Marshall. Experiência individual e ordem cultural. In: SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática.** Rio de Janeiro: Ufrj, 2007.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Deslocalizar a "Europa":** antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.). **Malhas que os impérios tecem:** textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos:** ensaios sobre dependência cultural. 2 ed.. Rio de

Janeiro: Rocco, 2000. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5700441/mod\\_resource/content/1/Santiago\\_O%20entre-lugar%20do%20discurso.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5700441/mod_resource/content/1/Santiago_O%20entre-lugar%20do%20discurso.pdf)> Acesso em: 06 abr. 2023.

SANTOS, Frima. Isadora Duncan, mito da dança que ‘baila’ na Cascatinha da Tijuca para João do Rio. **O Globo**, 13 set. 2017, Cultura. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/isadora-duncan-mito-da-danca-que-baila-na-cascatinha-da-tijuca-para-joao-do-rio-21787099#>>. Acesso em 28 fev. 2023.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **João do Rio: um dândi na cafelândia**. São Paulo: Boitempo, 2004. (Coleção Pauliceia).

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **cadernos pagu**, n. 28, jan.-jun. 2007, p. 19-54. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 07 jul. 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Fábio José da. **O Dandi e o boêmio: João do Rio e Lima Barreto no mundo literário da Primeira República**. 2008. 157 f. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91290/260689.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SILVA, Marcos. Educação escolar na época do Império Brasileiro. In: SILVA, Marcos. **História da Educação Brasileira**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009. Disponível em:

<[https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17001014122012Historia\\_da\\_Educacao\\_Brasileira\\_Aula\\_6.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/17001014122012Historia_da_Educacao_Brasileira_Aula_6.pdf)>. Acesso em: 06 jun. 2023.

SINDER, Valter. **Configurações da narrativa: verdade, literatura e etnografia**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2002. (Teoría y crítica de la cultura y literatura; vol. 21).

SOUZA, Luiza Almeida Baptista. **José do Patrocínio no pós-abolição: um estudo sobre a sua atuação na República do século XIX (1888-1895)**. 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em:

<<https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/18450/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Luiza%20Almeida%20Baptista%20de%20Souza%20-%202021%20-%20Completa.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

URIARTE, Urpi Montoya. Cronistas da cidade e cultura urbana em inícios do século XX: Os costumbristas de Lima e João do Rio. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 9, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/254>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WERNECK VIANNA, Luiz. Os "simples" e as classes cultas na MPB. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José. **Decantando a República**: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. São Paulo: Nova Fronteira, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.



## Anexo 1: mapa da vida e obra de João do Rio

